

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Analiz Bordignon

**UM BRINDE AO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO, INCENTIVADOR  
E DIVULGADOR DA CULTURA ITALIANA EM VALE VÊNETO/RS**

Santa Maria, RS  
2019



**Analiz Bordignon**

**UM BRINDE AO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO, INCENTIVADOR E  
DIVULGADOR DA CULTURA ITALIANA EM VALE VÊNETO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientadora: Dra. Glaucia Vieira Ramos Konrad

Santa Maria, RS  
2019



Bordignon, Analiz

Um brinde ao Padre Clementino Marcuzzo, incentivador  
e divulgador da cultura italiana em Vale Vêneto/RS /  
Analiz Bordignon.- 2019.

187 p.; 30 cm

Orientadora: Glaucia Vieira Ramos Konrad  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2019

1. Marcuzzo, Clementino (1927-2009) 2. Museu do  
Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM) 3. Patrimônio  
Cultural 4. Vale Vêneto 5. Quarta Colônia de Imigração  
italiana I. Vieira Ramos Konrad, Glaucia II. Título.

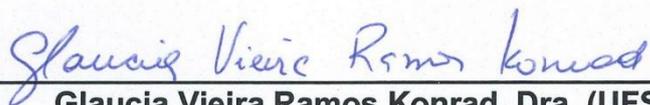


**Analiz Bordignon**

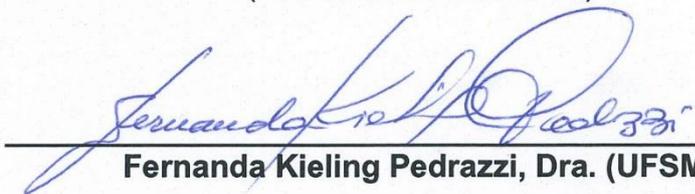
**UM BRINDE AO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO, INCENTIVADOR E  
DIVULGADOR DA CULTURA ITALIANA EM VALE VÊNETO/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

**Aprovada em 17 de dezembro de 2019:**



**Glauca Vieira Ramos Konrad, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



**Fernanda Kieling Pedrazzi, Dra. (UFSM)**



**Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Dra. (Unisinos)**

Santa Maria, RS  
2019



## AGRADECIMENTOS

Ao término dessa jornada de estudos, gostaria de agradecer às pessoas que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho:

A Deus, pela vida e pela força nos momentos difíceis.

À Universidade Federal de Santa Maria, por me proporcionar um ensino gratuito e de qualidade.

À professora Glaucia Viera Ramos Konrad, pela orientação e por ter acreditado no meu trabalho.

Aos professores membros da banca, André Cordenonsi, Fernanda Kieling Pedrazzi e Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões que contribuíram para a conclusão do trabalho.

Aos meus familiares, que estiveram ao meu lado durante esse período, suprimindo necessidades e entendendo minha ausência.

Ao meu filho, Thomaz, minha motivação para seguir em frente e nunca desistir, pelos momentos que me privei de seu convívio.

À Jacinta Pivetta Vizzotto, pelos conselhos, ideias e materiais emprestados, sempre disposta a me ajudar.

Aos colegas e professores, pela troca de experiências e conhecimento.

Ao colega Anderson Machado, pela dedicação na elaboração do projeto gráfico.

Ao grupo do MIEM, pelo trabalho, dedicação e esforço em preservar a história dos nossos antepassados.

Aos colegas de trabalho da Biblioteca Setorial do CCSH, pelo apoio e compreensão, em especial, Cleusa Maria Pasetto Stochero e Jusélia Paula da Silva.

À Célia Terezinha Foletto, pelas palavras de motivação e pela amizade construída.

À Daniele Erthal, pelas contribuições e pelas risadas.

Ao Luiz Marcuzzo, pelas informações e materiais disponibilizados.

À Célia Sartori Bordignon, Lino Pivetta, Jandira Marcuzzo Pivetta e Inês Marcuzzo, pelas informações e pela disponibilidade em colaborar com esta pesquisa.

À Cleuse, pela atenção e pelos materiais disponibilizados do Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora para este trabalho.

À arquivista Cristina Strohschoen dos Santos pelo auxílio na digitalização das fotografias e documentos.

Por fim, agradeço a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho. Muito obrigada!



## RESUMO

### UM BRINDE AO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO, INCENTIVADOR E DIVULGADOR DA CULTURA ITALIANA EM VALE VÊNETO/RS

AUTOR: Analiz Bordignon  
ORIENTADORA: Glauca Vieira Ramos Konrad

Esta dissertação tem como tema central a trajetória do Padre Clementino Marcuzzo na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em especial o Distrito de Vale Vêneto, pertencente ao município de São João do Polêsine (RS). A pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo da pesquisa é contar a história de vida do Padre Clementino Marcuzzo e compreender como agiu e articulou suas ações, no intuito de promover a cultura italiana e divulgar a região. O desenvolvimento deste estudo teve como base a pesquisa bibliográfica para a contextualização do tema, bem como a pesquisa documental, cujas principais fontes foram as fotografias, os livros, os manuscritos, os recortes de jornais e as pesquisas produzidas pelo religioso e encontradas em seu acervo documental no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), localizado em Vale Vêneto. A partir da análise dessa documentação, foi possível constatar como o sacerdote construiu suas ações culturais e festivas, que trouxeram visibilidade à localidade, evitando que a cultura italiana e a região ficassem esquecidas. Além disso, sua atuação elevou a autoestima dos moradores locais, a maioria descendentes de italianos, fortalecendo o sentimento de identidade e pertencimento. Como produto final, será elaborada uma exposição temporária do Padre Clementino Marcuzzo, destacando sua trajetória, atuações e contribuições, a fim de mostrar e divulgar o legado deixado à comunidade que tem o sacerdote como uma referência.

**Palavras-chave:** Marcuzzo, Clementino (1927-2009). Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM). Patrimônio Cultural. Vale Vêneto. São João do Polêsine. Quarta Colônia de Imigração italiana.



## ABSTRACT

### **A TOAST TO FATHER CLEMENTINO MARCUZZO, ENCOURAGER AND DISSEMINATOR OF ITALIAN CULTURE IN VALE VÊNETO/RS (BRAZIL)**

AUTHOR: Analiz Bordignon  
ADVISOR: Glaucia Vieira Ramos Konrad

This dissertation has as its central theme the trajectory of Father Clementino Marcuzzo in the region of Quarta Colônia de Imigração Italiana (Fourth Colony of Italian Immigration) in Rio Grande do Sul (Brazilian South), especially the District of Vale Vêneto, belonging to the municipality of São João do Polêsine. The research was conducted at the Graduate Program in Cultural Patrimony, at Federal University of Santa Maria (UFSM – Brazil). The objective of the research is to narrate Father Clementino Marcuzzo's biography and to understand how he acted and articulated his actions, in order to promote Italian culture and divulge the region. The development of this study was based on bibliographic research for the contextualization of the theme, as well as documentary research, whose main sources were the photographs, books, manuscripts, newspaper clippings and research produced by the religious and found in his collection at the Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo – MIEM (an Italian Immigrant Museum), located in Vale Vêneto. From the analysis of this documentation, it was possible to see how the priest built his cultural and festive actions, which brought visibility to Vale Vêneto, preventing the Italian culture and the region from being forgotten. In addition, his performance raised the self-esteem of local residents, mostly descendants of Italians, who strengthened their sense of identity and belonging. The final product coming from this research is the elaboration of a temporary exhibition on Father Clementino Marcuzzo, highlighting his career, performances and contributions, in order to show and disseminate the legacy left to the community that has the priest as a reference.

**Keywords:** Marcuzzo, Clementino (1927-2009). Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM). Cultural Patrimony. Vale Vêneto. São João do Polêsine. Quarta Colônia de Imigração italiana.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – José Marcuzzo e Luiza Giroto, avós paternos de Padre Marcuzzo, com familiares.....	58
Figura 2 – Primeira casa de José Marcuzzo e Luiza Giroto, avós paternos do Padre Marcuzzo.....	59
Figura 3 – Sobrado de pedra basalto, construído em 1916, onde nasceu Padre Clementino Marcuzzo.....	60
Figura 4 – Domênico Bortoluzzi (à esquerda) e Santa Puppín (à direita), avós maternos de Padre Marcuzzo.....	61
Figura 5 – Família de Luiz Marcuzzo e Amábile Maria Bortoluzzi.....	62
Figura 6 – Certidão de Nascimento de Clementino Marcuzzo.....	63
Figura 7 – Capela Sant’Ana, onde Padre Marcuzzo iniciou seus estudos primários.....	65
Figura 8 – Atestado do aproveitamento das disciplinas cursadas pelo Padre Marcuzzo (1944).....	67
Figura 9 – Ordenação sacerdotal de Clementino Marcuzzo na Cripta do Santuário da Medianeira em Santa Maria (1958).....	68
Figura 10 – Lembrança da ordenação sacerdotal de Padre Marcuzzo (1958).....	69
Figura 11 – Primeira missa celebrada por Padre Clementino Marcuzzo (à esquerda), em Vale Vêneto (1958).....	70
Figura 12 – Família na celebração da primeira missa realizada por Padre Marcuzzo em Vale Vêneto (1958).....	71
Figura 13 – Padre Clementino durante cavalgada (2001).....	73
Figura 14 – No CTG Piá do Sul, em Santa Maria, durante homenagem (2003).....	73
Figura 15 – Comemoração dos 50 anos de sacerdote do Padre Marcuzzo junto com outros religiosos (2008).....	74
Figura 16 – Diploma do Curso de Comunicação Social – Jornalismo; (a) frente e (b) verso (1979).....	77
Figura 17 – Jornal O Radar, criado pelo Padre Marcuzzo (1975).....	78
Figura 18 – Padre Marcuzzo na divulgação da Revista Rainha.....	79
Figura 19 – Padre Marcuzzo participando no Programa do Chacrinha (1974).....	80
Figura 20 – Padre Marcuzzo com autoridades políticas no Museu Padre João Iop.....	81
Figura 21 – Fotografias encontradas no acervo pessoal do Padre Clementino Marcuzzo, no MIEM.....	82
Figura 22 – Negativos de fotografias (à esquerda) e <i>slides</i> (à direita) do acervo pessoal do Padre Marcuzzo, no MIEM.....	83
Figura 23 – Fitas cassete (à esquerda) e fitas VHS (à direita) encontradas no acervo pessoal de Padre Clementino Marcuzzo, no MIEM.....	84
Figura 24 – Recortes de jornais (à esquerda) e pesquisas (à direita) encontrados no acervo pessoal de Padre Marcuzzo, situado no MIEM.....	84
Figura 25 – Livros (à esquerda) e revistas (à direita) encontrados no acervo pessoal de Padre Marcuzzo, situado no MIEM.....	85
Figura 26 – Objetos encontrados no acervo pessoal do Padre Marcuzzo, no MIEM.....	86
Figura 27 – Exposição fotográfica dos casarões registrados pelo Padre Marcuzzo, no MIEM.....	87
Figura 28 – Livros e folhetos publicados pelo Padre Clementino Marcuzzo.....	88
Figura 29 – Padre Marcuzzo na sessão de autógrafos do livro “Vale Vêneto: um pedaço da Itália no Brasil” (1985).....	93
Figura 30 – Resposta à correspondência solicitando informações sobre a família Piaia (2001).....	95



Figura 31 – Passaporte do Padre Marcuzzo (à esquerda) e Padre Marcuzzo na cidade de Verona, Itália (à direita) .....	96
Figura 32 – Reportagem produzida pelo Padre Marcuzzo para o jornal A Razão (1978) .....	97
Figura 33 – Reportagem produzida pelo Padre Marcuzzo para o jornal Correio do Povo (1981) .....	98
Figura 34 – A máquina de escrever usada pelo Padre Marcuzzo para fazer seus registros.....	99
Figura 35 – Padre Marcuzzo entoando a canção italiana da polenta, junto ao público (1975).....	104
Figura 36 – Padre Marcuzzo durante a inauguração da cancha de bocha em Vale Vêneto (1978).....	105
Figura 37 – Programação do desfile típico elaborada por Padre Marcuzzo para as comemorações do Centenário .....	107
Figura 38 – (a) Desfile típico no Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto (1978); (b) mulheres fazem crochê, tecem roupas e demais artesanatos.....	108
Figura 39 – Moradores locais e o <i>panaro</i> em que foi acondicionada a polenta .....	110
Figura 40 – Nelson e Inês Rorato na festa do presunto em 1976 .....	111
Figura 41 – Cucas produzidas por moradores locais no Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto (1977) .....	112
Figura 42 – (a) Festa dos Motoqueiros (1979) e (b) momento da chegada na 3ª Festa dos Motoqueiros (1981) .....	114
Figura 43 – Primeiro Encontro da Família Marcuzzo em Vale Vêneto, em 1994 ....	117
Figura 44 – Monumento em homenagem à irmã Jacinta Susin, inaugurado em 1992 .....	119
Figura 45 – Padre Marcuzzo na inauguração do monumento em frente à Casa Paroquial de Vale Vêneto que abrigou as primeiras vocações palotinas (1992).....	120
Figura 46 – Homenagem a Padre Marcuzzo na XVIII Festival Internacional de Inverno e XVIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto (2003).....	122
Figura 47 – Registros de manifestações culturais realizadas na Semana Cultural Italiana em Vale Vêneto .....	124
Figura 48 – Padre Marcuzzo no Salão Paroquial de Vale Vêneto em uma das edições do Festival Internacional de Inverno da UFSM e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.....	126
Figura 49 – Banda Umberto Primo criada pelo Padre Marcuzzo (1991) .....	127
Figura 50 – Carta recebida pelo Padre Marcuzzo de ouvintes do Programa Nostri Taliani (1997) .....	129
Figura 51 – Gravador utilizado por Padre Marcuzzo para os programas de rádio que apresentava.....	130
Figura 52 – Fundação do Museu Padre João Iop, em 1975, atualmente denominado MIEM.....	134
Figura 53 – Espaço no MIEM dedicado à memória do Padre Clementino Marcuzzo .....	136
Figura 54 – (a) Monumento da Polenta (1978) e (b) Monumento em homenagem a Antônio Vernier (1978) .....	139
Figura 55 – (a) Monumento simboliza a primeira celebrada em Vale Vêneto em 1879 (b) e primeiros padres Palotinos que chegaram a Vale Vêneto em 1886 .....	140
Figura 56 – Monumento em homenagem a Paolo (Paulo) Bortoluzzi (1998).....	140
Figura 57 – Padre Marcuzzo discursando na visita do governador Alceu Collares a Vale Vêneto (1994) .....	143



Figura 58 – (a) Antigo Hotel Rorato em Vale Vêneto e (b) Hotel Pousada Vêneta (reformado), em meados de 1990 .....	144
Figura 59 – Homenagem recebida no XIV Festival Internacional de Inverno da UFSM e XIV Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto (1999).....	145
Figura 60 – (a) Lembrança de falecimento de Padre Marcuzzo e (b) sepultura do Padre Marcuzzo no cemitério dos padres e irmãos Palotinos em Vale Vêneto .....	147
Figura 61 – Estrada Municipal Padre Clementino Marcuzzo.....	148
Figura 62 – Busto em homenagem ao Padre Clementino Marcuzzo .....	148
Figura 63 – Monumento em homenagem ao Padre Clementino Marcuzzo, situado na Praça do Imigrante em Vale Vêneto.....	149
Figura 64 –Planta baixa do 2º andar (à esquerda) e planta baixa do 3º andar do prédio (à direita), onde está situado o MIEM.....	157



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Nome de ruas sugeridas pelo Padre Clementino Marcuzzo.....	141
---	-----



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALVALE	Associação dos ex-alunos de Vale Vêneto
AVE	Associação Vêneta de Vale Vêneto
MIEM	Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo
RS	Rio Grande do Sul
SACE	Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva
SOME	Sociedade Meridional de Educação
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria



## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	16
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA .....	16
1.3	OBJETIVOS.....	17
1.3.1	<b>Objetivo geral</b> .....	17
1.3.2	<b>Objetivos específicos</b> .....	17
1.4	JUSTIFICATIVA .....	17
1.5	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	19
2	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	21
2.1	PATRIMÔNIO CULTURAL .....	21
2.2	MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	24
2.3	PATRIMÔNIO DOCUMENTAL .....	26
2.3.1	<b>Arquivos pessoais e biografia</b> .....	28
3	<b>METODOLOGIA</b> .....	37
4	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: “DALL’ITÁLIA NOI SIAMO PARTITI, NELLA MERICA NOI SIAMO ARRIVATI”</b> .....	41
4.1	AS MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM OS IMIGRANTES ITALIANOS A PARTIR DA ITÁLIA PARA O BRASIL.....	41
4.2	A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL .....	44
4.3	A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL .....	45
4.4	OS PRIMEIROS ANOS NA QUARTA COLÔNIA .....	47
4.5	FORMAÇÃO HISTÓRICA DE VALE VÊNETO: CENTRO ESPIRITUAL E BERÇO DOS PADRES PALOTINOS .....	50
5	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	57
5.1	A TRAJETÓRIA DE CLEMENTINO MARCUZZO .....	57
5.1.1	<b>Os avós, a família e a infância</b> .....	57
5.1.2	<b>A vocação e o trabalho sacerdotal</b> .....	66
5.1.3	<b>Os primeiros trabalhos de Padre Marcuzzo com a imprensa</b> .....	75
5.1.4	<b>Um homem de muitas habilidades</b> .....	80
5.2	PADRE MARCUZZO: AÇÕES CULTURAIS, FESTAS E CONDECORAÇÕES .....	100
5.2.1	<b>As comemorações do Centenário da Imigração Italiana: marco da valorização da cultura italiana e das festas em Vale Vêneto</b> .....	100
5.2.2	<b>Padre Marcuzzo: “O Repórter da Quarta Colônia”</b> .....	128



5.2.3	<b>Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM): lugar de memória da Imigração Italiana</b> .....	133
5.2.4	<b>Contribuições de Padre Marcuzzo para a preservação da memória de Vale Vêneto</b> .....	136
5.2.5	<b>Homenagens</b> .....	145
6	<b>PRODUTO DA PESQUISA: A EXPOSIÇÃO</b> .....	151
6.1	CONCEPÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO .....	151
6.2	PLANEJAMENTO, ELABORAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO.....	153
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	161
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	165
	<b>APÊNDICE A – PAINEL 1: ABERTURA</b> .....	177
	<b>APÊNDICE B – PAINEL 2: A ORIGEM DA FAMÍLIA</b> .....	178
	<b>APÊNDICE C – PAINEL 3: VOCAÇÃO SACERDOTAL</b> .....	179
	<b>APÊNDICE D – PAINEL 4: PADRE CLEMENTINO E A IMPRENSA</b> .....	180
	<b>APÊNDICE E – PAINEL 5: CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VALE VÊNETO</b> .....	181
	<b>APÊNDICE F – PAINEL 6: PUBLICAÇÕES</b> .....	182
	<b>APÊNDICE G – PAINEL 7: FESTAS</b> .....	183
	<b>APÊNDICE H – PAINEL 8: PADRE MARCUZZO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VALE VÊNETO</b> .....	184
	<b>APÊNDICE I – PAINEL 9: O ACERVO</b> .....	185
	<b>APÊNDICE J – PAINEL 10: HOMENAGENS, CONDECORAÇÕES E RECONHECIMENTOS</b> .....	186
	<b>ANEXO A – TERMO DE DOAÇÃO DO ACERVO DO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO</b> .....	187



## 1 INTRODUÇÃO

Clementino Marcuzzo nasceu em 12 de setembro de 1927 na localidade de Vale Vêneto, que naquela época pertencia ao município de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>. Era neto de imigrantes italianos e viveu sua infância na localidade, onde iniciou seus estudos religiosos, ordenando-se padre Palotino em 1958 na Cripta da Basílica da Medianeira em Santa Maria (RS). Inicialmente, exerceu suas atividades religiosas no município de Santa Maria, sendo posteriormente transferido para outras cidades e estados do Brasil.

Paralelamente ao trabalho sacerdotal, o Padre Clementino Marcuzzo (Padre Marcuzzo, como era conhecido) iniciou a sua vida acadêmica – cursou Filosofia em Augusto Pestana (RS), formando-se em 1964, e estudou Teologia na cidade de São João do Polêsine (RS), finalizando o curso em 1972. Anos mais tarde, para aprofundar seus conhecimentos, ingressou na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde cursou Comunicação Social – Jornalismo, graduando-se em 1979.

Em meados dos anos de 1970, o sacerdote começou a trabalhar com os meios de comunicação e na promoção e divulgação de festas em Vale Vêneto. Os primeiros trabalhos com a imprensa se deram na divulgação da Revista Rainha, periódico da Congregação Palotina, da qual ele fazia parte. Também se ocupou dos festejos do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, estimulados pelo Estado com o Decreto nº 22.410 de 22 de abril de 1973, instituindo o Biênio da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, que motivou as cidades a comemorar a data.

Em 1975, Padre Marcuzzo liderou uma série de iniciativas culturais e festivas em Vale Vêneto que se estenderam até 1978, ano do Centenário da chegada ao local dos primeiros imigrantes italianos, vindos da região do Vêneto, no Norte da Itália. O entusiasmo com as comemorações do Centenário e as atividades na imprensa motivaram o sacerdote a pesquisar sobre a história de seus antepassados, resultando na publicação de livros e artigos para jornais de circulação na Região Central do Estado. Seus saberes e fazeres marcaram a história, principalmente de Vale Vêneto, onde ele se tornou uma referência para a comunidade, elevando a autoestima dos moradores locais.

---

<sup>1</sup> Inicialmente, Vale Vêneto pertenceu ao município de Cachoeira do Sul (RS). Em 1959, foi criado o município de Faxinal do Soturno (RS), do qual Vale Vêneto passou a fazer parte. Atualmente, o Distrito pertence ao município de São João do Polêsine (RS).

Esse trabalho cultural e emancipado nasceu de uma motivação pessoal que produziu um legado material e imaterial para a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana e para os moradores locais. Pode-se ver, perceber e participar desses registros e manifestações, simbolizados nos monumentos, no acervo documental que ele deixou, na criação das festas, publicações de livros e pesquisas que promoveram a cultura italiana e o desenvolvimento da região, que imprimiu nos moradores a valorização de sua identidade e representatividade. Padre Marcuzzo viveu seus últimos anos na Casa de Repouso dos padres e irmãos Palotinos em Santa Maria, no Bairro Patronato, onde faleceu no dia 15 de junho de 2009.

Esta pesquisa não tem como propósito esgotar o tema, mas sim registrar o esforço do Padre Marcuzzo em preservar a cultura italiana, suas manifestações e o desejo de ver sua terra natal, Vale Vêneto, prosperar. Trata-se, portanto, do registro e do reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo sacerdote na Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS – segundo descrito nas palavras dedicadas ao sacerdote no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), ele tinha como uma das preocupações registrar as informações para a posteridade, pois dizia ser consciente da grande importância de guardá-las para a história no futuro, afinal, preservá-las na memória é uma forma de manter viva a cultura de um povo.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A pesquisa tem como delimitação do tema a trajetória de vida do Padre Clementino Marcuzzo, sua atuação e contribuições para a região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS, sobretudo no Distrito de Vale Vêneto, onde ele se destacou pelo trabalho no campo cultural.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Até o momento, foram encontradas poucas pesquisas e registros que dão visibilidade à figura do Padre Clementino Marcuzzo como motivador, promotor, pesquisador e comunicador, demonstrando os trabalhos realizados no campo cultural em prol da cultura italiana e da divulgação da região. Portanto, buscou-se reunir informações com o intuito de responder ao seguinte questionamento: de que forma

Padre Clementino Marcuzzo atuou e qual o legado deixado por ele à Quarta Colônia de Imigração Italiana, em especial Vale Vêneto?

### 1.3 OBJETIVOS

São objetivos deste trabalho os que seguem.

#### 1.3.1 Objetivo geral

Contar a trajetória de vida de Padre Clementino Marcuzzo e registrar suas ações culturais na Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, especialmente, em Vale Vêneto.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- Realizar o levantamento do acervo documental do Padre Marcuzzo, existente no MIEM;
- Analisar a trajetória de vida do sacerdote para entender as motivações que o levaram a desenvolver o trabalho cultural na região da Quarta Colônia;
- Identificar as principais ações culturais realizadas pelo religioso para a promoção da cultura italiana e divulgação de Vale Vêneto;
- Elaborar uma exposição composta de painéis com uma seleção de informações que contam a trajetória de vida e as contribuições do Padre Marcuzzo na Quarta Colônia, sobretudo em Vale Vêneto.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

Padre Clementino Marcuzzo se destacou na valorização e preservação da cultura italiana e na difusão dos eventos que trouxeram visibilidade à Quarta Colônia de Imigração Italiana, principalmente Vale Vêneto. Visando preservar e homenagear a memória de seus antepassados, o sacerdote criou uma série de iniciativas culturais que resgataram antigas tradições italianas que estavam se perdendo.

A visão do Padre Marcuzzo quanto ao potencial cultural da região da Quarta Colônia o motivou a criar eventos e expressivas festas, como a Semana Cultural

Italiana, com projeção nacional e internacional e que ocorre paralelamente ao Festival Internacional de Inverno da UFSM há 34 anos. Nessas festividades, há várias expressões dessa cultura, como a organização e realização de desfiles típicos, a culinária italiana e apresentações culturais. Os visitantes atraídos pela realização desses eventos podem usufruir, testemunhar e conhecer essa realidade, por meio dos monumentos históricos, das construções típicas e do museu, que reúne um dos maiores acervos sobre a imigração italiana no Estado.

Ao perceber a aceitação e a repercussão dos eventos e dos registros históricos, Padre Marcuzzo buscou se qualificar, ingressando no Curso de Comunicação Social – Jornalismo na UFSM para melhor tipificar suas pesquisas, seus registros e suas publicações. Durante anos, atuou em diversas áreas como religioso, comunicador, jornalista, pesquisador e escritor, produzindo e reunindo, ao longo de sua vida, um expressivo acervo documental constituído de fotografias, negativos de filmes, *slides*, recortes de jornais, pesquisas, manuscritos, fitas VHS e cassete; bibliográfico, composto de livros de sua autoria e de temáticas relacionadas à imigração italiana e outros assuntos de seu interesse, além de objetos pessoais, instrumentos de trabalho e vestuário. O acervo que o sacerdote acumulou traz informações acerca de sua vida pessoal, bem como sobre a história local, a religiosidade, as festas, a cultura e a história da imigração italiana.

No entanto, não foi registrado até o momento um estudo de cunho científico mais aprofundado que dê visibilidade à figura do Padre Clementino Marcuzzo como entusiasta das pesquisas e dos eventos que ele promoveu na região. Todo o significado que o sacerdote herdou como descendente de italianos encontrou aceitação e repercussão nos moradores locais, pois estes comungavam das mesmas raízes culturais, de modo que se sentiram motivados a realizar as ações culturais e festivas propostas por ele e que visibilizaram a região.

Portanto, justifica-se que registrar a trajetória individual do Padre Marcuzzo, suas motivações, atuações e participações na história dessa comunidade, é permitir que as gerações futuras conheçam a origem do patrimônio cultural que ele iniciou, bem como o patrimônio documental que ele deixou. Mesmo assim, diante da riqueza das fontes documentais existentes em seu acervo, este trabalho não pretende findar nesta pesquisa, mas almeja que o estudo seja uma fonte para os possíveis futuros trabalhos que poderão ser realizados no acervo que o sacerdote acumulou.

## 1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para uma melhor compreensão, a dissertação foi estruturada em sete capítulos principais. Nesta introdução, foram apresentados a definição do tema, o problema da pesquisa, os objetivos, a justificativa para o desenvolvimento do trabalho e estrutura de apresentação.

O capítulo 2 inclui o referencial teórico que fundamenta a pesquisa para a compreensão e definição dos conceitos de Patrimônio Cultural, Identidade e Memória, Patrimônio Documental, Arquivos Pessoais e Biografia.

No capítulo 3 são descritos os materiais, métodos e procedimentos metodológicos adotados para a trajetória e alcance dos resultados de pesquisa.

O capítulo 4 apresenta a contextualização histórica da Imigração Italiana – da Itália até o Brasil, percorrendo o Rio Grande do Sul, a Quarta Colônia e finalizando com a formação histórica de Vale Vêneto.

A apresentação e análise dos resultados alcançados são descritos no capítulo 5, ressaltando os indícios que denotam a trajetória de vida do Padre Marcuzzo, bem como suas contribuições e principais ações culturais.

O capítulo 6 trata do produto final: a exposição, que traz algumas concepções e definições, assim como sua elaboração, planejamento e divulgação.

Por fim, no capítulo 7, algumas considerações finais, em que são apresentados os objetivos alcançados, a importância da pesquisa e a oportunidade de novos estudos na área.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta a revisão da literatura, cujas fontes bibliográficas foram livros, teses, dissertações, artigos e outros suportes que fundamentam as temáticas da investigação – a saber: Patrimônio Cultural, Identidade, Memória, Patrimônio Documental, Acervos Pessoais e Biografia.

### 2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL

A conceituação da palavra patrimônio evoluiu ao longo do tempo e ganhou novas percepções. Houve uma ampliação de sua noção inicial, na qual o patrimônio estaria associado estritamente à ideia de herança paterna, posses e bens de família, ou seja, que pertencia à pessoa e tinha valor econômico.

A partir do século XVIII, na França, essa concepção passou a ter sentido de propriedade coletiva e os bens móveis e imóveis considerados significativos para a história das nações passaram a ser protegidos pelo Estado, ou seja, por lei. Além do valor artístico e histórico, o patrimônio ganhou um valor político e passou a ser identificado com o Estado, que representava os interesses gerais da nação. Com essas mudanças, o significado da palavra patrimônio deslocou-se de tesouro artístico, que envolvia um pequeno grupo de privilegiados, para histórico-cultural, de interesse de todo Estado-nação (DIAS, 2006).

Nas últimas décadas do século XX, o conceito de patrimônio recebeu uma nova interpretação, não se limitando mais somente a antigos objetos relacionados às representações do poder político, a obras de arte, a sítios arqueológicos, monumentos e conjuntos arquitetônicos. Essa definição foi ampliada e o patrimônio passou a incorporar também os diversos modos de viver, as celebrações, a língua, as festas, a culinária, os usos e costumes, por exemplo. Com essa nova perspectiva, os bens simbólicos foram elevados à condição de patrimônio e a sociedade começou a se motivar, principalmente os grupos minoritários e étnicos, que reivindicaram o reconhecimento de seus referenciais identitários e culturais (PELEGRINI; NAGABE; PINHEIRO, 2010).

No Brasil, a primeira definição legal de patrimônio ocorreu com o Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937).

Mais tarde, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a concepção de patrimônio cultural tornou-se mais abrangente e democrática, representando um avanço na proteção dos bens culturais, se comparado com o Decreto-Lei n. 25/37. A nova legislação substituiu a denominação Patrimônio Histórico e Artístico por Patrimônio Cultural Brasileiro e mudou o conceito de referência cultural e dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial (IPHAN, 2012).

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, art. 216).

Desse modo, o patrimônio cultural passou a ser considerado um conjunto de bens materiais e imateriais, herdados de nossos antepassados e transmitidos aos descendentes com um novo sentido e de acordo com a realidade sociocultural encontrada, sendo uma forma de reforçar a identidade cultural e servindo de ligação entre o passado e o presente. Essa ideia é corroborada por Pelegrini, Nagabe e Pinheiro (2010, p. 154), ao afirmarem que

O patrimônio cultural se refere aos bens materiais e imateriais que caracterizam um povo, nação ou região, levando em consideração o valor histórico-cultural, para a preservação da memória e identidade da humanidade como para sua posteridade. É, portanto, o produto da cultura.

Outro aspecto importante na definição de patrimônio é a compreensão do conceito de cultura, pois para Meneses (2006) o patrimônio ainda hoje possui o sentido de herança e legado histórico e está ligado a nossa cultura. De modo geral, a cultura pode ser entendida como o modo de viver de cada povo, incluindo valores, costumes, tradições e outros hábitos adquiridos pelos homens em sua vivência em sociedade.

De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos (SILVA; SILVA, 2009), a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo, significa tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou imaterial, desde objetos até ideias e crenças. Ou seja, é todo o complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente e que é aprendida independente da questão biológica. Nesse sentido, para Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 5)

A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam. Nesse processo dinâmico de socialização em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade.

Esse conjunto de ideias, experiências e conhecimentos compartilhados por um grupo, das habilidades e comportamentos vivenciados e gradualmente repassados no interior dos grupos familiares, dos mais velhos e experientes para os mais jovens e aprendizes, constitui o que chamamos de patrimônio cultural de um grupo (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2000).

O patrimônio cultural se manifesta como um conjunto de bens e valores, materiais e imateriais, que podem ser tocados ou não, expresso sob diferentes formas, como em imagens, palavras, monumentos, objetos, celebrações, atitudes, usos e costumes. Sua manifestação é assimilada pelo grupo como uma marca que os identifica e adquire um significado comum, que é compartilhado pela comunidade.

Dessa forma, a ideia de patrimônio não está apenas associada à materialidade dos bens, mas também se relaciona àquilo que as pessoas consideram valioso, mais representativo da sua cultura, da sua identidade e da sua história, pois são os significados e valores que as pessoas dão aos lugares, objetos ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade (IPHAN, 2012). Nesse sentido, Ledur (2012) ressalta que o patrimônio cultural não se limita à produção material do homem, mas envolve também a produção intelectual e emocional, ou seja, tudo o que oportuniza o homem conhecer a si mesmo e ao mundo que o cerca pode ser considerado um bem cultural.

Assim, cada sociedade seleciona quais bens melhor representam seus usos, costumes e tradições e que consideram importantes de serem preservados, de acordo como os valores compartilhados pelo grupo. Nesse sentido, os bens patrimoniais

possibilitam conhecer o passado e compreender o presente e fortalecem o processo de construção da identidade cultural da comunidade.

Cada grupo cultural originado de migração possui seu patrimônio cultural, que serve de referencial simbólico para a construção de sua identidade coletiva. Ao identificar esse patrimônio cultural com o território específico – um município, por exemplo –, pode-se reconstituir o passado da comunidade cultural com legitimação dos bens legados, que atenderão, em primeiro lugar, a necessidade de resgate da memória coletiva e da continuidade cultural do grupo. (DIAS, 2006, p. 174).

Desse modo, a partir da memória coletiva, são estabelecidas as relações entre os indivíduos, nas quais são feitas escolhas, com a definição de quais elementos são mais representativos para a comunidade e que devem ser preservados como patrimônio cultural. Tal ação traz uma identidade ao grupo, que além de ser um elemento de diferenciação também tem se tornado um atrativo turístico.

## 2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

A memória começa a ser construída na infância com a vivência, as percepções e as experiências que cada pessoa vai adquirindo no contato com outras pessoas ou grupos. Pollak (1992) afirma que a memória pode ser aquela vivenciada pelo indivíduo ou pode ser adquirida através do grupo ao qual pertence, sendo, nesse caso, uma memória herdada, construída por narrativas e descrições que permite às pessoas imaginar o que não foi possível vivenciar.

Dessa forma, quando não participamos de um acontecimento, dependemos da existência de traços como a escrita, a oralidade e os monumentos para termos acesso ao que ocorreu, a fim de conseguir obter a memória desse acontecimento (VIDAL, 2007). Muitas dessas lembranças têm sua origem no diálogo com o outro, sendo incorporadas como se tivessem sido vividas ou experimentadas pessoalmente. Nesse sentido,

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazemos recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Desse modo, é necessário que as lembranças desses grupos tenham uma relação com os acontecimentos que constituem o passado do indivíduo, para que ele possa completar e reforçar sua memória. Assim, a memória individual, ao se identificar e concordar com outras memórias individuais, forma a memória coletiva, que para Lopez (2008, p. 33) é “o conjunto de registros eleitos pelo grupo como significativos, que estabelece sua identidade, seu jeito de ser e viver o mundo e decorre dos seus parâmetros históricos e culturais”.

Essa capacidade de escolha e memorização diferencia as pessoas e possibilita a construção de novos conhecimentos a partir do passado que ganha sentido ao ser compartilhado no presente. A possibilidade de compartilhamento dessas memórias, ou seja, de sentimentos, saberes e experiências, dá a cada pessoa um senso de pertencimento.

Nesse sentido, ao ser assimilada como uma memória individual, a memória coletiva pode transformar o indivíduo, ajudando-o a se descobrir, a se encontrar consigo mesmo, pois as pessoas sentem a necessidade de encontrar suas origens e de buscar sua própria constituição. Desse modo, segundo Costa e Castro (2008, p. 129), existe sempre uma troca entre as memórias individuais e as memórias coletivas, uma interfere diretamente sobre a outra e a construção de ambas depende “tanto do que se aprende das lembranças individuais e se transferiu para a esfera social quanto do que se ensaiou na esfera social e se reexportou para a memória individual”.

Lopez (2008) salienta que, na memória individual, a pessoa carrega dentro de si suas experiências e impressões acompanhadas de suas aprendizagens. Entretanto, não é possível guardar tudo, porque a memória é seletiva e os critérios de seleção estão relacionados com o que é significativo ou não para a pessoa, dependendo do tempo e do espaço onde os indivíduos vivem e das histórias de cada um. Ou seja, é um conjunto de percepções extraídas das vivências individuais que estão relacionadas com a família, a igreja, a escola, o trabalho e outros grupos que influenciam na formação da memória individual. Dessa forma, a base essencial da memória encontra-se no local onde a pessoa vive, ou seja, na comunidade, que é “o espaço, a estrutura ideal embrionária para que a experiência tenha sustentáculo, aval e sentido para que os fatos, as estruturas, ganhem sentido comunitário ou individual da memória” (ROSSETTO, 2005, p. 183).

Nesse espaço coletivo estão os bens culturais representados pelos monumentos, objetos, fotografias, festas, usos e costumes e demais registros que, ao

serem escolhidos pelo grupo, trazem um sentimento comum de existência e identificação construídas com base no passado. Esse sentimento de pertencimento à determinada cultura contribuiu para a construção da identidade do grupo, porém, cabe lembrar que não são todos os membros do grupo que acionam essas referências. Por exemplo, nem todos os descendentes de imigrantes italianos conhecem ou utilizam o dialeto ou gostam da culinária típica; e os que apreciam não o fazem todo o tempo. Nesse sentido, importa que, ao utilizá-las, essas pessoas estão indo além de se alimentar de determinada comida ou de se comunicar em outra língua: “estão sinalizando sua identidade e ritualizando uma memória coletiva” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 54).

Portanto, a cultura e a memória coletiva são elementos que facilitam a identificação das pessoas umas com as outras, porque partilham de traços em comum, formando, assim, a identidade cultural do grupo. Nesse sentido, para Pollak (1992, p. 5),

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Assim, a memória possui um papel fundamental na formação da identidade, pois cada pessoa ou cada grupo possui um conjunto de pensamentos e lembranças com base em seu passado, em suas origens, que ao ser transmitido e compartilhado entre as pessoas como significativo compõe o patrimônio cultural da comunidade.

## 2.3 PATRIMÔNIO DOCUMENTAL

O homem, no desenvolvimento de suas atividades, emite e recebe um grande volume de documentos que, registrados em algum tipo de suporte material, auxiliam nas diversas formas de agir e pensar. As informações contidas nesses documentos são fonte de pesquisa e prova, pois confirmam fatos e pensamentos do homem em uma determinada época e lugar. São papéis impressos, anotações, manuscritos que servem para registrar a ação do homem por meio de suportes que registram uma grande quantidade de informações a ser preservada. A partir desses registros que

indivíduos, comunidades e nações constroem e preservam sua memória e identidade. Bellotto (2006, p. 35) define documento como

Qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico, pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto unitário, etc. enfim tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela vida humana.

Assim, os documentos são produzidos nas atividades realizadas pelos indivíduos, retratando relações pessoais, profissionais e interesses que, ao serem avaliados em conjunto, podem revelar muitas informações, evidenciando não só a trajetória de vida, mas também contribuindo para esclarecer o contexto histórico, cultural e social de determinados grupos. Tais documentos registram em diferentes tipologias as atividades e as funções do homem, seus saberes e fazeres, ou seja, o resultado da vida do indivíduo em sociedade.

Essas memórias e histórias das pessoas e das instituições constituem-se em patrimônio documental. Entretanto, Lage (2002, p. 15) menciona que

Patrimônio distingue-se de documento por especificar numa determinada cultura alguns elementos, objectos, formas que se consideram particularmente significativos e recebem por isso uma consideração especial, enquanto susceptíveis de serem entendidos como testemunho de existências, de crenças, de formas de viver/sentir, e em tudo isso participando da definição da identidade dos povos, das populações.

Ainda segundo a autora, o conceito de patrimônio documental, embora distinto, está relacionado diretamente ao conceito de documento “no seu duplo sentido de recurso, logo funcional, e de significado, logo cultural [...]” (LAGE, 2002, p. 15). Desse modo, o patrimônio documental vai além da materialização de determinada informação, que foi produzida e registrada pelo homem no exercício de suas atividades. Essas informações primárias contidas nos documentos podem ser úteis e gerar conhecimento ao serem interpretadas, contribuindo para a compreensão do contexto social e cultural no qual a pessoa viveu.

Rodrigues (2016, p. 117) conceitua patrimônio documental como o conjunto de manifestações artísticas, intelectuais ou científicas, originadas da atividade intelectual das pessoas, materializadas por meio dos mais diferentes suportes que registram o conhecimento humano. Para Lage (2002), existe uma relação estreita entre o

patrimônio cultural e o patrimônio documental, pois este compreende acervos que integram uma diversidade de bens culturais, conteúdos e suportes novos – “cuja razão de ser se funda na existência de informação social, materializada em suportes físicos e implicada na dinâmica da comunicação também social” (LAGE, 2002, p. 15).

Seguindo esse entendimento, Crivello e Bizzello (2015) mencionam que “muito do patrimônio documental nos é trazido da ideia de patrimônio, em seu sentido mais amplo, e de toda a história envolvida no desenvolvimento da sua noção e também da formação da prática de preservar bens culturais”.

No Brasil, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o conceito de patrimônio passou a abranger todos os bens materiais e imateriais, relacionando-os à identidade, à memória dos grupos e às ações da sociedade brasileira. O patrimônio documental também está incluído nessa concepção. Por meio dos documentos, são retratados fatos, momentos, histórias e memórias de pessoas e de instituições, cujas informações ficam registradas em diferentes tipos de suportes de informação, frequentemente, reunidos nos acervos de arquivos públicos e privados.

A partir da criação da Lei n.º 8.159 de 8 de janeiro de 1991, que instituiu os arquivos, as concepções sobre o patrimônio documental passaram a ser mais concretas. No ano seguinte, a UNESCO criou o Programa Memória do Mundo, cujo objetivo era incentivar a importância do acesso, preservação e democratização do patrimônio documental com grande valor histórico no mundo.

Dessa forma, o patrimônio documental passou a ser considerado um bem cultural com informações importantes para a memória coletiva, que deve ser preservado no intuito de promover o conhecimento e a compreensão dos acontecimentos que fizeram parte da vida social das pessoas. Muitas vezes, o patrimônio documental pode se transformar em patrimônio cultural, ao registrar valores, costumes e tradições que representam uma comunidade ou um povo.

### **2.3.1 Arquivos pessoais e biografia**

Ao longo da vida, os indivíduos acumulam documentos em função das mais variadas motivações, que vão desde momentos significativos de sua vida, suas relações pessoais e profissionais, que diferem conforme seus interesses. São fotografias, cartas, fitas, objetos, diplomas, diários, recortes de jornais, livros, enfim, uma multiplicidade de documentos e suportes que juntos podem compor uma história.

Essa documentação pode evidenciar hábitos, costumes, gostos e valores de quem os guardou, constituindo-se, assim, em seu arquivo pessoal.

O arquivo pessoal pode ser compreendido como um conjunto de registros e documentos que produzimos, acumulamos e guardamos e que englobam muitos aspectos de nossas vidas, contendo informações sobre o âmbito familiar, doméstico, profissional, social, político, religioso e cultural do tempo em que vivemos ou sobre nosso próprio comportamento e personalidade (SILVA, 2017; BELLOTTO, 2006).

Os arquivos pessoais são provas documentais da existência de um sujeito, logo constituem-se na materialidade de sua identidade, é neste arquivo que estarão refletidas as suas tendências profissionais, os seus ideais políticos e sociais, suas relações com outros indivíduos, seus gostos, etc. (PINTO; JUVÊNCIO, 2017, p. 88).

Bellotto (1998, p. 202) salienta que, até o final da década de 1990, os arquivos pessoais não tinham recebido a merecida atenção no que diz respeito a sua “existência, rastreamento, organização e divulgação”, assim como também não eram pensados como objeto de pesquisa. No entanto, esse cenário começou a modificar em meados dos anos 2000 e os arquivos pessoais passaram a despertar o interesse de pesquisadores, historiadores e arquivistas, devido a sua importância cultural e histórica para a sociedade, o que resultou em trabalhos acadêmicos e de ficção, motivando a criação de exposições e instrumentos de pesquisa.

Embora a temática acerca dos arquivos pessoais ainda seja recente e pouco explorada, o Brasil já dispõe de legislação referente a arquivos públicos e privados. A Lei n.º 8.159, de 8 de janeiro de 1991, define no art. 11 arquivos privados como “[...] o conjunto de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades” (BRASIL, 1991). Bellotto (2006, p. 256) menciona que o conceito de arquivos privados engloba a definição de arquivos pessoais, pois estes referem-se a “papéis ligados à vida, obra e às atividades de uma pessoa”. A autora esclarece ainda que os arquivos pessoais possuem peculiaridades, nascem do exercício das funções privadas, ou seja, de pessoas e de entidades que não são públicas, por isso são denominados de arquivos privados.

A Lei n.º 8.159/91 também destaca em seu art. 12 que “os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional” (BRASIL, 1991). Nesse sentido, alguns arquivos

personais podem ser classificados de interesse público e social, por meio de norma legal, caso sejam identificadas informações fundamentais para a recuperação da memória ou para o desenvolvimento da pesquisa histórica, científica ou tecnológica do país. Cabe salientar que os arquivos pessoais não são criados ou pensados inicialmente com o intuito histórico e cultural, mas são formados ao longo da vida de homens e mulheres, adquirindo, muitas vezes, “valor testemunhal por um gesto de quem os produziu e/ou de quem os identificou e lhes atribuiu significado social e cultural” (SILVA; SANTOS, 2012, p. 21).

Em 2002, houve a regulamentação da Lei n.º 8.159/91 por meio da criação do Decreto n.º 4.073. Houve críticas a esse decreto ao ser observada a falta de critérios para estabelecer o que determinaria um acervo privado ser de interesse público ou não, além de evidenciar a ausência de indicação sobre as possibilidades de consulta a esses acervos. No ano seguinte, a Resolução n. 17/2003 do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) veio complementar esse decreto ao dispor sobre os procedimentos relativos à declaração de interesse público e social de arquivos privados de pessoas físicas ou jurídicas constituídos de documentos relevantes para a história, a cultura e o desenvolvimento nacional.

Geralmente, esses acervos documentais são compostos por uma grande variedade documental, que revela muitos detalhes e informações, constituindo-se em uma valiosa fonte de pesquisa. Portanto, seu recolhimento e conservação é uma forma de preservar a memória, seja ela local, regional ou nacional, pois muitos arquivos pessoais podem ser “um reflexo do indivíduo e do seu meio, evidenciando a sua importância para a micro-história e para a memória social [...]” (PINTO; JUVÊNCIO, 2017, p. 88). Nesse sentido, podemos entender que os arquivos pessoais estão relacionados à história de um indivíduo, sendo capaz de esclarecer um contexto maior, cujas informações podem se tornar importantes para a reconstrução da memória de determinados grupos sociais.

Por isso, a pesquisa em arquivos pessoais tem aumentado nas áreas de história da vida privada e história do cotidiano. A procura por esse tipo de fonte tem despertado a atenção de entidades públicas e particulares, como arquivos históricos e museus, para a importância de recolhimento, organização, preservação e disponibilização para consulta pública desses acervos, pois esse conjunto de documentos constituído por uma pessoa, ao longo de sua vida, revela traços de personalidade, isto é, modo de pensar, agir e viver, bem como as atividades que

exerceu, deixando vestígios de sua história. Desse modo, as informações contidas nos arquivos pessoais podem contribuir para o conhecimento do modo de vida no passado, como eram os relacionamentos pessoais e os comportamentos, ou seja, oportuniza a compreensão da história em geral a partir das pequenas histórias dos indivíduos estudados.

Entretanto, para que os arquivos pessoais possam ser disponibilizados ao público como fonte de consulta, antes precisam passar por um tratamento técnico adequado. Esse é um dos principais desafios para os profissionais da área da arquivologia, pois, segundo Silva (2017), o arquivo pessoal difere do arquivo institucional por apresentar uma característica singular, a liberdade de se constituir sem a necessidade de obedecer a regras e legislação.

Há uma maior liberdade na formação, na seleção e na escolha do que é guardado e do que será eliminado; na forma de organização, ou seja, no gerenciamento, no armazenamento etc. Enfim, livre de regras pré-estabelecidas e de controles obrigatórios, o indivíduo tem autonomia de ação para com seu arquivo pessoal. E é justamente esta liberdade que enriquece esse arquivo como fonte. Não apenas pelo conteúdo informacional que os arquivos pessoais possuem, mas também pelas informações sobre o modo de vida, os usos e costumes, a personalidade, a forma de conduzir seus interesses pessoais, sua visão de mundo, dentre tantas outras possibilidades. (SILVA, 2017, p. 8-9).

Nesse sentido, é preciso levar em conta e respeitar as possíveis organizações estabelecidas pelo produtor do acervo, pois sua organização pode retratar o modo como ele se relacionava com essa documentação e como organizava sua “memória”, revelando o que levou a produzir e guardar tais documentos. Contudo, a maioria dos arquivos pessoais não possui uma organização pré-definida, sendo este também um desafio para os profissionais da arquivologia – organizar esses acervos de forma coerente, conforme as normas arquivísticas e dentro de um contexto histórico para facilitar o resgate dessas informações para pesquisa e público em geral (SILVA; SANTOS, 2012, p. 77-78).

Além disso, Silva (2017) salienta que a liberdade de acumulação, organização e seleção dos arquivos pessoais dificulta o trabalho dos arquivistas, pois essa documentação, ao chegar nas instituições de guarda, é geralmente considerada como arquivo, devendo ser, portanto, tratada de acordo com os princípios e teorias arquivísticas utilizados nos arquivos institucionais.

O funcionamento de uma instituição, considerando-se as funções e as atividades desempenhadas, são determinantes para a elaboração da organização arquivística dos documentos. Mas, certamente, definir as funções e as atividades de um indivíduo no decorrer de sua vida já é uma tarefa mais complexa e que exige um trabalho de pesquisa sobre a biografia de vida e a trajetória profissional da pessoa. (SILVA; SANTOS, 2012, p. 90).

Essa dificuldade ocorre porque existem diferenças entre os arquivos institucionais e os arquivos pessoais. No primeiro caso, a estrutura administrativa do órgão produtor dos documentos assegura certa segurança ao processo de organização desse acervo, mesmo que haja certa subjetividade. Já nos arquivos pessoais, a seleção dos documentos é marcada pela intencionalidade e subjetividade dos seus produtores, assim como das pessoas que manusearam essa documentação antes de sua organização arquivística. De tal modo, é necessário, muitas vezes, buscar em outras fontes informações para elucidar determinadas lacunas deixadas pela documentação, com o intuito de facilitar sua organização (SILVA; SANTOS, 2012). Além disso, é essencial o conhecimento da biografia do indivíduo e dos elementos que compõem seu arquivo para o tratamento arquivístico dos arquivos pessoais, pois o estudo inicial da trajetória biográfica é fundamental para entender e traçar um delineamento adequado quanto à classificação do acervo.

Outro desafio citado por Silva (2017) é a identificação dos tipos de documentos, porque, de modo geral, os arquivos pessoais possuem uma grande diversidade de suportes de informação e tipos de documentos que necessitam ser identificados e nomeados. Para que isso ocorra, é preciso primeiramente realizar um estudo para conhecer, identificar e mapear quais as atividades que geraram tais documentos. Essas informações auxiliam nos trabalhos de classificação, descrição e indexação desses materiais.

Nesse sentido, segundo Bellotto (2006, p. 268), cabe aos arquivistas criar o “elo entre a informação contida no documento e o pesquisador nela interessado”, utilizando-se de instrumentos de pesquisa decorrentes de análise desses documentos. Esse trabalho dos arquivistas permite aos historiadores o acesso a essa documentação para pesquisa, produzindo conhecimento e reflexão, além da preservação desse patrimônio cultural e documental pertencente ao grupo social.

Assim como a procura pelos arquivos pessoais, os estudos biográficos têm despertado o interesse do meio acadêmico, especialmente dos historiadores. Os

motivos dessa disposição são diversos, segundo Schmidt (1996), e estão relacionados com a formação teórica da disciplina e com seu contexto social.

Em termos contextuais, deve-se considerar a massificação da sociedade contemporânea tendo como contrapartida a produção da identidade individual, ou seja, os homens voltam-se ao passado em busca de referenciais para sua conduta no presente. Já em relação a questões teóricas a volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista, de uma história mais quantitativa e serial, que estudou questões econômicas e organizou questões sociais sem analisar mais profundamente as intenções e as percepções dos sujeitos nesse contexto. (SCHMIDT, 1996, p. 171).

Diante disso, surge o interesse em estudar as trajetórias individuais, definidas por Born (2001, p. 243) como “um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa”, ou seja, é o caminho percorrido pelo indivíduo durante sua vida privada e profissional, envolvendo seus sentimentos, suas crenças e a sua cultura. Entretanto, Xavier (2000) salienta que, quando buscamos interpretar uma trajetória individual, não basta sabermos apenas quem foi o personagem estudado, é preciso compreender como sua identidade foi construída e reconstruída, comparando-o com outros sujeitos de sua época, no intuito de entender como as pessoas se relacionavam com o passado, dentro do contexto no qual estavam inseridas.

Schmidt (2000) menciona que é possível estudar o contexto utilizando informações referentes à época em que a pessoa viveu para completar as lacunas que, muitas vezes, a documentação não é capaz de sanar. Se não há informações definidas sobre fatos ou acontecimentos relacionados à pessoa, hipóteses podem ser construídas com as informações obtidas do contexto, sinalizadas por meio de expressões como “talvez”, “é possível” ou “provavelmente”, por exemplo.

Uma das questões que se deve considerar, de acordo com Xavier (2000, p. 170), é “como e com que intenção foram produzidas as fontes e que sentidos foram atribuídos à vida do biografado”. Desse modo, a documentação não apenas traz informações objetivas e relevantes sobre o personagem estudado, mas também deve ser percebida dentro do contexto no qual foram produzidos os documentos. Assim, os documentos não devem ser lidos apenas como se fossem versões interpretadas, mas sim como expressões culturais, que fazem parte da memória e trazem, muitas vezes, indícios diferentes em relação ao presente e até em relação ao futuro. O autor destaca ainda que, “na inter-relação entre dimensão individual e as representações sociais,

entre as experiências do passado e as leituras delas no presente, é que reside também o valor da biografia” (XAVIER, 2000, p. 172).

Embora a biografia seja criticada por alguns autores por suas limitações, para Azevedo (2000, p. 157), a narrativa biográfica pode sim ser usada, mas sempre buscando se direcionar no sentido de servir “dentro da história, para estudar, de maneira densa, as práticas dos agentes sociais em sua luta e militância, seja no campo do trabalho ou no das mais diversas relações socioculturais”. Ainda segundo o mesmo autor, há uma distinção entre a biografia histórica e a biografia literária. No primeiro caso, a investigação não se detém apenas em revelar o indivíduo, mas também possui relação com os fatos e os atos do personagem estudado. Já no segundo caso, a ficção é utilizada livremente e, muitas vezes, não há uma técnica ou documentação suficiente para a construção da narrativa, o que não acontece na história, que necessita de um método científico e se utiliza da documentação para conduzir a investigação sobre o sujeito e seu entorno.

Assim, a construção de uma biografia deve ser pensada no sentido de compreender o contexto, os comportamentos e as ações do indivíduo, na busca pela identificação de quais são os significados possíveis para os fatos e situações sociais, bem como quais são as características do sujeito que podem ser percebidas também no grupo. Reforçando essa ideia, Alberti (2000) afirma que “a ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo”. Moraes (2009) também destaca que “cada pessoa reúne todas as características do seu grupo social e apenas em relação a esse grupo é que sua biografia pode ter algum significado”.

Desse modo, associar a vida de um indivíduo ao seu contexto propicia reflexões e enriquecimento das análises biográficas, não levando à fragmentação dos personagens pesquisados. Isso porque, ao levar em conta o entorno, não limitando a interpretação do indivíduo, é possível compreender como a pessoa atuou e exerceu seu papel dentro de determinado grupo ou comunidade. Para Schmidt (1996, p. 185), “romper com a ideia do indivíduo unitário não significa necessariamente identificar a biografia com uma ilusão<sup>2</sup>, mas sim explorar todas as potencialidades do gênero, aproximando-o da multifacetada existência concreta dos homens”.

---

<sup>2</sup> Como mencionado por Pierre Bourdieu (2006).

Além disso, Schmidt (1996, p. 183) assegura que a narrativa não desconsidera a explicação, “pelo contrário, as narrativas históricas-biográficas contemporâneas não se esgotam nas singularidades individuais mas servem para esclarecer temas e problemas mais amplos”.

Dessa forma, o cotidiano – que engloba a vida familiar, o trabalho, a relação com outras pessoas, a vida cultural, a diversão, entre outros aspectos – pode ser objeto de estudo, propiciando entender porque, em geral, por exemplo, as pessoas percorrem praticamente quase toda a vida imersas no automatismo das rotinas diárias, levando a vida sem questioná-la. Entretanto, algumas pessoas vão além dessa rotina e passam a ver o mundo de forma mais abrangente e profunda, buscando novas ações e atitudes, estabelecendo um projeto, um ideal para a sua vida, muitas vezes, modificando o seu espaço (SCHMIDT, 1996).

O importante é construir uma biografia que veja o indivíduo não como um eu autônomo, mas, sim, inserido numa realidade dinâmica dentro de um coletivo que se amplia. Nessa perspectiva, a biografia se liberta dos saudosismos literários e pode construir uma valiosa fração para a construção de uma totalidade. (AZEVEDO, 2000, p. 136).

Assim, uma biografia vai sendo montada, semelhante a um quebra-cabeça, em que as peças (os elementos) vão sendo identificadas e encaixadas, permitindo uma reflexão em torno dessa montagem, sendo analisados os problemas sociais, os comportamentos, a cultura etc., por meio do estudo de uma vida. Nesse sentido, Schmidt (2000, p. 124) destaca que

Deixar-se guiar pelo indivíduo estudado: suas experiências, relações pessoais, interpretações de mundo, metáforas, posturas diante do amor e da amizade, etc. Isso não significa fazer uma biografia ‘à moda antiga’, limitada à narração das ações do personagem, mas sim tomá-lo como um fio-condutor, puxando a partir deles outros fios: os espaços de sociabilidade por onde circulava e como estes podem ter influenciado, as leituras realizadas e sua reelaboração pessoal, os códigos de moral da época e suas interpretações/manipulações próprias, etc.

Desse modo, as biografias podem ser elaboradas com diferentes enfoques e sob o olhar atento de cada pesquisador, trazendo informação e reflexão, contribuindo para a construção do conhecimento e para o entendimento da sociedade. Para Schmidt (2014, p. 199), “o historiador deve dar-se conta de que a biografia é sempre uma construção possível, entre tantas outras, a respeito de um personagem, e nunca o retrato definitivo”.

Portanto, as biografias, assim como os arquivos pessoais, são um valioso campo de estudo a ser explorado, capaz de contribuir para elucidar muitas questões sociais e históricas, facilitando a compreensão de um âmbito maior, que vai além do indivíduo: a sociedade em sua complexidade.

Para uma melhor compreensão desta pesquisa, buscou-se na metodologia, os procedimentos técnicos para atingir os objetivos propostos.

### 3 METODOLOGIA

O desenvolvimento de uma pesquisa científica necessita da escolha de um plano para conduzir a investigação. Nesse sentido, a biografia é um tipo de pesquisa que tem ganhado espaço nos últimos anos, revelando como protagonistas pessoas cujas ações contribuíram para construção da história, seja, ela local, regional ou mesmo mundial.

Para estudar uma trajetória individual, todavia, precisamos primeiro entender o contexto social e histórico na qual se desenvolvem os acontecimentos, para assim compreender como a pessoa agiu nesse espaço e articulou suas ações. Reforçando essa ideia, Levi (2006, p. 169) menciona o entendimento de Pierre Bourdieu no texto “A Ilusão Biográfica”, ao considerar ser fundamental reconstituir o contexto, “a superfície social” em que age o sujeito, numa variedade de campos, a cada momento.

Entretanto, como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das “vozes” que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficam registrados, ou seja, por meio das fontes documentais. Como sem documentos não há história, os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação. (PINSKY, 2008, p. 212).

Dessa forma, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa é bibliográfica e documental. Por meio da pesquisa bibliográfica, foram analisados livros, teses, dissertações e artigos de diversos autores e, a partir dessas obras, fundamentou-se o referencial teórico que aborda e conceitua patrimônio cultural, memória, identidade, patrimônio documental, acervos pessoais e imigração italiana.

Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental são muito semelhantes – a única diferença entre elas seria a natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica utiliza principalmente as contribuições de vários autores sobre determinado tema, já a pesquisa documental se baseia em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Assim, para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizou-se como fonte principal o acervo documental de Padre Clementino Marcuzzo. Após seu falecimento, o acervo esteve sob a guarda de seu sobrinho, Luiz Marcuzzo, que o repassou, a título de doação incondicional, no ano de 2017, ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), localizado em Vale Vêneto. A ação foi formalizada através de

Termo de Doação, documento arquivado sob responsabilidade do Museu e cuja cópia pode ser acessada por meio desta pesquisa (Anexo A). No documento, são descritos a quantidade de volumes (102 caixas) e os principais conjuntos de objetos repassados ao MIEM.

Cabe salientar que o MIEM é uma entidade sem fins lucrativos que visa preservar a memória dos antepassados que povoaram a região da Quarta Colônia, contando com a colaboração de voluntários e não dispõe de uma equipe técnica permanente. Diante disso, o Museu tem buscado parcerias e convênios com outras entidades e organizações, a fim de realizar o tratamento técnico adequado dessa documentação, para posteriormente disponibilizá-la para a comunidade em geral.

Dentre os diferentes tipos de suportes identificados no acervo, e, em primeira análise, verificou-se que não foram utilizados critérios para organização e guarda. Ou seja, foi necessária a abertura de todas as caixas para a identificação dos materiais que atendessem aos objetivos traçados neste trabalho. Além da variedade documental, notou-se a relevância do acervo para a compreensão da trajetória do sacerdote e da história local. Quanto à seleção dos materiais, utilizou-se como principal critério a identificação, dentre os itens do acervo, de materiais que demonstravam indícios da trajetória pessoal de Padre Clementino Marcuzzo e sua atuação junto à região da Quarta Colônia, sobretudo Vale Vêneto.

Tais documentos abordam uma diversidade de assuntos produzidos e/ou reunidos pelo sacerdote ao longo do tempo e que dizem respeito às pesquisas sobre a imigração italiana, a Quarta Colônia e região, bem como referentes à sua trajetória pessoal, atividades religiosas, acadêmicas e profissionais. A observação possibilitou verificar a atuação do Padre em diferentes âmbitos: acadêmico, profissional, cultural, dentre outros, com ações enquanto fotógrafo, pesquisador, escritor, comunicador, jornalista e idealizador de festas, eventos culturais e religiosos.

O acervo conta com diversos itens em suportes eletrônicos e outros que demandam alguma tecnologia para a recuperação da informação (negativos de filmes, *slides*, fitas VHS, fitas cassete e discos de vinil). Nesse caso, optou-se por não selecionar estes itens, visto que, no MIEM, não são disponibilizados os equipamentos necessários para a leitura desses suportes. Diante disso e considerando os materiais possíveis para a pesquisa, foram incluídos na construção desta investigação fotografias, livros, revistas, artigos de jornais, *folders*, manuscritos, diários e objetos pessoais.

Após o levantamento do acervo, foram analisados e coletados os dados para compor a narrativa e para a elaboração do produto final da pesquisa. Para isso, foram selecionados documentos que contribuíram para o estudo da vida pessoal, acadêmica e profissional, bem como informações sobre sua atuação no campo cultural, a fim de contar a história de vida de Padre Clementino Marcuzzo. Sobre isso, e segundo Raupp e Beuren (2006, p. 86), a notabilidade da pesquisa documental “é justificada no momento em que se podem organizar informações que se encontram dispersas, conferindo-lhes uma nova importância como fonte de consulta”.

Finalizado o agrupamento das informações contidas nas fontes documentais, as mesmas foram analisadas e cruzadas com as referências bibliográficas consultadas, servindo de base e reflexão para a compreensão da pesquisa. O ponto inicial da descrição foi a trajetória de vida do sacerdote – que é natural de Vale Vêneto e descendente de imigrantes italianos – e suas ações locais.

As informações, na sua maioria, foram ordenadas de acordo com uma cronologia linear, seguindo o fluxo da vida como: nascimento, infância, formação religiosa e acadêmica, trabalho e morte. Buscou-se também analisar o percurso de vida do sacerdote, que foi além da linearidade, abrangendo outros aspectos que não se limitaram ao desenvolvimento temporal. Nesse sentido, Pinsky (2008, p. 225) salienta que

Não se deve interpretar uma vida buscando-se uma unidade, uma racionalidade, uma linearidade. Ao se procurar entender e explicar a vida de uma pessoa, deve-se ficar atento a todos os seus aspectos e não só um deles, pois em uma vida todos esses se entrelaçam.

Assim, a vida do sacerdote foi investigada a partir das fontes documentais existentes no acervo, a fim de compreender e organizar sua história de vida de acordo com a sua trajetória, ações culturais e contribuições. O recorte espacial foi o Distrito de Vale Vêneto, pertencente ao município de São João do Polêsine (RS).

Além do acervo do MIEM, foram pesquisados os documentos do Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora, acervo dos padres Palotinos, congregação da qual Padre Marcuzzo fez parte. O acesso a esse arquivo permitiu o cruzamento e confirmação das informações coletadas e que puderam ser verificadas e contatadas através de documentos do Arquivo Provincial. Também se buscou, em conversas informais com familiares, esclarecer algumas dúvidas pontuais que a documentação não pode sanar.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionados e digitalizados documentos e imagens existentes no acervo do MIEM para a contextualização da vida do sacerdote, especialmente em Vale Vêneto, local onde se destacou por suas ações culturais.

## **4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: “DALL’ITÁLIA NOI SIAMO PARTITI, NELLA MERICA NOI SIAMO ARRIVATI”<sup>3</sup>**

Neste capítulo, abordam-se o processo imigratório ocorrido na Europa, as motivações que levaram os italianos à decisão de partir para o Brasil, a política de distribuição de terras pelo Governo Imperial que ocasionou a formação das primeiras colônias italianas no Rio Grande do Sul, as dificuldades enfrentadas ao chegarem à Quarta Colônia de Imigração Italiana e o processo de formação histórica do núcleo colonial de Vale Vêneto. Este núcleo ficou conhecido por sua religiosidade e é, hoje, um dos principais pontos turísticos da Quarta Colônia.

### **4.1 AS MOTIVAÇÕES QUE LEVARAM OS IMIGRANTES ITALIANOS A PARTIR DA ITÁLIA PARA O BRASIL**

O fenômeno migratório, ocorrido no final do século XIX e início do século XX, deslocou para a América milhões de pessoas em busca do sonho da propriedade, da terra e de melhores condições de vida. Tal processo foi ocasionado pelos problemas políticos, econômicos e sociais enfrentados à época na Itália. Com a unificação italiana, iniciada na metade do século XIX, o capitalismo se fortaleceu e expandiu, substituindo as antigas formas feudais pelo sistema industrial. Como consequência desse processo, teve-se a abolição de fronteiras, a cobrança de altos impostos e a modificação das relações de trabalho, deixando muitos desempregados (BATTISTEL, 1981).

O modelo econômico italiano referente a um país que se desenvolvia e se industrializava não absorvia o excedente de mão de obra, nem criava alternativas de trabalho e de sobrevivência para a população mais pobre, que via a situação piorar com a diminuição das oportunidades de trabalho em outros países europeus como a Áustria e a Alemanha, tradicionais mercados que ofertavam trabalho para os italianos, principalmente da região Nordeste. Além disso, a pobreza atingia camponeses, arrendatários e assalariados, dificultando sua inclusão na economia de mercado que se expandia (SAQUET, 2003).

---

<sup>3</sup> “Da Itália nós partimos, na América nós chegamos” (Tradução nossa).

Enquanto o Norte da Itália se industrializava, segundo Giron e Herédia (2007), o Sul continuava agrário, com a maioria dos camponeses morando em pequenas vilas e trabalhando em minifúndios, cuja produção agrícola era insuficiente para sustentá-los. Lorenzoni (1975) narra que a cada ano lamentavam uma desgraça – chuvas torrenciais, secas e tempestades prejudicavam a colheita dos produtos necessários à sobrevivência, diminuindo consideravelmente a produção, o que tornava a vida cada vez mais difícil para os pequenos agricultores.

A permanência de técnicas rudimentares usadas na produção familiar forçava os pequenos agricultores a trabalhar na terra dos grandes proprietários, pois não tinham recursos para comprar novos instrumentos agrícolas, enquanto os patrões adquiriam máquinas e usavam técnicas mais avançadas de produção, dispensando o trabalho manual em suas plantações. Assim, a crise agrária agravava a situação de miséria vivida pelos camponeses italianos, que dependiam da terra para cultivar seus produtos e eram obrigados a pagar altas taxas de arrendamento aos latifundiários, aumentando o endividamento a cada safra agrícola (SAQUET, 2003).

Para Giron e Herédia (2007), entre os fatores que contribuíram para emigração italiana estavam o esgotamento e a ausência de terras, as crises agrícolas, o desfloramento, a política fiscal e comercial, a miséria, a fome e a falta de capitais. Diante dos problemas que agravavam a situação dos camponeses, milhares de italianos decidiram partir – a Itália é apontada como um dos países que, no século XIX, mais exportou mão de obra barata para outros países.

A saída dos italianos movimentou a economia do país, direta e indiretamente, gerando lucros para as empresas emigratórias e casas de créditos, com a venda de passagens e alimentação nos postos e com as remessas de recursos enviados do Brasil a parentes que ficaram na Itália, o que tornou a emigração altamente rentável (GIRON; HERÉDIA, 2007). Nesse sentido, Iotti (1996) menciona que o fluxo emigratório foi um elemento importante na história do desenvolvimento capitalista italiano, porque contribuiu para o equilíbrio socioeconômico do país, diminuindo o excesso populacional e se tornando uma fonte de renda, através do dinheiro enviado aos familiares na Itália.

Para os imigrantes, a decisão de partir não foi fácil, pois, paralelo ao desejo de prosperar e adquirir suas terras, estavam os parentes que, para evitar a separação, afirmavam que no Brasil seriam “todos mortos pelas serpentes e pelos tigres, ou devorados pelos índios antropófagos” (BUSANELLO, 1952, p. 9). Essas suposições,

todavia, não desanimaram os camponeses que, mesmo assim, resolveram se aventurar pelos mares, em busca de novas terras e novos meios de subsistência. A vontade de conquistar uma vida melhor e mais digna era maior que o medo do desconhecido.

Segundo Righi, Bisognin e Torri (2001), aos camponeses restavam algumas opções: 1) aceitar se urbanizar; transformando-se em força de trabalho a ser aproveitada pela indústria; 2) modificar suas próprias atividades, modernizando-se; 3) lutar para defender os modelos sociais de suas comunidades, ou ainda; 4) abandonar sua pátria e partir para outras terras.

A emigração tornou-se uma alternativa de sobrevivência para camponeses, arrendatários e assalariados. Enquanto na Itália a situação só piorava, as promessas em relação ao Brasil pareciam sedutoras – um país de fartura e abundância, com clima parecido ao da Itália e cujas terras férteis entusiasmavam os pequenos agricultores. Agenciadores do governo “explicavam” e davam instruções de como seria a emigração: viagem, tratamento a bordo, como seriam encaminhados ao chegarem ao Brasil e os benefícios e facilidades dados a eles.

Para alguns, segundo Busanello (1952, p. 7), a América era “a terra do ouro, para outros era apenas a tábua da salvação”. Assim, decididos a emigrar, venderam o que tinham na Itália para pagar a viagem e as despesas e, após despedirem-se de amigos e parentes, seguiram em direção ao Porto de Gênova, Itália.

O abandono definitivo da pátria, a dolorosa despedida, as incertezas do novo mundo e as condições sub-humanas a que foram submetidos durante a viagem, trouxe uma grande comoção entre os imigrantes, assim descrita por um deles:

O barulho reinante ali, nessa primeira noite, é mais fácil imaginá-lo do que descrevê-lo. Uns choravam, outros gritavam, alguns blasfemavam e grande parte rezava, pedindo a Deus sua proteção. Ouviam-se canções de ninar das mães adormecendo os filhinhos e estes, estranhando a infernal balbúrdia, choravam sem cessar. (LORENZONI, 1975, p. 26).

A decisão de partir ia além do abandono da terra natal, porque a pobreza e a distância excluía a possibilidade de um retorno. Ao emigrar, aceitaram o risco dessa aventura e entregaram-se, confiantes, nas mãos dos agentes de emigração que os conduziram ao Brasil em navios sobrecarregados e lentos (MANFROI, 1975).

A viagem durava dias e não oferecia nenhum conforto aos imigrantes, que precisavam conviver com as péssimas condições de higiene e com a pouca

alimentação que recebiam. Muitos deles não resistiam e morriam antes mesmo de completar a travessia. Righi, Bisognin e Torri (2001) mencionam que, ao morrer, os italianos eram enrolados em lençóis e jogados ao mar, sem que os parentes pudessem se despedir de seus entes queridos e sem ao menos poderem realizar uma oração para as suas almas, o que para eles, profundamente religiosos, aumentava ainda mais o sofrimento.

Assim, a emigração deixou marcas profundas para aqueles que partiram. Além da despedida definitiva da terra natal e da longa travessia, tiveram um difícil processo de adaptação no novo país, um recomeço com muitas dificuldades, superadas com trabalho árduo, fé em Deus e união familiar.

#### 4.2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

A imigração italiana no Brasil esteve associada às transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas na Europa, que oprimiam as classes mais pobres, obrigando as pessoas que dela faziam parte a buscar novas alternativas de sobrevivência em outros países. Nesse sentido, de acordo com De Boni e Costa (1991), a abundância da mão de obra europeia e a sua carência na América fizeram com que milhões de pessoas deixassem a Itália em busca de trabalho no outro lado do Oceano Atlântico.

No Brasil, paralelamente aos fatores externos, havia problemas com a mão de obra e com a necessidade de povoar as grandes áreas improdutivas. Para Giron (1996), a imigração europeia, subsidiada pelo governo brasileiro, esteve ligada à política do imigrante livre nas fazendas de café do Sudeste e pelo sistema de colonização no RS.

Com a abolição da escravidão, o governo brasileiro começou a substituir a força braçal escrava utilizada nas fazendas cafeeiras do Sudeste pela mão de obra dos colonos italianos. Para isso, através dos seus agenciadores, começou a fazer propagandas nas áreas mais pobres da Itália, oferecendo aos italianos muitas vantagens.

[...] alimentação por um prazo de seis meses, casa, cinquenta hectares de terreno mais os apetrechos necessários para a agricultura, sementes, etc., etc. Deixo aos leitores imaginar como arregalaram os olhos essas pobres criaturas, pensando nas maravilhas que lhe seria dado ter, a eles que, nunca

havia possuído a mais insignificante horta para cultivar, que fosse de sua exclusiva propriedade. (LORENZONI, 1975, p. 16).

Com a necessidade de mão de obra, o Governo Imperial precisou mudar também seu posicionamento quanto à política de terras adotada até então pelo Brasil. Antes vista como símbolo de status social, a terra passa, a partir de 1870, a ser considerada como uma mercadoria que pode ser comercializada, através de uma nova legislação que dispõe sobre o aproveitamento de terras devolutas do Império e estabelece que as terras só poderiam ser adquiridas por compra. Nesse período, criou-se também a Repartição Geral das Terras, para administrar as colônias e para cuidar das vendas e da legalização dessas terras, favorecendo, assim, a vinda dos imigrantes italianos (GIRON, 1996).

A possibilidade de serem proprietários de suas próprias terras, poder cultivar seus produtos e produzir riquezas fazia o migrante italiano sonhar com uma vida melhor na América, longe da miséria e da fome que estava sujeito na Itália. Assim, com o conhecimento que tinham da terra natal, os pioneiros reproduziram as atividades agrícolas, artesanais e comerciais, ocasionando mudanças significativas para o nosso país, com influência na política, na economia e na cultura.

#### 4.3 A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

A partir de 1875, os primeiros grandes grupos de imigrantes italianos começaram a colonizar o Rio Grande do Sul, antes ocupado por poloneses, russos e alemães. Segundo De Boni e Costa (1991, p. 54), “até então dados do governo provincial mostravam que, entre 1859 e 1875, entraram no Rio Grande do Sul 729 colonos italianos”.

Os imigrantes italianos que vieram para o estado desembarcavam em Santos ou no Rio de Janeiro e ficavam alojados em barracões até serem conduzidos por embarcações a suas regiões de destino – a maioria, Sul e Sudeste. Os italianos que tinham como destino o RS desembarcavam em Rio Grande e, em pequenos barcos, seguiam até Porto Alegre, onde, nas proximidades da Praça da Harmonia, aguardavam as ordens das autoridades para seguir a viagem.

Segundo De Boni e Costa (1991), o ponto alto da crise nas províncias do Norte aconteceu na mesma época do povoamento das colônias imperiais do Sul do Brasil. Para atrair a mão de obra necessária, uma lei foi criada oferecendo várias vantagens

aos imigrantes italianos – como naturalização, dispensa do serviço militar, compra de lotes rurais com pagamento estendido, transporte gratuito, ajuda financeira nos primeiros anos e assistência médica e religiosa. Essas vantagens oferecidas pelo governo brasileiro motivaram os italianos a emigrar, pois “o elo de ligação entre a procura de mão de obra, colonização e a crise econômica italiana foi a propaganda dos brasileiros” (MUNIZ, 1999, p. 11).

Diante desse contexto, o Governo Imperial, proprietário das terras devolutas, decidiu doar às províncias glebas para que pudessem desenvolver seus projetos de colonização. Porém, a Província de São Pedro do RS alegou que as terras recebidas já estavam ocupadas, requerendo a concessão de mais duas glebas; o pedido foi atendido em 24 de maio de 1870. A partir de então, o Presidente da Província criou as colônias de Dona Isabel e Conde D’Eu, atuais municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi, localizadas na Serra Geral. No entanto, como as novas terras não foram ocupadas por contratos como o Governo Imperial esperava, este decidiu, em 1875, tomar de volta as glebas concedidas para a colonização, indenizando a Província. Nesse mesmo ano, o Governo criou uma terceira colônia, denominada Fundos de Nova Palmira, renomeada mais tarde de Colônia Caxias, atualmente Caxias do Sul (DE BONI; COSTA, 1991).

Ainda segundo De Boni e Costa (1991), o quarto núcleo colonial, denominado Colônia Silveira Martins, foi fundado em 1876 pelo Governo Imperial e a partir de 1877 começou a ser ocupado pelos imigrantes italianos. O nome escolhido, Silveira Martins, foi em homenagem ao Senador Gaspar da Silveira Martins, líder do Partido Liberal e antirrepublicano e forte defensor da Imigração Italiana no Brasil. Considerado o berço da colonização italiana na Quarta Colônia, a Colônia Silveira Martins teve sua formação quando o Governo Imperial solicitou as terras devolutas existentes na região de Santa Maria da Boca do Monte.

Para chegar até a Quarta Colônia, os imigrantes italianos percorreram um longo caminho e em pequenos vapores de Porto Alegre, navegaram pelo Rio Jacuí até a cidade de Rio Pardo, onde em carretões puxados por juntas de bois foram conduzidos por um guia a cavalo até seu destino. Os mais jovens faziam o caminho a pé, enquanto mulheres, crianças e velhos eram acomodados nos carretões junto com as bagagens. A viagem era cansativa e lenta e o caminho difícil, com estradas precárias e mata densa, o que desanimava os imigrantes.

Entramos no dia seguinte no bosque, numa estrada (se estrada podia se chamar) de inferno; buracos e barro que os pobres animais afundavam até quase à barriga. Os gritos dos carreteiros para estimulá-los a fazê-los atravessar aquelas poças de água e lama e arrastar as carretas com nossas bagagens, causava-nos uma tristeza enorme, enquanto seguindo-as, vinha a fileira dos homens, mulheres, velhos e crianças, procurando escolher o lugar exato para firmar os pés sem afundar naquele terreno barrento e lodoso. [...] Uns caminhavam de cabeça baixa, taciturnos e tristes, outros gritavam, blasfemavam e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil, e maldiziam, também, Cristóvão Colombo e o diabo, e algumas mulheres havia até que, silenciosamente, seguiam chorando (LORENZONI, 1975, p. 48).

Após alguns dias de viagem, os imigrantes italianos chegaram ao Barracão de Val de Buia. Ali viram as promessas e as propagandas feitas pelos agenciadores e pelo governo brasileiro de um país de fartura e abundância serem interrompidas pelo choque frente à realidade encontrada.

Segundo Manfroi (2001, p. 98), apesar das dificuldades, a colonização italiana no RS obteve sucesso porque “o imigrante italiano não vivia apenas do pão do seu trabalho. Era portador de um patrimônio cultural, cuja reconstituição, no meio das matas virgens do Rio Grande do Sul, foi uma preocupação tão importante, quanto a busca de seu bem-estar material”. Dessa forma, os colonizadores italianos sonhavam refazer suas vidas no estado e com a força de seu trabalho contribuíram para a formação de uma nova cultura, implantando um pouco da Itália no país com seus costumes, usos e tradições próprias.

#### 4.4 OS PRIMEIROS ANOS NA QUARTA COLÔNIA

Ao chegar na Quarta Colônia, os imigrantes italianos foram instalados em tendas precárias e improvisadas, em que dividiam o mesmo espaço homens, mulheres, crianças e velhos. Enquanto esperavam a demarcação das terras, trabalhavam na construção das estradas para tirar o sustento e sobreviver. No local não existiam recursos médicos e a alimentação era pobre, o que contribuiu para o aparecimento de uma epidemia que matou muitos imigrantes, enquanto aguardavam, durante meses, a medição e a distribuição dos lotes coloniais. (MANFROI, 1975).

O descaso do governo brasileiro com os imigrantes italianos é mencionado por Santin (1986, p. 23), ao lembrar que a divisão de terras nem estava feita quando chegaram os pioneiros: “Foi preciso uma longa espera no Barracão de Val de Buia e, o pior, que a peste dizimasse quatrocentas pessoas para que as autoridades resolvessem acelerar a demarcação”. Possamai (2005, p. 81) comenta ainda que os

colonos italianos “enviavam sucessivas queixas ao consulado italiano de Porto Alegre pedindo providências com relação aos maus-tratos, fome e ‘desrespeito que recebiam’ sem que ‘ninguém olhasse por eles’”.

Com o trágico acontecimento, os comissários do Governo Imperial agilizaram a distribuição dos lotes. Com os poucos recursos que receberam do governo, os imigrantes foram ocupando seus espaços em uma região montanhosa e de difícil acesso. Segundo Manfroi (2001, p. 94), “tudo devia ser conquistado: a terra para o plantio, o espaço, o material para a construção da casa, os instrumentos de trabalho e a comida necessária para a sobrevivência da família”.

Na solidão da mata, isolados e sem comunicação, praticamente abandonados pelo governo brasileiro e pelo país natal, eles venceram as dificuldades com perseverança, apoiados na fé em Deus, que os manteve unidos e fortes para reconstruírem suas vidas.

Tirados de seu quadro sociocultural de origem e transportados num meio desprovido de todos os sinais e símbolos culturais, os imigrantes sentiram-se perplexos e desorientados. Foi a reconstituição, nas matas virgens do RS, desse quadro social e cultural perdido que permitiu, aos imigrantes, reencontrar a própria identidade cultural, a força para superar as dificuldades e esquecer a terra natal. Nessa reconstituição cultural, a Religião Católica com suas igrejas, capelas, ritos e festas ocupou um lugar central. Foi através da Religião Católica que o imigrante italiano se encontrou consigo mesmo e com os outros, formando uma unidade que se exprimia na constituição dessas comunidades de trabalho e de fé que foram as linhas coloniais. (MANFROI, 1975, p. 156).

Depois de estabelecidos, os primeiros imigrantes precisaram lidar com seus conflitos sociais. Através das práticas religiosas, eles começaram a se reunir, organizar e reestruturar, reconstruindo, aos poucos, sua identidade cultural, apoiados na memória coletiva e no conhecimento que tinham. No início, as atividades sociais restringiam-se a atividades religiosas, que aconteciam aos domingos e em dias de festa. Segundo Zanini (2006), a italianidade e o catolicismo andavam juntos nos primeiros anos da colonização, pois a Igreja Católica intitulava-se responsável por manter os costumes, a moral e o amor à terra natal.

A religião influenciava fortemente a vida dos colonos, controlava os pensamentos, as palavras e a conduta dos imigrantes, sob o olhar atento dos padres, que usufruíam da mais alta consideração. As palavras dos sacerdotes tinham geralmente a persuasão da lei. Tal educação os imigrantes italianos trouxeram de

suas regiões de origem, principalmente de Vêneto, onde a presença da religião e do clero era determinante na vida da sociedade (MANFROI, 1975).

Vendrame (2007) menciona que a construção de igrejas ia além da vivência religiosa, mas representava também a obtenção de várias vantagens, pois, para os imigrantes, a observância dos sacramentos cumpria também uma função social. A religião, assim, não estava desassociada de questões sociais, econômicas e políticas.

De acordo com Manfroi (2001, p. 126), “a igreja era considerada como o elemento essencial do progresso do lugar”. Em torno dela ocorria a vida social e cultural da comunidade. Por isso, os donos de armazéns tinham o interesse que a igreja fosse construída próxima a seus estabelecimentos, afinal, após a celebração da missa, os colonos reuniam-se nessas vendas para beber e conversar sobre os acontecimentos locais e a vida política da sociedade. A religião tornou-se, portanto, um elo de integração e união entre os imigrantes italianos, exercendo forte influência individual e coletiva sobre eles.

Junto com a fé, estava o trabalho árduo que sustentava o corpo e mantinha a esperança de conquistar uma vida melhor, pois, ao mesmo tempo que o colono italiano sonhava com a terra própria, acreditava também na força do seu trabalho. Para ele, a terra era mais do que um investimento financeiro, um local para trabalhar e viver, era um indício de liberdade econômica e ascensão social.

De pouco teriam valido as peripécias da viagem e a aquisição da gleba, se ela não fosse arroteada. E para tanto era necessário o esforço de quem a adquiria. A terra não era um dom, era uma conquista, e o conquistador era o braço do colono, não medindo sacrifícios, ignorando intempéries, labutando de sol a sol (ou melhor de estrela a estrela). O trabalho surgia assim como a fonte da liberdade, como um valor mítico, encerrando em si o segredo da dignidade e honorabilidade. (DE BONI; COSTA, 1991, p. 118).

A forma discriminatória como o trabalho braçal era visto pela sociedade no período escravagista não era a mesma compartilhada pelos imigrantes italianos. Para eles, o trabalho era fundamental e motivo de orgulho, significava respeito e confiança perante à comunidade, representava garantia de sustento e de bem-estar para a família, possibilitando o progresso.

Além disso, esses imigrantes acreditavam que ser trabalhador era uma qualidade que estava acima das demais. Por conta disso, para realizar um bom casamento, observavam as mãos dos futuros pretendentes; se estivessem bonitas e lisas, não era um bom sinal de trabalho. Para Marin, J. R. (1999, p. 85), os padres

tinham esse mesmo entendimento, pois viam o trabalho como “único meio enobrecedor, dignificante e formador do ser humano”.

O trabalho da roça e da casa parecia bastar para uma pessoa ser digna e honesta. Muitas famílias pensavam assim. A grande preocupação era criar pessoas firmes e decididas, que não fossem vadias, nem dadas ao vício. Trabalhar com amor e vontade parecia ser a maior de todas as virtudes, sobretudo na roça, onde a mão de obra era urgente e indispensável. (GIRARDI, 1995, p. 190).

Paralelo ao trabalho estava o espírito da economia – guardar o frasco vazio, o prego enferrujado, o trapo de roupa; juntar os grãos caídos e economizar os centavos (DE BONI; COSTA, 1991). O imigrante italiano poupava e, ao mesmo tempo, sonhava comprar novas terras com suas economias, para proporcionar mais conforto e segurança financeira para as suas famílias. Diante desse contexto, sem ter a quem pedir e sem possuir modelos prontos, os imigrantes foram encontrando suas próprias respostas para as necessidades religiosas, culturais, administrativas e esportivas, foram escolhendo seus líderes e deram a eles poder de negociação para assuntos de interesse comum (DE BONI; COSTA, 1991).

Acostumados com pequenas propriedades na Itália e uma vida religiosa e comunitária intensa, os imigrantes italianos tiveram que se adaptar à nova realidade ao chegarem às colônias do RS. No imprevisto, transformaram o espaço desfavorável, ao criar novos meios de organização social, a partir do conhecimento e dos recursos que tinham, acreditando na força do trabalho e na fé em Deus, que permitiu a reconstrução de suas vidas em terras estranhas.

#### 4.5 FORMAÇÃO HISTÓRICA DE VALE VÊNETO: CENTRO ESPIRITUAL E BERÇO DOS PADRES PALOTINOS

Vale Vêneto foi um dos primeiros núcleos colonizadores formados na Colônia de Silveira Martins. Foi fundado em maio de 1878, com a chegada das primeiras 11 famílias de imigrantes italianos de sobrenome Dotto e Pozzobon, vindas da região de Vêneto no Norte da Itália (VIZZOTTO, 2011). Inicialmente, o povoado foi chamado de “Buraco”, por estar cercado de montes, com declives acentuados em relação à sede da Colônia Silveira Martins.

Os engenheiros do Império vinham com suas medições percorrendo essa região de Oeste para Leste, quando se depararam com uma crista de monte, tendo aos pés um plano vale. Visto de cima, apresentava-se como um grande buraco, ladeado de paredões rochosos por três lados, com uma estreita saída para o nascente e outra para o Sul. Ali é que nasceu o primeiro nome do lugar: “Buraco”. Por vários anos a região identificava-se por este nome. (BONFADA, 1981, p. 21).

Ainda em 1878, chegaram a Vale Vêneto mais famílias de sobrenome Bortoluzzi, lideradas por Paolo (Paulo) Bortoluzzi. A família possuía melhores condições financeiras que as demais e era mais numerosa, por isso decidiram que o local passaria a ser chamado de Vale dos Bortoluzzi (CESCA, 1973; RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Com a chegada de novas famílias de imigrantes italianos, a comunidade passou a cogitar a troca do nome, o que trouxe muitas discussões e desentendimentos, pois cada morador tinha uma sugestão de nome para o lugar. Diante da falta de consenso, Padre Antônio Sório, que exercia suas funções sacerdotais no local à época, fez uma reunião com os imigrantes para mudar o nome, sugerindo:

“Não sois vós a maioria do Vêneto?” A resposta afirmativa foi geral. “Não é este um vale?” Quem o poderia negar? A resposta foi mais unânime ainda. “*Allora, perchè non chiamamo questo luogo Valle Veneto?*” Então, por que não chamar este lugar de Vale Vêneto? Todos aclamaram e desde aquele momento o seu lugar ficou se chamando Vale Vêneto. (MAGRO, 1996, p. 465).

A vida dura dos colonos italianos nos primeiros anos foi narrada em entrevista por João Pivetta, um dos imigrantes mais velhos de Vale Vêneto:

[...] as primeiras casas foram feitas com tábuas de coqueiro, coberta com as suas folhas. Cama era barba-de-pau mesmo. Ferramenta ninguém tinha. As árvores eram derrubadas e transformadas em tábuas com um único machado para mais de 30 famílias<sup>4</sup>. (CENTENÁRIO..., 29.10.1978, p. 15).

Profundamente religiosos, uma das primeiras preocupações dos colonizadores foi construir uma capela de madeira dedicada a São Francisco em Vale Vêneto, onde se reuniam para rezar o terço e praticar sua fé. Na época, não havia no local nem igrejas, nem padres para prestar assistência religiosa. Cabia às mães educar os filhos

---

<sup>4</sup> Embora possa parecer exagerada a declaração – “um único machado para mais de 30 famílias” – a narrativa expressa o grau de dificuldade e o sacrifício que os pioneiros italianos passaram, marcando a vida do entrevistado.

de acordo com os ensinamentos cristãos e aos homens a função de exercer o papel de sacerdote, conduzindo as orações e ritos religiosos na comunidade. Cesca (1973) cita que, na falta de sacerdote, Paolo (Paulo) Bortoluzzi, o líder de Vale Vêneto, dava a catequese e explicava o evangelho aos domingos.

Todos os imigrantes italianos eram católicos um tanto tradicionais e quase sem nenhuma cultura. Em grande parte eram analfabetos [...]. Por isso, podemos dizer que a primeira causa do surgimento das capelas foi a fé dos imigrantes. Queriam continuar com suas manifestações de religiosidade e precisavam de um lugar, e juntos fizeram esse lugar. (GALIOTO, 1987, p. 296-298).

Os imigrantes italianos estavam acostumados com a presença de padres na Itália e não imaginavam que no Brasil houvesse tanta falta de sacerdotes e igrejas para a prestação de assistência espiritual. Como não se conformavam com as visitas esporádicas dos religiosos em Vale Vêneto, mobilizaram-se para conseguir um padre fixo para o povoado, financiando as despesas da viagem com as contribuições do povo e de Paolo (Paulo) Bortoluzzi.

Aparecendo no meio deles um conterrâneo, Antônio Viernier, pessoa de certa prática, enviado por uma companhia de imigração, manifestaram a ele o desejo de mandar buscar na Itália um sacerdote. Aqueles imigrantes suportavam mortes, sofrimentos, epidemias, mas não podiam ver-se no meio dos matos sem um ministro de Deus. (MAGRO, 1996, p. 464).

Em 1881, chegaram a Vale Vêneto os dois primeiros padres seculares, Vitor Arnoffi e Antônio Sório. Após desentendimentos entre a sede da colônia e Vale Vêneto, ficou estabelecido que Arnoffi assumiria suas atividades religiosas em Silveira Martins e Sório em Vale Vêneto (RUBERT, 2003).

Entretanto, com a morte do padre Arnoffi em 1884, Padre Sório é transferido para Silveira Martins. Novamente, os moradores de Vale Vêneto se mobilizam para conseguir um religioso para o povoado. De acordo com Bonfada (1981, p. 38), “Luis Roso e Paolo (Paulo) Bortoluzzi escreveram para Antônio Viernier, que estava na Itália, para que procurasse mais uma vez padres bons e virtuosos e de preferência de alguma Congregação”.

Após a visita do procurador dos Palotinos, Guilherme Whitmee, a Vale Vêneto, para avaliar a possibilidade de instalar uma ordem Palotina no local, finalmente, em 24 de julho de 1886, chegam a Vale Vêneto os primeiros padres Palotinos, recepcionados com tiros de espingardas e com grande euforia pelo povo que os

esperava (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001, p. 101). Em 29 de julho de 1886, um contrato foi assinado entre os padres Palotinos e membros da comunidade de Vale Vêneto, estabelecendo direitos e deveres entre eles.

A histórica reunião do povo com os padres pode ser considerada como data de fundação da primeira comunidade palotina na América do Sul. [...] Vale Vêneto tornava-se assim o berço, por ter sido o começo e jardim porque desabrochava ali as primeiras vocações brasileiras. (BONFADA, 1981, p. 48).

Desse modo, deu-se um novo impulso na vida religiosa e no progresso de Vale Vêneto e região, com a construção de uma igreja maior e novos colégios religiosos. No seu conjunto, os Palotinos deram um estímulo para a colônia italiana no centro do RS, pois ajudaram a diocese do Sul que estava carente de padres no local. Assim, a própria ordem religiosa cresceu e teve vantagens de ter se estabelecido entre os imigrantes italianos da Quarta Colônia, que foi um celeiro de vocações palotinas (RUBERT, 2003).

Com o desenvolvimento econômico local, aos poucos, os colonos italianos precisaram adaptar o conhecimento que tinham trazido da Itália para o novo ambiente. Isso impôs uma mudança no modo de produzir e viver. A variedade de produções artesanais encontradas nas colônias italianas era uma necessidade das atividades do cotidiano dos imigrantes, que precisavam produzir no local o essencial para o seu sustento em razão das dificuldades de locomoção e porque não tinham condições de comprar. Dessa forma, cada povoado tinha sua ferraria, seu moinho, sua serraria e cada artesão produzia e comercializava seus produtos. Em meados de 1916, Vale Vêneto tinha dez atividades artesanais: duas produções de aguardente, dois moinhos, dois descascadores de arroz, uma “fábrica de cerveja”, uma ferraria, uma marcenaria e uma selaria. No local, a força mercantil era demonstrada pelas famílias Bortoluzzi, Iop, Dotto e Rorato (SAQUET, 2003).

Ainda segundo Saquet (2003), com os impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a crise iniciada em 1920 e a concorrência de mercado, as colônias italianas começaram a diminuir, consideravelmente, sua produção artesanal – a maioria dos moinhos, marcenarias, serrarias e alambiques foi fechada. Em 1924, Vale Vêneto passou a ter quatro produções: uma ferraria, um descascador de arroz, uma carpintaria e um moinho.

Se por um lado o desenvolvimento das atividades comerciais e artesanais começava a diminuir significativamente, por outro, a religião impulsionava cada vez

mais o desenvolvimento de Vale Vêneto com a construção de colégios religiosos. Considerado o berço dos padres Palotinos no Brasil, Vale Vêneto recebeu os primeiros vocacionados na Casa Paroquial, que se tornou pequena para abrigar o número crescente de alunos, sendo necessária a construção de um pequeno colégio. O Seminário foi fundado em 11 de dezembro de 1922 e, posteriormente, duas novas alas foram inauguradas, em 22 de janeiro de 1933 e em 23 de janeiro de 1944, devido ao aumento das vocações (CESCA, 1973).

Segundo Marcuzzo (1992, p. 31), “os imigrantes eram católicos fervorosos, cumpridores dos seus deveres. Além de padres estáveis no *picolo paeseto*<sup>5</sup>, eles queriam também ter um colégio de irmãs, para instruir, educar e formar seus filhos na fé”. Em 1922, a pedido de Paolo (Paulo) Bortoluzzi, líder da comunidade, e de representantes, outro acontecimento veio ampliar o atendimento religioso e educacional de Vale Vêneto: a chegada das Irmãs do Imaculado Coração de Maria e a fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, transformando a localidade em um centro educacional, não só para a formação religiosa, mas também por atender jovens em regime de internato ou externo, oferecendo-lhes ensino de qualidade sob a orientação da doutrina cristã.

Os colégios religiosos abrigavam uma grande quantidade de jovens que vinham de várias cidades do Estado para estudar. Com isso, segundo Santin (1986), o local tornou-se conhecido não só como um centro religioso da Colônia, mas também como um centro cultural e educativo da região até metade do século XX.

Com os educandários, como eram conhecidos os colégios religiosos, Vale Vêneto atingiu seu auge social nas décadas de 1950 e 1960, chegando a ter mais de 500 estudantes entre internos e externos. Paralelamente também acontecia o desenvolvimento econômico da região, com a maior parte dos trabalhos artesanais concentrados nos núcleos mais antigos, como Silveira Martins, Vale Vêneto e Ribeirão.

Entretanto, com a migração das pessoas para outras cidades em busca de novas terras, o comércio também diminuiu. Para Santin (1986, p. 69),

[...] não são os agricultores que deixam a terra em troca da cidade, estes partiram para novas terras; quem vai deixar a colônia são os comerciantes dos núcleos coloniais; vendo diminuir a população com as sucessivas migrações, resolvem fixar-se num centro maior. Grande parte das casas comerciais do comércio tradicional de Santa Maria tem suas raízes e

---

<sup>5</sup> “Pequeno povoado” (Tradução nossa).

comércios, em certos casos de grande esplendor, nos pequenos núcleos da imigração italiana.

Dessa forma, a partir da década de 1960, o desenvolvimento desacelera e a ex-Colônia e seus núcleos começam a sofrer um lento e constante processo de declínio. A população começa a diminuir com as doenças, mortes e outros fatores que surgiram, contribuindo para o êxodo rural e a redução das famílias.

Propriedades reduzidas, portanto inviáveis de serem divididas; impossibilidade financeira de adquirir outras terras; uma estratégia de reprodução familiar frente às pressões do capital; intensa campanha de migração desenvolvida pelos padres Palotinos para as novas colônias; a importância que os colonos de Vale Vêneto imputaram aos estudos nas escolas religiosas dos Padres Palotinos e das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria e, mais recentemente, a proximidade com a Universidade de Santa Maria, facilitando o estudo dos filhos. (MARIN, 1996, p. 68).

Da mesma forma que a escola oferecia aos filhos dos colonos uma boa educação, esses ensinamentos para o trabalho agrícola pouco serviam. Era preciso encontrar uma maneira mais efetiva para aproveitar esse conhecimento, sendo a primeira opção ingressar na vida religiosa; a segunda, procurar por um centro maior, onde fosse possível continuar os estudos, ou ainda arrumar algum trabalho burocrático. Aos poucos os descendentes italianos passam a enxergar o estudo como uma alternativa de libertação dos trabalhos pesados nas lavouras, longe das privações e dos sofrimentos enfrentados pelos pais no meio rural. A instalação da UFSM em Santa Maria possibilitou a formação dos filhos no ensino superior, que passou a ser motivo de orgulho e sucesso para a família (SANTIN, 1986).

Apesar do declínio, Vale Vêneto não deixou de sediar diversas celebrações religiosas e atividades festivas ao longo dos anos e continuou a atrair muitas pessoas de várias cidades da Região Central. Assim, embora pequeno em extensão territorial e em taxa populacional, o Distrito é atualmente conhecido no cenário turístico e cultural pelas suas festas, religiosidade e tradições trazidas pelos imigrantes italianos.

Desse modo, esse patrimônio cultural deixado pelos imigrantes italianos em Vale Vêneto está representado em seus pontos turísticos, como a Igreja Matriz de *Corpus Christi*, os capitéis, o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), o Calvário<sup>6</sup>, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, o Seminário Rainha dos Apóstolos e

---

<sup>6</sup> Símbolo da manifestação religiosa cultivada pelos colonizadores italianos na Igreja Católica, que refaz o caminho percorrido por Jesus Cristo até a crucificação.

o Colégio Nossa Senhora de Lourdes e os diversos monumentos que ajudam a compor o cenário local, além de outros atrativos como a paisagem, as festas e a culinária, que fazem de Vale Vêneto um dos pontos turísticos mais visitados da Quarta Colônia.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo aborda a trajetória de vida do Padre Clementino Marcuzzo, desde o nascimento, infância, estudos primários, formação religiosa e acadêmica, trabalho sacerdotal, bem como as atividades exercidas em outros âmbitos, até o seu falecimento e as homenagens recebidas. Por meio das informações colhidas e analisadas no acervo pessoal do sacerdote, foi possível contar e registrar sua história, assim como compreender suas motivações e os modos como articulou suas ações culturais em prol da cultura italiana e na divulgação da Quarta Colônia.

### 5.1 A TRAJETÓRIA DE CLEMENTINO MARCUZZO

Clementino Marcuzzo era neto de imigrantes italianos e viveu sua infância com a família em Vale Vêneto, onde iniciou seus estudos primários e religiosos. Ao ordenar-se padre Palotino, prestou assistência religiosa em cidades do Rio Grande do Sul e de outros estados, retornando para Santa Maria na década de 1970, quando começou a trabalhar com a imprensa e a exercer outras atividades.

#### 5.1.1 Os avós, a família e a infância

Os avós paternos de Padre Marcuzzo, Giuseppe (José) Marcuzzo e Maria Cattellan, casaram-se em Piavon, cidade de Oderzo, Província de Treviso, no norte da Itália, e tiveram três filhos – Geremia (Geremias), Luigi Cândido (Luis Candido) e Catterina (Catarina). Em 1878, o casal decidiu emigrar para o Brasil com os filhos, entretanto, durante a viagem, a esposa e a filha Catarina faleceram. O filho Geremias realizou toda a travessia, mas morreu ainda jovem, na localidade onde pai e filhos se fixaram. Com a morte da esposa, José se casou novamente com Luiza Giroto em 1879. Dessa união, nasceram dez filhos, dentre eles Luiz, pai de Clementino (TONIAL, 2001).

Na Figura 1, de pé da esquerda para a direita: Teresa, Luiz (pai de Clementino), Josefina, Elisa, Mariano, Antônio e João. Sentados, na mesma ordem: Amábile (no colo Olinda), José, Emiliano, Luiza, Domingos e Catarina Cereta com seus dois filhos.

Figura 1 – José Marcuzzo e Luiza Giroto, avós paternos de Padre Marcuzzo, com familiares



Fonte: Acervo do MIEM.

Ao chegar a Vale Vêneto, a família foi morar na localidade de Linha Duas, onde, em meados de 1900, construiu sua primeira casa (Figura 2), perto de um riacho em meio às montanhas e animais selvagens que habitavam o local. Segundo Costa et al. (1974), a grande preocupação dos imigrantes italianos era estabelecer suas moradias próximo a fontes, rios e córregos, pela abundância da água, sendo este um dos elementos para a fixação da residência. Atualmente o casarão pertence à família de Virgílio Bortoluzzi.

Figura 2 – Primeira casa de José Marcuzzo e Luiza Giroto, avós paternos do Padre Marcuzzo



Fonte: Acervo do MIEM.

Mais tarde, Luiz, pai de Clementino, adquiriu 30 hectares de terra nas proximidades. Para abrigar a família, construiu, em 1916, um sobrado de pedra basalto, onde nasceu o sacerdote. Na época, as famílias eram numerosas e tinham de 10 a 16 filhos, aproximadamente, que se constituíam na força braçal necessária para o trabalho na lavoura. Segundo Santin e Isaia (1990), a família numerosa era vista como uma grande dádiva de Deus e não casar e/ou não ter filhos representava, no mínimo, certo constrangimento social. Além disso, a crença religiosa ensinava que o casal devia aceitar o número de filhos que Deus mandasse, sendo proibida a realização de qualquer procedimento para evitá-los.

O casarão (Figura 3) tinha, na parte superior, os quartos e, na parte inferior, a cozinha separada dos demais cômodos para evitar possíveis incêndios, além de um espaço reservado para armazenar mantimentos e guardar os produtos coloniais feitos pela família. O sobrado foi todo restaurado, na década de 1990, pelo proprietário, Luiz Marcuzzo, sobrinho do Padre Marcuzzo, e hoje é preservado pelo familiar.

Figura 3 – Sobrado de pedra basalto, construído em 1916, onde nasceu Padre Clementino Marcuzzo



Fonte: Acervo do MIEM.

Os avós maternos, Domênico (Domingos) Bortoluzzi e Santa Puppín, vieram da Província de Treviso, no Norte da Itália, em 1878, assim como seus avós paternos (Figura 4). No livro “Nossos ancestrais: Família Bortoluzzi”, a neta de Domingos e Santa, Umbelina Vizzoto, menciona que seus pais contavam que o avô era oficial do exército italiano e, com medo de ser enviado para as batalhas que estavam acontecendo na época, ele e sua esposa decidiram partir para o Brasil. Durante a viagem, faleceram dois dos seis filhos. Chegando à Quarta Colônia, estabeleceram-se em Vale Vêneto, onde construíram uma casa de pedras nas proximidades de um riacho, e trabalharam por toda a vida na lavoura e na criação de animais para o sustento da família. Profundamente religioso, como a maioria dos imigrantes italianos, Domingos construiu próximo à casa um capitel, como promessa para se curar de uma doença que sofria na garganta.

Figura 4 – Domênico Bortoluzzi (à esquerda) e Santa Puppín (à direita), avós maternos de Padre Marcuzzo



Fonte: Acervo do MIEM.

Os pais de Clementino, Luiz Marcuzzo e Amábile Maria Bortoluzzi, conheceram-se em Vale Vêneto, onde casaram. Dessa união nasceram 10 filhos; o religioso foi o penúltimo. Na Figura 5, na primeira fila da esquerda para a direita: Eduardo, Elídio, Jandira, Amábile (mãe), Luiz (pai) e Clementino; na segunda fila, na mesma ordem: Rafael, Olinda, Elisa, Amélia, Virgílio e Santo.

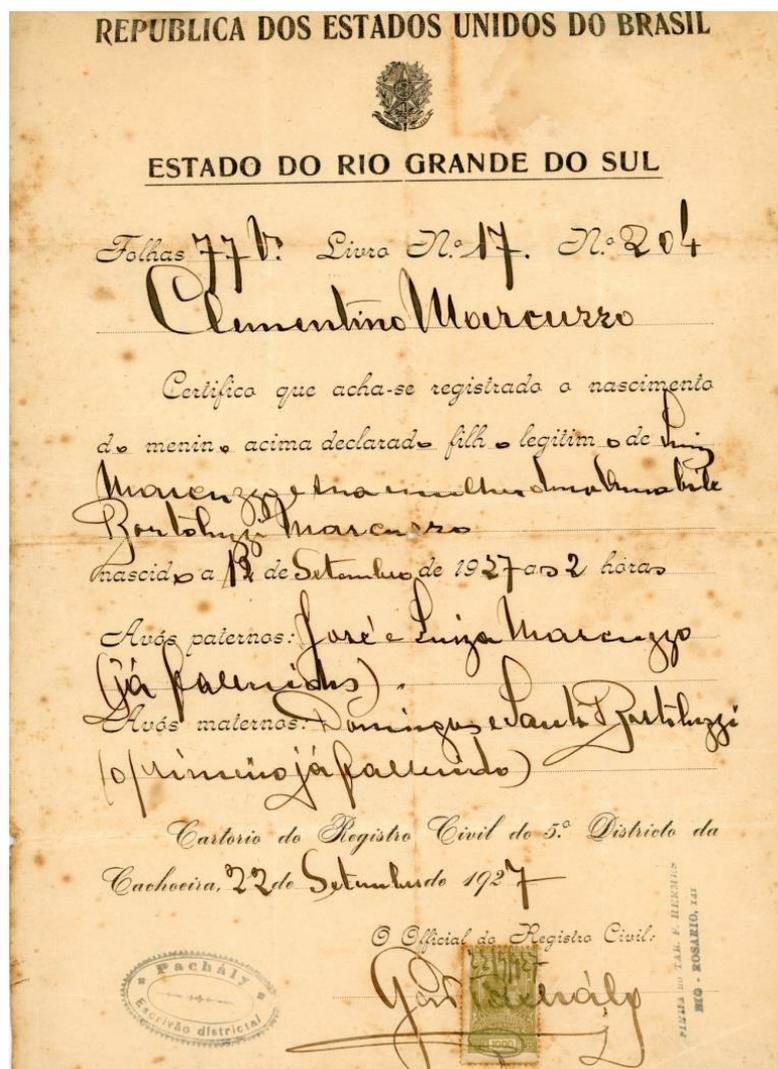
Figura 5 – Família de Luiz Marcuzzo e Amábile Maria Bortoluzzi



Fonte: Acervo do MIEM.

Clementino Marcuzzo nasceu no dia 12 de setembro de 1927, em Vale Vêneto, na época pertencente ao município de Cachoeira do Sul (RS), sendo registrado no cartório do Registro Civil do 5º Distrito de Dona Francisca (Figura 6).

Figura 6 – Certidão de Nascimento de Clementino Marcuzzo



Fonte: Acervo do MIEM.

A vida nos primeiros tempos foi muito difícil para a família Marcuzzo, assim como para todas as famílias da região da Quarta Colônia, pois a floresta precisava ser derrubada e a terra preparada para o plantio. No início, para ajudar no sustento da casa, alguns tipos de madeira existentes na mata, como ângico, ipê e grápia, eram vendidos como dormentes. Transportadas em carretas guiadas por bois, as peças eram utilizadas para a construção da Estação Colônia – estrada de ferro inaugurada em 1885 e, posteriormente, chamada de Estação Camobi, localizada em Santa Maria, no atual bairro Camobi (JORNAL INTEGRAÇÃO REGIONAL, 2007).

Ao mesmo tempo, a família começava o trabalho pesado na preparação da lavoura. Além de derrubar a mata, era necessário realizar as queimadas, arar a terra

para depois plantar. Além das plantações, começaram a criar animais, dos quais obtinham leite, ovos, carne e derivados, que ajudaram no sustento da família.

Nas colônias italianas, a produção de fumo movimentou a economia, pois o produto era vendido facilmente para ser exportado para outros países, como Itália e Estados Unidos. Clementino menciona que o fumo foi uma das maiores riquezas dos italianos e que seu pai dizia: “*piantemo fumo que este é exportado*”<sup>7</sup> (MARCUIZZO, 2010). Durante anos, o fumo de galpão<sup>8</sup> foi um dos produtos mais cultivados em Vale Vêneto, constituindo-se em uma das principais rendas da família – que, em 1937, construiu um galpão chamado na linguagem italiana de *ingiostra*<sup>9</sup>. Além do fumo, cultivavam feijão, milho, alfafa e cana-de-açúcar e praticavam outras atividades, como a extração de madeira e a produção de pequenas quantidades de vinho e cachaça para a subsistência familiar.

Padre Marcuzzo viveu sua infância em Vale Vêneto e, em 1933, aos 6 anos de idade, iniciou sua alfabetização na Capela de Sant’Ana<sup>10</sup> (Figura 7), que, além de ser local de encontro para as celebrações religiosas, como missas, terços e novenas, também servia de escola para as crianças. No colégio improvisado não havia carteiras, nem cadeiras para sentar; utilizavam os bancos da capela como assento e apoio para estudar. Os ensinamentos consistiam em aprender a ler, a escrever e a contar os números. A turma era formada por aproximadamente 20 alunos e era separada: de um lado, sentavam as meninas e, de outro, ficavam os meninos. Na escola, a professora exigia disciplina e, muitas vezes, utilizava castigos como ajoelhar em grãos de milho, em pedrinhas ou, até mesmo, levar batidas com varas de marmelo e réguas – tais métodos para impor sua autoridade eram consentidos pelos pais (TONIAL, 2001).

---

<sup>7</sup> “Plantamos fumo que este é exportado” (Tradução nossa).

<sup>8</sup> Cortavam-se as folhas do fumo, que eram penduradas para secar nos galpões.

<sup>9</sup> Galpão de madeira e tijolos usado para armazenar o fumo.

<sup>10</sup> A capela foi construída em 1904, sendo dedicada a Sant’Ana e São Joaquim, pais de Nossa Senhora. A promessa foi feita pelo casal Atílio Iop e Stella Bolsan Iop, moradores da localidade que tiveram nove filhos, alguns dos quais morreram prematuramente. O casal prometeu que, se tivessem mais filhos e não morressem no parto, iriam construir a capela. Depois disso, nasceram mais dois filhos e a promessa foi cumprida.

Figura 7 – Capela Sant’Ana, onde Padre Marcuzzo iniciou seus estudos primários



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2019).

Em depoimento, o sacerdote recorda que a primeira lembrança das aulas era a professora Constantina Sartori ensinando o alfabeto, repetido por eles em dialeto vênето logo após: “A B C D *coda rasa, copa a maestra e scampa casa, copela ben che diman la magném!*”<sup>11</sup>. Além de dar aulas, a professora também foi responsável por ministrar a catequese para as crianças do local (TONIAL, 2001, p. 140).

Quando não estava estudando, Padre Marcuzzo ajudava nos afazeres da casa e no cultivo das plantações. Em conversa, J. P. (90 anos)<sup>12</sup> contou que Clementino costumava ajudar os irmãos a carregar as folhas de fumo nas costas até a carroça – que era conduzida por uma junta de bois até o galpão, onde o produto era armazenado – enquanto os demais irmãos colhiam o fumo. Também lembrou que, certo dia, Clementino foi questionado por que usava casaco naqueles dias quentes. Ele respondeu: “quero usar casaco para ver se me acostumo a usar batina para ir ao

---

<sup>11</sup> Tradução imprecisa. Os versos eram utilizados pelos alunos, que costumavam fazer gracejos com o cavalo usado como meio de transporte pela professora para chegar à escola.

<sup>12</sup> Conversa informal da autora com familiar de Padre Marcuzzo. Para preservar a identidade da fonte, opta-se por manter apenas as iniciais do nome.

Seminário”. Assim, iniciava os primeiros sinais e a vontade de seguir a vocação sacerdotal.

A família era muito religiosa e encontrava na fé, nas orações diárias e nas missas aos domingos, a força para superar as dificuldades e seguir em frente. A religião foi essencial na vida das famílias italianas, que nela se apoiaram na esperança de dias melhores.

### **5.1.2 A vocação e o trabalho sacerdotal**

Em meados de 1940, Clementino mudou-se com o casal, Francisco Bordignon e Amábile Bortoluzzi, amigos da família, para a localidade de São Sebastião, no município de Restinga Seca (RS). O casal não tinha filhos e ele se tornou uma companhia, ajudando na lida com os animais e nos afazeres da casa. Uma de suas tarefas era, no final da tarde, levar o gado para beber água no rio, chamado de Divisa. Enquanto aguardava, para se distrair, costumava passar o tempo juntando as sementes (grãos redondos e pretos) da flor conhecida como “gaité”. Em uma dessas tardes, ao chegar em casa, Clementino pediu a Amábile uma agulha e linha, porque queria furar os grãos para fazer um terço. Este foi apenas o primeiro dos muitos que confeccionou nas horas de distração e espera. Certo dia, ao chegar em casa, pediu ao casal para retornar a Vale Vêneto, porque desejava estudar no Seminário Rainha dos Apóstolos<sup>13</sup>. De volta à casa dos pais, disse à mãe que queria estudar para ser padre. Com os poucos pertences que tinha, ingressou no Seminário no ano de 1944, aos 17 anos de idade, seguindo os passos do irmão Santo Marcuzzo, que já se encontrava no local, mas que não chegou a concluir a formação sacerdotal (C. B., 69 anos)<sup>14</sup>. Na Figura 8, o atestado de Clementino com as notas recebidas das disciplinas cursadas no primeiro ano de ensino para a formação sacerdotal no Seminário Rainha dos Apóstolos em Vale Vêneto. Além do conteúdo, também eram avaliados o comportamento e a aplicação do aluno.

Na época, os colégios religiosos eram uma oportunidade que os filhos dos colonos italianos tinham para estudar, já que as famílias não tinham condições de

---

<sup>13</sup> Colégio religioso fundado em 1922, em Vale Vêneto, para a formação de padres e irmãos. Para mais informações: <[https://saojoaodopolesine.rs.gov.br/Servicos/Turismo\\_Detalhes/607](https://saojoaodopolesine.rs.gov.br/Servicos/Turismo_Detalhes/607)>. Acesso em: 2 nov. 2019.

<sup>14</sup> Como explicitado, opta-se por preservar a identidade da fonte quando a informação advém de conversa informal com a autora.

custear as despesas com a educação. Ademais, ter um membro da família padre ou irmã era motivo de orgulho e prestígio na comunidade, por isso os pais incentivavam os filhos a seguir a vocação sacerdotal, uma das aspirações das famílias italianas.

Figura 8 – Atestado do aproveitamento das disciplinas cursadas pelo Padre Marcuzzo (1944)

**Seminário Menor Palotino** - Vale Veneto - Rio Grande do Sul

**ATESTADO**  
do ano letivo de 1944

do aluno CLEMENTINO MARCUZZO

II Curso preparatório Ano secundário

**APROVEITAMENTO**

Catecismo . . . . . 8	Literatura . . . . . 5	Hist. Universal . . . . .
Hist. da Igreja . . . . . 7	Aritmética . . . . . 5	Cosmografia . . . . . 8
Português . . . . . 7	Algebra . . . . .	Geografia . . . . . 8
Apologética . . . . .	Geometria . . . . .	Caligrafia . . . . . 16
Latim . . . . .	Trigonometria . . . . .	Desenho . . . . . 9
Grego . . . . .	Química . . . . .	Música . . . . .
Francês . . . . .	Física . . . . .	Canto . . . . .
Italiano . . . . .	Hist. Natural . . . . . 7	Ginástica . . . . .
Alemão . . . . .	Hist. do Brasil . . . . . 6	Civildade . . . . .

**PROCEDIMENTO**

Comportamento grau 10

Aplicação " 10

Entre 44 condiscipulos obteve o 19 lugar com 171 pontos

O máximo de pontos neste curso (ano) é de 240

Observações: Foi promovido ao primeiro ano ginásial.

Vale Veneto, 7 de Dezembro de 1944

O Reitor *Dr. Máximo Gervasio*

Fonte: Acervo do MIEM.

No ano seguinte ao ingresso no Seminário, Clementino alistou-se no serviço militar brasileiro, na modalidade Tiro de Guerra. Ele comparecia em determinados dias da semana no quartel para realizar a chamada “ordem unida”, que consistia em atividades como aprender a atirar de fuzil, marchar, fazer exames médicos e

atividades físicas. No final do mesmo ano, foi liberado, recebendo o Certificado de Reservista em 16 de dezembro de 1945<sup>15</sup>.

Clementino Marcuzzo continuou seus estudos religiosos no Seminário Rainha dos Apóstolos, tendo também estudado nos noviciados<sup>16</sup> das cidades de Augusto Pestana (RS), São João do Polêsine (RS) e no Colégio Máximo Palotino de Santa Maria. Em 21 de dezembro de 1958, foi ordenado padre Palotino na Cripta do Santuário da Medianeira em Santa Maria pelo bispo coadjutor da cidade Dom Luis Vitor Sartori, tendo como paraninfo de ordenação o padre Fioravante Trevisan. Na Figura 9, durante celebração religiosa de ordenação sacerdotal de Clementino e demais colegas na Cripta do Santuário da Medianeira. Clementino Marcuzzo (ao centro), João Sartor (lado esquerdo) e Osvaldo R. Cremonese (lado direito).

Figura 9 – Ordenação sacerdotal de Clementino Marcuzzo na Cripta do Santuário da Medianeira em Santa Maria (1958)



Fonte: Acervo do MIEM.

Clementino Marcuzzo integrou a primeira turma de sacerdotes do Colégio Máximo Palotino de Santa Maria, juntamente com os colegas João Sartor, Cláudio A. Casassola, Osvaldo R. Cremonese, Bonfilho Mânfió, Duílio Antonelo e Bonfilho

<sup>15</sup> Informação coletada no próprio Certificado de Reservista de Clementino Marcuzzo, disponibilizado pelo acervo do MIEM.

<sup>16</sup> Local onde ficavam os jovens durante o período de estudos para a formação religiosa.

Stefanelo. Na Figura 10, a lembrança distribuída a familiares e amigos na ocasião de sua ordenação sacerdotal junto com os demais colegas.

Figura 10 – Lembrança da ordenação sacerdotal de Padre Marcuzzo (1958)



Fonte: Acervo do MIEM.

A Congregação Palotina na qual o sacerdote ordenou-se foi fundada em 4 de abril de 1835, sob a denominação de Pia União do Apostolado Católico, pelo padre Vicente Pallotti, declarado santo pelo Papa João XXIII em 1963. O objetivo estabelecido em seu estatuto geral era reavivar a fé e reascender a caridade na igreja e no mundo, levando a união de todos em Cristo (ORSOLIN, 2009).

Após a ordenação sacerdotal, Padre Marcuzzo celebrou a sua primeira missa no dia 28 de dezembro de 1958 na Igreja Matriz de *Corpus Christi* em Vale Vêneto (Figura 11), com o seguinte ideal sacerdotal: "Fazei todos os homens felizes para o céu". A missa teve início pela manhã e foi cantada em latim e celebrada *in tércio*, isto é, com a participação de três sacerdotes: um celebrante, um diácono e um subdiácono. À tarde, a cerimônia religiosa terminou com a execução de um solene *Te Deum*<sup>17</sup>, formada por vozes mistas e com a benção do Santíssimo Sacramento. A celebração contou ainda com a participação da Banda "Giuseppe Verdi", criada em Vale Vêneto no ano de 1922, que encerrou suas atividades nesse dia, após tocar e animar as festas da localidade durante anos (25 ANOS, 1958, [folder]).

<sup>17</sup> Uma forma de ação de graças e de agradecimento.

Figura 11 – Primeira missa celebrada por Padre Clementino Marcuzzo (à esquerda), em Vale Vêneto (1958)



Fonte: Acervo do MIEM.

Um grande público compareceu para prestigiar a primeira missa do sacerdote, realizada em sua terra natal, motivo de orgulho e respeito para a comunidade, familiares e amigos. Na Figura 12, familiares do sacerdote presentes na primeira missa realizada em Vale Vêneto. Da esquerda para a direita, na primeira fila: Eduardo, Rafael, Amélia e Elisa. Segunda fila na mesma ordem: Elídio, Virgílio, Giussepe (José) - avô, Clementino, Santo, Olinda e Jandira.

Figura 12 – Família na celebração da primeira missa realizada por Padre Marcuzzo em Vale Vêneto (1958)



Fonte: Acervo do MIEM.

As primeiras atividades como padre Palotino foram em Santa Maria (RS), na Paróquia Nossa Senhora das Dores, como coadjutor, e na Casa de Retiros, auxiliando no recrutamento de jovens para as vocações sacerdotais. Durante alguns meses, também trabalhou como missionário na cidade, levando a palavra de Deus aos fiéis. De Santa Maria foi enviado para trabalhar em Rio Grande (RS), na filial da Livraria Pallotti, juntamente com outro religioso (25 ANOS, 1958, [folder]).

Em 1962, Padre Marcuzzo foi transferido para a Paróquia do Divino Espírito Santo, na cidade de Cruz Alta (RS), onde permaneceu quase um ano exercendo suas atividades como vigário cooperador. Conforme ficha de anotações das atividades religiosas do Padre, verificadas no acervo dos padres Palotinos, ele foi enviado mais tarde para a cidade de Iporã, no estado do Paraná e, no ano de 1964, assumiu como vigário no Rio de Janeiro, na Paróquia de Magalhães Bastos, Vila Militar, onde permaneceu por aproximadamente três anos. Posteriormente, trabalhou com os padres italianos em Bento Ribeiro, na Paróquia de Santa Isabel, também no Rio de Janeiro, durante um ano (25 ANOS, 1958, [folder]).

Em um dos seus manuscritos, o sacerdote relembrou a passagem pelo Nordeste, proferindo os ensinamentos cristãos e a fé em Deus ao povo que sofria com a seca.

Poço redondo. Tinha uma seca de 8 meses. Fiz o povo rezar, rezando um terço para pedir chuva, pois eles diziam: Deus quer assim; eu dizia que não. Rezamos o terço em redor da praça. Durante a noite choveu. Vieram me chamar de padre Cícero. Queriam que eu ficasse lá. Pedi e recebereis disse Jesus<sup>18</sup> (MARCUIZZO, [s.d.]. Manuscrito. Acervo do Padre Clementino Marcuzzo [caixa] do Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora).

Paralelo ao trabalho religioso, Padre Marcuzzo concluiu, em 1964, o Curso Superior de Filosofia – Licenciatura no Colégio Santo Alberto de Cadeado na cidade de Augusto Pestana (RS), iniciando também no local o Curso Superior de Teologia. Anos depois, foi transferido para o Seminário Vicente Pallotti, em São João do Polêsine (RS), e, mais tarde, para a Escola Superior de Estudos Filosóficos e Sociais de Santa Maria, formando-se em 1972<sup>19</sup>.

O sacerdote celebrou missas em português, italiano e latim e também realizou missas crioulas, com o objetivo de unir a cultura italiana ao tradicionalismo gaúcho. Para tanto, também promoveu cavalgadas na região e incentivou as tradições.

Na Figura 13, Padre Marcuzzo no dia 5 de agosto de 2001, em meio a cavalarianos, indo em direção ao Distrito de Água Boa, pertencente ao município de Santa Maria. No local, o sacerdote celebrou a missa crioula, realizou um batizado e, logo após, participou de um almoço.

---

<sup>18</sup> Padre Clementino Marcuzzo participou do Projeto Rondon, integrando um grupo de universitários santa-marienses que foram exercer suas atividades, dentro de suas respectivas áreas, na cidade de Poço Redondo, Sergipe, durante o período de 11 de janeiro a 4 de fevereiro 1980 (MARCUIZZO, 1980, p. 5).

<sup>19</sup> Informações coletadas no *Curriculum vitae* do Padre Clementino Marcuzzo (Acervo do MIEM).

Figura 13 – Padre Clementino durante cavalgada (2001)



Fonte: Acervo do MIEM.

Na Figura 14, no CTG Piá do Sul em Santa Maria, o sacerdote recebeu homenagem pelo seu aniversário de 76 anos. Padre Marcuzzo celebrou por mais de 15 anos, naquele CTG, missas crioulas durante a Semana Farroupilha. Da esquerda para a direita, aparecem na fotografia: Antônio Bissacotti (patrão de honra), Padre Marcuzzo e Arioli de Bem e sua esposa.

Figura 14 – No CTG Piá do Sul, em Santa Maria, durante homenagem (2003)



Fonte: Acervo do MIEM.

Em 21 de dezembro de 1983, Padre Marcuzzo completou 25 anos de sacerdócio. O Jubileu Sacerdotal foi comemorado com a celebração de uma missa na Igreja Matriz de *Corpus Christi* em Vale Vêneto, com a presença de familiares, de religiosos, de amigos e da comunidade local. Após, os presentes foram recepcionados no Salão Paroquial com o tradicional almoço italiano (25 ANOS, 1958, [folder]). Em 2008, o sacerdote comemorou, junto aos colegas religiosos e familiares, o cinquentenário de sua ordenação sacerdotal no Seminário Rainha dos Apóstolos em Vale Vêneto (Figura 15).<sup>20</sup>

Figura 15 – Comemoração dos 50 anos de sacerdote do Padre Marcuzzo junto com outros religiosos (2008)



Fonte: Acervo pessoal de Inês Marcuzzo (2018).

Entretanto, a vida do Padre Marcuzzo não se limitou apenas ao trabalho religioso. Ele se envolveu também com questões culturais e na difusão da Quarta Colônia, atividades e iniciativas que trouxeram novas perspectivas para o desenvolvimento e o turismo da região.

---

<sup>20</sup> O Seminário Rainha dos Apóstolos em Vale Vêneto encerrou suas atividades de formação sacerdotal e, atualmente, é denominado Centro Cultural Rainha dos Apóstolos, sendo destinado a outras atividades dos padre e irmãos Palotinos (VIZZOTTO, 2011).

### 5.1.3 Os primeiros trabalhos de Padre Marcuzzo com a imprensa

Em meados de 1923, os padres Palotinos fundaram em Vale Vêneto a Revista Rainha dos Apóstolos, que mais tarde passou a se denominar Revista Rainha. O objetivo era elaborar uma revista missionária com temas voltados para os ensinamentos da religião católica e a evangelização. Para a impressão do periódico, os religiosos montaram uma pequena gráfica, que, anos depois, foi transferida para o Patronato Antônio Alves Ramos, em Santa Maria, conhecida atualmente como Gráfica e Editora Pallotti.

Na década de 1960, o Padre Lauro Trevisan assumiu a edição da Revista, rompeu com o modelo tradicional de publicação existente e iniciou uma série de reformas com o intuito de modernizar o periódico. O editor passou a dar maior ênfase às questões comerciais e ao jornalismo informativo, com novos temas voltados à atualidade, ao entretenimento, à educação, à psicologia e a outros interesses da sociedade. A proposta gerou conflitos entre os padres que participavam do projeto e parte do clero Palotino contrário à nova postura adotada.

No início da década de 1970, Padre Marcuzzo retornou ao Patronato Antônio Alves Ramos, onde iniciou os trabalhos para a divulgação da Revista Rainha e a montagem das primeiras impressoras *offset* da tipografia dos padres Palotinos. Atuantes no meio, Padre Lauro Trevisan e Padre Clementino Marcuzzo começaram a escrever artigos no Informativo Palotino<sup>21</sup>, contrapondo as críticas dos sacerdotes que faziam oposição a essas mudanças e defendendo a importância dos meios de comunicação e a força da imprensa para a população (DALMOLIN, 2007).

Em uma publicação feita no Informativo Palotino (1971), Padre Marcuzzo fez uma crítica ao mencionar que “o esforço de tantos Padres, se fosse canalizado segundo os desejos dos Papas, através da imprensa, teríamos um mundo melhor”. O sacerdote manifestou ainda que os padres optaram em investir em construções e acreditar na força do púlpito ao invés de investir na comunicação difundida pela mídia. Com esse entendimento o sacerdote buscou, em suas publicações, trazer informações mais relacionadas a questões atuais do que a causas apenas religiosas.

Ao analisar, em sua pesquisa de mestrado, textos publicados pelos padres Lauro Trevisan e Clementino Marcuzzo, Dalmolin (2007, p. 58) afirma que “os

---

<sup>21</sup> Periódico publicado pela Congregação dos Padres Palotinos.

religiosos insistem no ‘apostolado da boa imprensa’, lançando mão dos argumentos eclesiásticos para justificar o apoio a esta através do incentivo a Rainha”. A pesquisadora menciona ainda que Clementino Marcuzzo citou que os métodos tradicionais, como o púlpito e o trabalho pastoral, mereciam respeito, entretanto, foram superados pela quantidade de ideias lançadas diariamente pela imprensa falada, escrita e televisionada.

O envolvimento com o trabalho de divulgação da Revista Rainha e com os meios de comunicação despertou no religioso o desejo de aperfeiçoar e buscar novos conhecimentos. Para tanto, ingressou na Universidade Federal de Santa Maria, na 5ª turma do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, onde se formou em dezembro de 1979 (Figura 16).

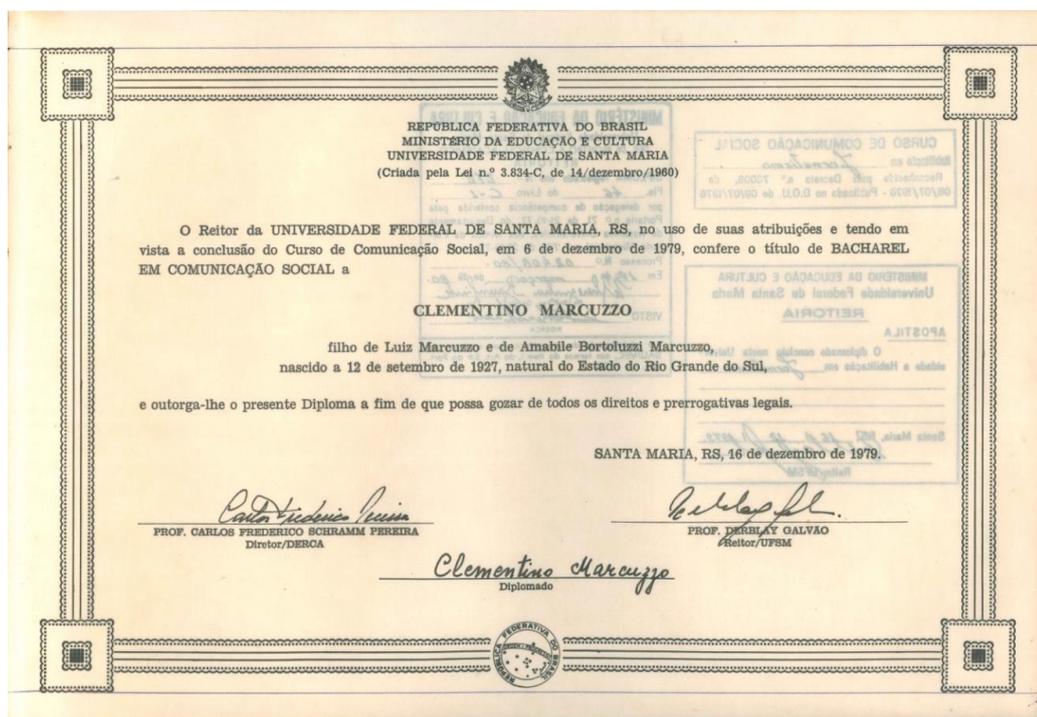
Uma das coisas que sempre me apaixonou foi a imprensa escrita, fonte de laboratório perene da informação. O escritor atravessa os séculos, perpassa as gerações, torna-se imortal. É na imprensa escrita que se perpetuam as culturas dos povos. É nos arquivos e nas bibliotecas que buscamos pesquisar a história e os valores imortais do passado. Estes foram alguns dos motivos que me levaram a cursar a faculdade de jornalismo. (MARCUIZZO, 1988, manuscrito).

Nesse período, além de escrever para a Revista Rainha, Clementino começou a produzir artigos para os periódicos da Congregação Palotina e Revista Santa Maria. Mais tarde, passou a fazer parte do corpo editorial do periódico Piaquito<sup>22</sup> e a escrever, editando por anos a Revista Medianeira, distribuída gratuitamente aos participantes da Romaria da Medianeira, realizada todos os anos no mês de novembro em Santa Maria (MARCUIZZO, 2010).

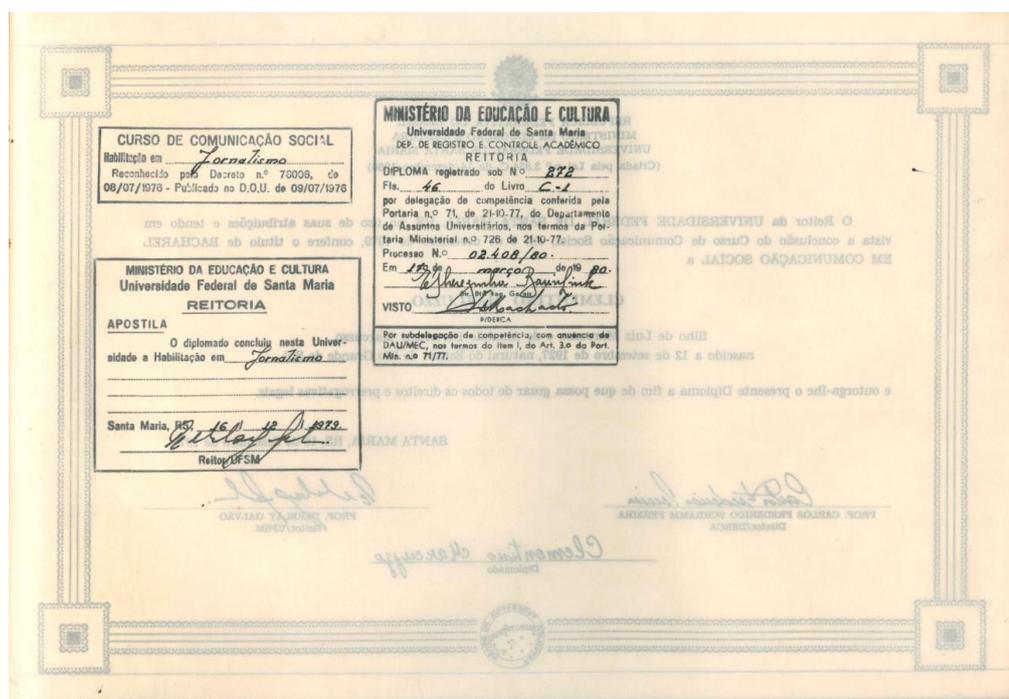
---

<sup>22</sup> Periódico voltado ao público infantil, publicado pelos padres Palotinos.

Figura 16 – Diploma do Curso de Comunicação Social – Jornalismo; (a) frente e (b) verso (1979)



(a) Frente



(b) Verso

Fonte: Acervo do MIEM.

Além do trabalho com os periódicos, o sacerdote criou e editou, em 1975, o primeiro jornal da Quarta Colônia: O Radar de Faxinal do Soturno (RS) (Figura 17), com circulação mensal no município e tiragem de dois mil exemplares, distribuídos gratuitamente com o patrocínio de empresas e colaboradores locais (MARCUIZZO, [s.d.]. Manuscrito. Acervo do Padre Clementino Marcuzzo [caixa] do Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora).

Figura 17 – Jornal O Radar, criado pelo Padre Marcuzzo (1975)



Fonte: Acervo do MIEM.

Ainda durante os anos de 1970, as mudanças na Revista Rainha ganharam força e se consolidaram. O periódico chegou a alcançar o recorde de tiragem, atingindo 130 mil exemplares, intitulado-se como a “maior revista do Sul do Brasil”,

graças à nova postura adotada e ao aumento de representantes e divulgadores (DALMOLIN, 2007, p. 72).

Padre Marcuzzo contribuiu para o sucesso da comercialização da Revista, pois durante 10 anos assumiu o trabalho de divulgação, juntamente com outros divulgadores. Com uma Kombi carregada de revistas (Figura 18), ele percorria diversas cidades do Rio Grande do Sul e de outros estados, como Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, elevando o número de assinaturas, que era inicialmente de apenas de 12 mil, quando ele assumiu (25 ANOS, 1958, [folder]).

Figura 18 – Padre Marcuzzo na divulgação da Revista Rainha



Fonte: Acervo do MIEM.

Dessa forma, o sacerdote ficou conhecido por divulgar a revista e por seus trabalhos na imprensa, fazendo muitos contatos e amigos nos meios de comunicação. Em março de 1974, esteve na cidade do Rio de Janeiro, participando como jurado em um programa popular de calouros da TV Tupi, voltado a atrações musicais e apresentado na época por José Abelardo Barbosa de Medeiros, o “Chacrinha”. Na Figura 19, Padre Marcuzzo, ao lado do Repórter da Revista Rainha do Rio de Janeiro e demais jurados do Programa do Chacrinha no ano de 1974<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> O conhecido programa “Cassino do Chacrinha”, apresentado na Rede Globo, iniciou mais tarde, em meados de 1980.

Figura 19 – Padre Marcuzzo participando no Programa do Chacrinha (1974)



Fonte: Acervo do MIEM.

Após retornar para Santa Maria, em 1979, Clementino assumiu a Direção do Museu Vicente Pallotti mantido pelos padres Palotinos, alterando seu nome para Museu Histórico e Cultural Vicente Pallotti devido à grande diversidade cultural do acervo. O Museu foi criado no ano de 1935 em Vale Vêneto, pelos padres Palotinos, sendo transferido para o Colégio Máximo Palotino em 1959 por falta de espaço. Depois de um período fechado foi reaberto na década de 1960 e transferido para um pavilhão maior em 1972, onde se encontra atualmente no Bairro Patronato em Santa Maria (MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL VICENTE PALLOTTI, [s.d.] [folder]).

#### **5.1.4 Um homem de muitas habilidades**

Com os trabalhos na imprensa, Padre Marcuzzo passou a se interessar pela fotografia, registrando o que considerava significativo, seja na família, no trabalho ou na história local. A preocupação em preservar as informações para o futuro se tornou uma constante na vida do sacerdote, que buscou registrá-las para que não fossem esquecidas. Esse material é hoje fonte de consulta e colabora para a compreensão de sua própria história e do contexto histórico da região. Nesse sentido, as fotografias

revelam informações significativas da vida das pessoas e de acontecimentos que são fundamentais para o reconhecimento do que prezamos e não queremos deixar no esquecimento.

O lugar da memória nas comunidades de descendência italiana, [...] se traduz nos vínculos familiares, nas tradições, nas músicas e nos objetos que preservam os dispositivos das lembranças. Assim funcionam, por exemplo, as fotografias de família. Elas têm a capacidade de revelar e acionar as imagens arquivadas na memória dos descendentes que as reconstituem, e até as reinventam de acordo com suas ficções e seus projetos identitários. As imagens fotográficas comprovam que, os sujeitos não constroem sozinhos suas histórias, mas estão em sintonia com mecanismos que somente eles podem acionar. (MORTARI, 2004, p. 154).

Na família, era Clementino quem registrava a maioria das confraternizações, os batizados e os casamentos, pois não havia na época tantos recursos tecnológicos, nem financeiros para adquirir uma máquina fotográfica como hoje. Ter uma câmera fotográfica era um privilégio do qual o religioso se valeu para registrar não só a vida familiar, como também elementos da tradição italiana, festas e eventos que aconteciam na região e marcaram a história da Quarta Colônia. “É preciso preservar as informações para que não se percam”, dizia ele, tendo consciência da importância dessas informações para a construção e o entendimento do futuro. Na Figura 20, o deputado Renan Kurtz assina o livro de presença em visita ao Museu em Vale Vêneto. Ao lado direito, o Consul Italiano Máximo Sassi e Padre Clementino Marcuzzo.

Figura 20 – Padre Marcuzzo com autoridades políticas no Museu Padre João Iop



Fonte: Acervo do MIEM.

Segundo o fotógrafo americano Arnold Newman (1918-2006), “a máquina fotográfica é um espelho dotado de memória, porém incapaz de pensar”<sup>24</sup>. Por isso, é preciso analisar o contexto, entender o olhar do fotógrafo e o que o fez registrar determinado momento que, muitas vezes, torna-se um registro histórico, um documento valioso para a sociedade, que contribui para ativar a memória, incorporando na vida social das pessoas e dos grupos informações que facilitam a compreensão de nossa história. Nesse sentido, a fotografia revolucionou a memória, trazendo maior precisão às fontes históricas, que vão além da descrição, por trazer em seus suportes elementos que testemunham a vida das pessoas na sociedade.

Padre Clementino reuniu um expressivo acervo, com muitas fotografias (Figura 21) que retratam momentos em família, a arquitetura das casas, a culinária, os moradores locais, as festas, a religiosidade, as tradições locais, os usos e costumes da cultura italiana e os acontecimentos de Vale Vêneto e da região da Quarta Colônia. Esse material aguarda identificação, higienização e classificação para que possa ser disponibilizado ao público, constituindo uma importante fonte de pesquisa com informações relevantes para o conhecimento e compreensão da história local.

Figura 21 – Fotografias encontradas no acervo pessoal do Padre Clementino Marcuzzo, no MIEM



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

<sup>24</sup> Disponível em <<https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2018/03/03/espelho-cit-arnold-newman/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Além das fotografias, o acervo possui outros tipos de materiais, como negativos de fotos e *slides* (Figura 22), sendo necessárias também a recuperação e a identificação das informações contidas nesses suportes.

Figura 22 – Negativos de fotografias (à esquerda) e *slides* (à direita) do acervo pessoal do Padre Marcuzzo, no MIEM



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

Padre Marcuzzo também reuniu em seu acervo fitas VHS e fitas cassete (Figura 23), além de discos de vinil, contendo canções italianas, entrevistas, gravação dos programas de rádio que apresentou, filmagens de festas e eventos que participava, entre outros. Esses materiais necessitam de equipamentos próprios para a recuperação das informações contidas nesses suportes. O MIEM tem buscado contato para realizar convênios e projetos junto a Universidade Federal de Santa Maria e Prefeitura Municipal de São João do Polêsine, para que profissionais da área de arquivologia possam realizar o tratamento adequado desses materiais.

Figura 23 – Fitas cassete (à esquerda) e fitas VHS (à direita) encontradas no acervo pessoal de Padre Clementino Marcuzzo, no MIEM



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

O gosto pela história de seus antepassados e a preocupação em deixar essas informações registradas para o futuro fez com que Padre Marcuzzo reunisse um acervo com muitos recortes de jornais com textos que publicava nos veículos de circulação da Região Central do Estado, além de outras reportagens que guardou sobre temas relacionados principalmente a Quarta Colônia (Figura 24). Como na época não existiam os recursos tecnológicos como os atuais, o sacerdote costumava realizar suas pesquisas com sua máquina de escrever.

Figura 24 – Recortes de jornais (à esquerda) e pesquisas (à direita) encontrados no acervo pessoal de Padre Marcuzzo, situado no MIEM

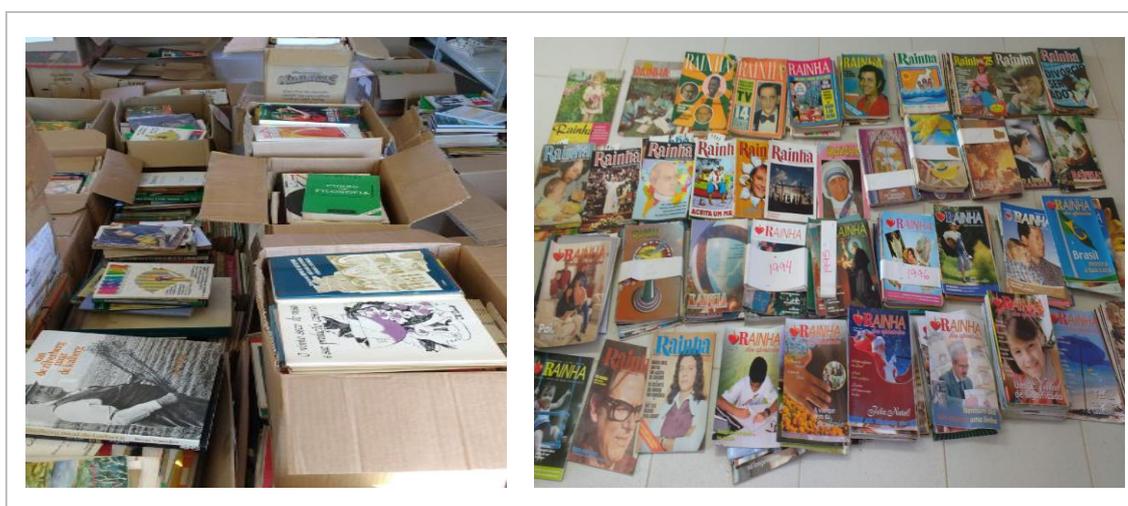


Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

Com o trabalho de divulgação da Revista Rainha, na década de 1970, Padre Marcuzzo guardou muitos fascículos desse periódico, que possui informações sobre

religiosidade, vida social, entretenimento, entre outros assuntos pertinentes para o entendimento do contexto social e histórico. O sacerdote também reuniu um relevante acervo contendo livros sobre a imigração italiana, religiosidade e a história local, além de outros temas de seu interesse. As obras aguardam ser catalogadas (Figura 25) para compor o acervo já existente no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM).

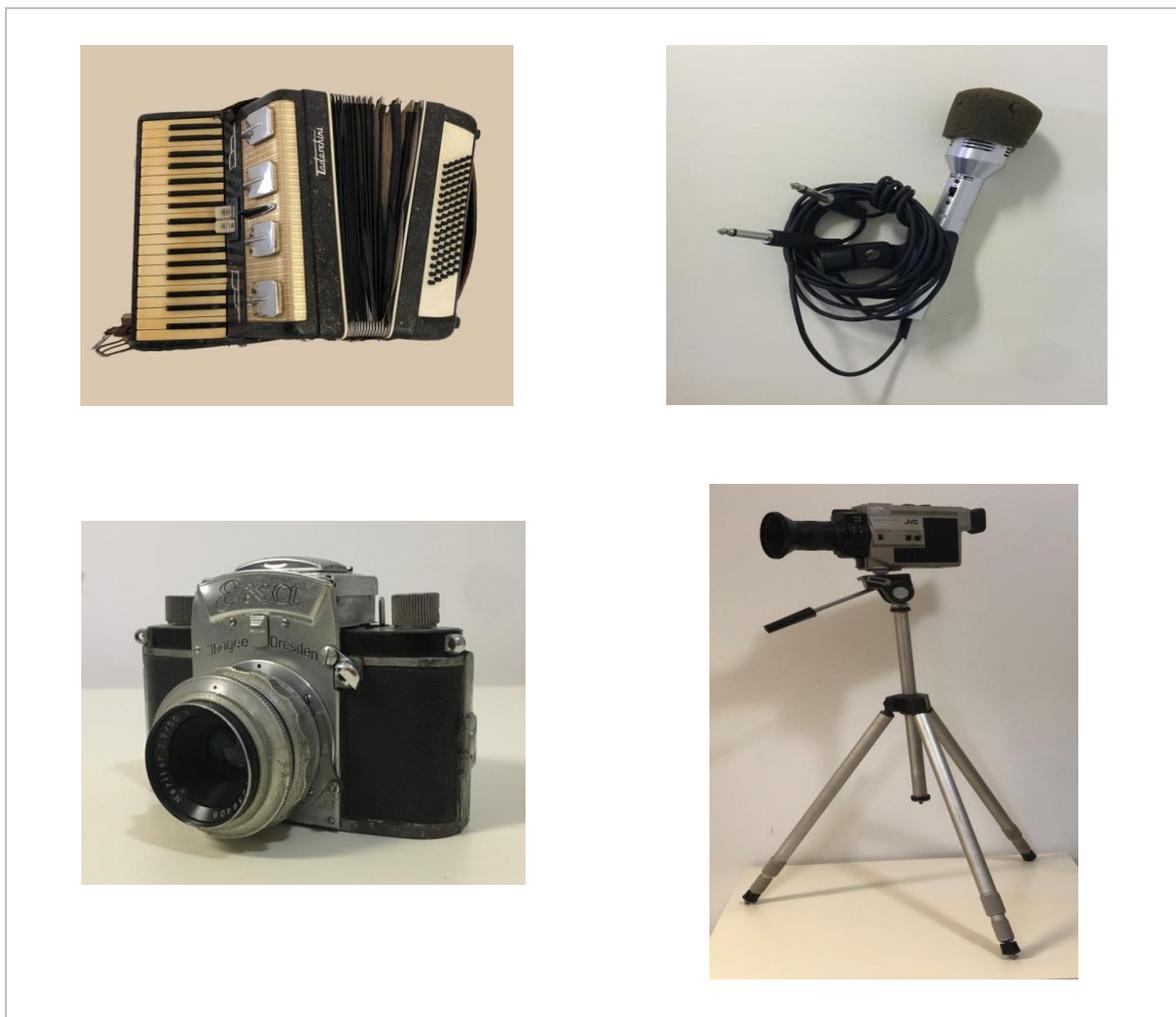
Figura 25 – Livros (à esquerda) e revistas (à direita) encontrados no acervo pessoal de Padre Marcuzzo, situado no MIEM



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

Os objetos (Figura 26) retratam boa parte dos gostos do sacerdote e das diversas atividades que exercia e contribuem para ilustrar sua história. Quando jovem, Clementino gostava de animar os encontros com os amigos e colegas, tocando seu acordeão – que se encontra hoje exposto no MIEM, junto com outros objetos e instrumentos musicais que ele costumava tocar. O microfone simboliza a comunicação, o entusiasmo com que conduzia a animação das festas, narrava os desfiles típicos e discursava nos eventos incentivando a cultura italiana. Outros instrumentos utilizados pelo sacerdote eram a máquina fotográfica e a filmadora, com as quais registrava as festas, os usos e costumes e o que, sob seu olhar, considerava relevante guardar para a posteridade sobre a história e a cultura locais.

Figura 26 – Objetos encontrados no acervo pessoal do Padre Marcuzzo, no MIEM



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

Em julho de 2018, realizou-se uma exposição com parte das fotografias do acervo documental reunido por Padre Marcuzzo (Figura 27), que registrou a arquitetura de diversos casarões construídos pelos imigrantes italianos, que colonizaram a região há mais de 140 anos. Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (2017, p. 8), uma exposição se realiza no encontro entre visitante e o conjunto expositivo ou, de forma mais abrangente, entre a sociedade e seu patrimônio. Dessa forma, as exposições visam sempre um sujeito para o qual são criadas, porque sem eles não haveria razão de existir.

Nesse sentido, o objetivo da exposição foi apresentar à comunidade local e visitantes alguns dos casarões construídos nas proximidades para abrigar as famílias

italianas no passado. As imagens retratavam, por meio da arquitetura das construções, características e modos de viver dos nossos antepassados.

Figura 27 – Exposição fotográfica dos casarões registrados pelo Padre Marcuzzo, no MIEM



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2018).

Alguns desses casarões foram preservados, outros estão se deteriorando com a ação do tempo. Segundo Posenato (1983), a arquitetura revela, através das gerações técnicas, conceitos, usos e costumes das comunidades que edificaram seus casarões, constituindo-se em um documento vivo da história. Por isso, preservá-los é também preservar a nossa história, formada por uma variedade de informações e riquezas culturais, entre elas as construções.

Segundo o jornal Zero Hora (1992, p. 5), “a luta de Padre Marcuzzo é de que essas casas embora não fossem reformadas, ao menos, fossem preservadas em sua estrutura original, sem rebocos ou outras alterações”. Junto com as fotografias, foram encontradas anotações do sacerdote que manifestam seu desejo de realizar um inventário das casas registradas no intuito de preservar a história de seus antepassados, o que infelizmente não se concretizou.

Em entrevista (MARCUIZZO, 2010), o sacerdote revelou que o interesse por escrever e pesquisar iniciou com o trabalho nos meios de comunicação na década de

1970, quando ele começou a escrever textos para a Revista Rainha, o Informativo Palotino e a Revista Santa Maria.

Eu senti que havia um grande entusiasmo pela busca da pesquisa dos nossos imigrantes que, até então, estava esquecida, porque a nossa língua, o nosso falar cantar, os jogos que vieram da Itália com os imigrantes foram proibidos no tempo da última guerra por Getúlio Vargas. (MARCUIZZO, 2010).

O gosto pela pesquisa e a curiosidade pela história de seus antepassados incentivaram o religioso a aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto. O resultado foi a publicação de sete obras, entre livros e folhetos, que abordam temas relacionados à religiosidade, cultura italiana e história da Quarta Colônia (Figura 28).

Figura 28 – Livros e folhetos publicados pelo Padre Clementino Marcuzzo



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2017).

O livro “Centenário de Vale Veronês” (MARCUIZZO, 1982) narra a formação, assim como a vida religiosa, econômica e social do local, contando a história e as tradições de um grupo de imigrantes italianos que vieram da região do Vêneto no

Norte da Itália em meados de 1878 e se estabeleceram na localidade. A obra destaca a fé e o trabalho dos imigrantes italianos, mencionando o espírito alegre do povo italiano, suas canções, festas e o convívio aos domingos. Para finalizar, o autor apresenta um conjunto de fotografias das famílias que viviam no local, padres que prestaram assistência, bem como usos e costumes do cotidiano das famílias italianas.

Em seu livro “*100 cento canti taliani: cantar e beber ze el meio viver: as mais belas canções italianas da 4ª colonização no centro do estado do Rio Grande do Sul*” (MARCUIZZO, 1989), Clementino pesquisou e reuniu 100 canções italianas que fizeram parte do cotidiano dos pioneiros italianos, vindos da região do Vêneto, no norte da Itália, que a partir de 1877 formaram a Quarta Colônia na região central do Estado. É uma coletânea de canções que marcaram a vida dos imigrantes italianos, retratando as angústias, tristezas, alegrias, esperanças e a saudade dos parentes e da terra natal. Segundo Manfroi (1975, p. 195), o canto esteve presente nas colônias italianas do Rio Grande do Sul não só como paliativo à saudade e ao sofrimento, mas também como uma forma de expressão coletiva da identidade cultural, “no canto, como na liturgia, o italiano reencontrava o seu passado característico, sua alma vibrante e expansiva”. Desse modo, apesar da miséria, da vida difícil e do trabalho pesado, era no encontro com os amigos, nos momentos de diversão e lazer, que os imigrantes italianos renovavam a sua esperança e criavam uma vivência cantando.

Cantava-se na derrubada da mata, no plantio do milho e do trigo, cantou-se nas primeiras vindimas. Contou-se nas sagras, nos filós, aos domingos à tarde. Cantou-se nos casamentos, nos almoços festivos. Os vales muitas vezes, ressoaram com ecos sonoros, enquanto se capinava. Cantava-se em italiano, em milanês, em todos os dialetos do Vêneto. Cantava-se para festejar e cantava-se para esquecer. (CARDELIN, 1972, p. 5).

Ao apresentar o livro “*100 cento canti taliani*”, Rovídio Costa destaca a importância de resgatar e registrar a realidade dos imigrantes italianos para que as gerações possam se beneficiar dessas informações no intuito de compreender e construir sua história.

Sair de gravador em punho, para registrar o modo de cantar, a forma literária usada, e não apenas copiar de livros. Copiar de livros, aliás, é fácil. Difícil, porém, é copiar da vida. Mas, copiar da vida, é garantir a sobrevivência, o aprendizado, a assimilação dos valores que passam de geração em geração. Alguém poderá dizer: “Só cem cantos? Sabe-se que as canções italianas são centenas. Mas estas Cem, são diferentes. Porque são canções reelaboradas pelo laboratório da vida dos núcleos da Quarta Colônia imperial, hoje

pontificando uma coroa de novos municípios. Trata-se de uma centena especial, porque é uma centena vital. (COSTA, 1989, p. 9).

O livro intitulado “Centenário da chegada das Irmãs e fundação do colégio Vale Vêneto 1892-1992” (1992a) foi lançado nas comemorações centenárias vocacionais em 1992. O livro conta a história de vida da irmã Bárbara Maix, uma jovem corajosa, cheia de fé e amor que saiu da Áustria para fundar no Brasil, em 1849, a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Desde a infância, ela foi impulsionada pelo fervor religioso, acreditando que Deus lhe havia reservado a missão de trabalhar para o bem das pessoas menos favorecidas, em especial as meninas. A obra também faz uma síntese da chegada, em 26 de julho de 1892, das primeiras Irmãs do Imaculado Coração de Maria a Vale Vêneto: Maria Batista das Cinco Chagas, Crisanta do Sagrado Coração de Jesus e Hipólita Michelotti, que foram recepcionadas com grande alegria pela comunidade. O sacerdote abordou a fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, suas fases de construção, ampliação e mudanças, bem como o encerrando de suas atividades educacionais, dando início a uma nova fase. Em 1980, a escola passou a se denominar Casa de Retiros Nossa Senhora de Lourdes e, com uma nova proposta, passou a realizar encontros, retiros espirituais e cursos, proporcionando momentos de descanso e lazer. Outro tema abordado no livro é a história da família Susin e da irmã Jacinta Maria Susin. A religiosa trabalhou em Vale Vêneto durante 55 anos, onde exerceu suas atividades religiosas e educacionais e desenvolveu o serviço apostólico na paróquia e capelas locais, transmitindo seus ensinamentos em palestras proferidas a crianças, jovens e adultos. Segundo Marcuzzo (1992, p. 83), “irmã Jacinta caracterizou-se pela sua bondade e firmeza. Do berço herdou a sua maior riqueza: uma educação firme, forte e sólida, dentro dos princípios religiosos”.

O folheto intitulado “Cinquentenário da gruta de Vale Vêneto 1942-1992” (MARCUIZZO, 1992b) conta a história que motivou a construção da gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Vale Vêneto. As chuvas torrenciais iniciadas em 1941 causaram enchentes e deslizamentos, ameaçando a vida dos moradores do povoado que se encontrava em um local montanhoso. Com o perigo iminente, Padre Antônio Marin teve a ideia de construir a gruta como promessa para pedir proteção à Virgem Maria contra as calamidades da natureza na época. Padre Pedro Luís Bottari deu início, então, à construção da gruta com a ajuda da comunidade. Em 24 de maio de

1942, a gruta foi inaugurada, tornando-se um lugar sagrado de romarias em que os devotos buscam bênçãos e graças pela intersecção da Virgem de Lourdes.

No folheto “*Cossíta préga la santa messa i nostri taliani*”<sup>25</sup> (1992), o sacerdote descreve o ritual religioso indispensável na vida dos imigrantes italianos, que foi a missa, constituída de cantos, orações, liturgia e o rito eucarístico, apresentada com texto oficial em italiano e no dialeto Vêneto.

Da mesma forma que as canções, os provérbios também foram uma forma de expressão cultural dos imigrantes italianos. O longo convívio dos colonos italianos nas comunidades e o conhecimento mútuo entre eles propiciaram a formação de brincadeiras, ditos, afirmações, provérbios, bem como histórias e situações do dia a dia, que refletiam o modo de pensar dos imigrantes, geralmente fazendo referência ao trabalho, à terra, aos animais, à vida e ao comportamento das pessoas. Segundo Cardelin (1972), os ditados usados pelos imigrantes italianos eram oriundos, em sua maioria, da região do Vêneto e, assim como os cantos, demonstravam a mente fértil e prática dos colonos. Entretanto, muitos provérbios utilizados pelos imigrantes italianos até a última Guerra Mundial foram desaparecendo com a proibição do dialeto vênето no governo de Getúlio Vargas.

O livro “*Proverbi taliani Vêneti la sapienza dei secoli: Quarta Colônia Imperial, centro do estado*” (1996) é uma coletânea de provérbios, utilizados pelos imigrantes italianos, que demonstram a linguagem e o cotidiano dessas pessoas. O sacerdote coletou e reuniu aproximadamente setecentos provérbios usados no linguajar do povo e fez a sua tradução, bem como realizou um estudo sobre a sua origem. Segundo Marcuzzo (1996), os provérbios fizeram parte da cultura oral das civilizações antes mesmo de nascer a escrita e não foi possível precisar de quando datam. Entretanto, o que se sabe é que são muito antigos. Os provérbios são ditos e sentenças populares trazidos pelos imigrantes italianos, que transmitem ensinamento e sabedoria, passados de geração a geração como herança cultural e utilizados também para educar os filhos.

Outro costume herdado foram as estórias engraçadas contadas pelos imigrantes italianos. O folheto “*Na s-ciopetada de frotole*” (2004) reúne várias frótoles – que no dialeto vênето significa piadas, gracejos, que tinham como objetivo fazer as pessoas darem risadas e se divertir. As frótoles surgiram dos longos filós que

---

<sup>25</sup> “Assim pregam a santa missa os nossos italianos” (Tradução nossa).

aconteciam nas noites, quando várias famílias se reuniam para os encontros, sob a luz de um lampião ou “*lumini*”, que eram lamparinas alimentadas por querosene. Enquanto as mulheres bordavam, faziam “*dressas*”<sup>26</sup> ou preparavam o enxoval para o casamento; os homens disputavam o jogo da *mora*<sup>27</sup>, jogavam cartas ou trançavam tentos de couro para a confecção de chicotes ou “*bucais*”, acessórios usados para andar a cavalo (MARCUIZZO, [s.d.], manuscrito).

Além de suas publicações, Clementino também colaborou para a elaboração do livro “Vale Vêneto: um pedaço da Itália no Brasil”, de autoria da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, na qual o sacerdote obteve o reconhecimento por suas pesquisas em nota oficial da Assembleia Legislativa do Estado.

Antes de enfocarmos a história desta localidade chamada Vale Vêneto, precisamos fazer um agradecimento e registrar a gentil colaboração que nossa equipe recebeu de um filho dessa terra: Padre Clementino Marcuzzo. Profundo conhecedor da imigração italiana, da cultura e da vida de Vale Vêneto, Padre Marcuzzo colocou-se à nossa disposição, prestando valiosas informações e cedendo material de pesquisa indispensável para a realização desse trabalho. (ASSEMBLEIA, [19--], p. 8).

Na Figura 29, Padre Marcuzzo, no dia 10 de março de 1985, com o deputado Renan Kurtz, a irmã Jandira Marcuzzo Pivetta e a comunidade no Salão Paroquial de Vale Vêneto, durante sessão de autógrafos da obra “Vale Vêneto: um pedaço da Itália no Brasil”. Na ocasião, foram distribuídos vários livros autografados pelo deputado e o religioso à comunidade que esteve presente para prestigiar a publicação.

---

<sup>26</sup> Tranças feitas com palha de trigo, utilizadas para fazer chapéus e bolsas utilizadas no cotidiano das famílias italianas.

<sup>27</sup> Antigo jogo italiano que consiste em mostrar rapidamente os dedos da mão sobre a mesa, gritando um número. Quem acertar a soma dos números faz o ponto e grita “*cià la mora*” e o juiz marca o ponto, competindo em seguida com o outro adversário.

Figura 29 – Padre Marcuzzo na sessão de autógrafos do livro “Vale Vêneto: um pedaço da Itália no Brasil” (1985)



Fonte: Acervo do MIEM.

Além de suas publicações, Clementino reuniu um acervo bibliográfico relevante, recebido de amigos e autores e outros adquiridos por ele ao longo de sua vida. São obras que abordam diversas temáticas sobre a história e a genealogia das famílias, a cultura e a imigração italiana, a religiosidade e outros assuntos de interesse do sacerdote. Boa parte desses livros já foi inserida no acervo do MIEM, sendo disponibilizados ao público para consulta, constituindo uma importante fonte de pesquisa para pesquisadores nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente no campo das Ciências Sociais e Humanas.

Em um levantamento realizado em teses, dissertações, artigos e livros que abordam a temática sobre a imigração italiana, constatou-se que Padre Marcuzzo é referenciado por vários autores. Santin (1986), Mortari (2004), Luther (2005), Zanini (2006), Vendrame (2007), Dalmolin (2007), Pertile (2009), Bolzan (2011), Mocellin (2018), entre outros, são alguns dos autores que citam as publicações e o trabalho do sacerdote na preservação da cultura italiana e divulgação da Quarta Colônia.

Além dos livros, a curiosidade pela história de seus antepassados fez o sacerdote pesquisar sobre a genealogia de muitas famílias de imigrantes italianos da região. Essas informações contribuíram para que os descendentes refizessem suas trajetórias pessoais e familiares. Em seu caderno de anotações, costumava registrar

informações como: origem, filiação, data de nascimento e falecimento, número de pessoas na família e onde se estabeleceram, sendo considerado, por muitos, um dos guardiões da memória local. Segundo Zanini (2006), os padres Clementino Marcuzzo e Luizinho Sponchiado<sup>28</sup> descobriram as histórias das famílias de vários imigrantes italianos, sendo que muitos descendentes recorriam primeiro a eles para pedir informações, antes de procurar dados em cartórios, arquivos históricos ou no interior, onde viviam as famílias, tamanha era a influência dos religiosos pesquisadores.

Padre Marcuzzo era procurado e recebia correspondências das pessoas que solicitavam informações a respeito do sobrenome das famílias, para a obtenção da cidadania italiana, ou pelo simples interesse em conhecer melhor sua própria história. O sacerdote costumava mencionar: “Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai”, destacando a importância de conhecer as origens para a construção da trajetória de vida de cada um.

Na Figura 30, uma das correspondências respondidas pelo sacerdote, atendendo a uma solicitação de um familiar sobre as informações que encontrou em sua pesquisa sobre a família Piaia.

---

<sup>28</sup> Em 2019, foi reeditado o livro “Imigração e Quarta Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho”, de autoria de Breno A. Sponchiado. Em 2005, foi apresentada a Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História intitulada “Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana-RS”, de autoria de Juliana Maria Manfio.

Figura 30 – Resposta à correspondência solicitando informações sobre a família Piaia (2001)

Santa Maria, 31-7-2001

Prezada Gema

Aqui segue o que pude encontrar a respeito da família PIAIA. A família Piaia veio de Serravalle, província de Treviso, norte da Itália. De lá veio EUGÊNIO, filho de Domenico e Tereza Dacol, nascido em Vitória Vêneto, província de Treviso, no dia 20.3.1853. Residiu na Linha Palmeiro, 114. Casou a 10.10.1878, com Genoveffa Fascicolo, filha de Fabio e Giovanna Frezza. Ela nascida em Paldier di Trichiana, província de Belluno, norte da Itália a 22-2-1855. Estabeleceram-se em Bento Gonçalves, naquele tempo local era denominado Dona Isabel.

CONSTANTINO PIAIA, irmão de Eugênio, nasceu em Vitória Vêneto, província de Treviso a 25.1.1857. Casou no dia 6.11.1878 com Anna Balbinot, filha de Giovanni e de Angela Salvador, nascida em Vitória Veneto, província de Treviso, no dia 15.7.1855.

CELESTE PIAIA, Também é irmão de Eugênio, nasceu em Serravalle província de Treviso a 30.7.1859. Casou com Giulia Attistaon, filha de Giuseppe e Rosa Bernard, nascida em Paldier di Trichiana, província de Belluno, norte da Itália a 13.9.1862.

Significado da palavra PIAIA. Vem do latim: Plagia, que significa encosta de monte. Indica habitantes que residem na encosta de um monte. Também significa habitante oriundo da localidade alpina de uma localidade chamada Piaia.

Prezada Gema: isto é tudo o que achei sobre a família Piaia, nos meus livros. Estes se estabeleceram em Bento Gonçalves em 1876.

Cordialmente: *Pe Clementino Marcuzzo*

Padre Clementino Marcuzzo  
jornalista e pesquisador.  
Caixa Postal, 264  
97001-970 - SANTA MARIA RS

Fonte: Acervo do MIEM.

A curiosidade pela história dos seus antepassados motivou o sacerdote a conhecer as suas origens na Itália, onde encontrou na Igreja de São Benedito, em Piavon, documentos sobre sua família – o que contribuiu para a obtenção de sua cidadania italiana (TONIAL, 2001). Por diversas vezes, ele organizou, juntamente como o grupo Massolin dei Fiore de Porto Alegre (RS), excursões para a Europa. A Itália fazia parte do roteiro, oportunizando e estimulando os descendentes de imigrantes italianos a conhecer suas raízes. Na Figura 31, o passaporte utilizado por Padre Marucuzzo em suas viagens à Europa e um registro de Padre Marcuzzo em frente à Basílica di San Zeno Maggiore na cidade de Verona, região do Vêneto na Itália, em uma de suas viagens a Europa, no ano de 2000.

Figura 31 – Passaporte do Padre Marcuzzo (à esquerda) e Padre Marcuzzo na cidade de Verona, Itália (à direita)



Fonte: Acervo do MIEM.

Em 1975, Padre Clementino começou a coordenar e divulgar os festejos do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, elaborando a programação das atividades a serem realizadas durante as comemorações. O religioso percebeu que havia interesse pelas pesquisas sobre a história dos imigrantes italianos – o que, até então, era pouco lembrado e falado.

Desse modo, motivado pela euforia das comemorações centenárias, Clementino começou a escrever diversos artigos sobre a história, a cultura italiana, as festas e os acontecimentos sociais da Quarta Colônia para vários jornais de circulação da região central do estado, como A Razão, Folha de Santa Maria, Gazeta de Camobi, Correio Rio-Grandense, A Cidade, Integração Regional, Cidades do Vale, O Belo Vale, O Expresso, Silveira Martins, O independente, Jornal do Povo, Tribuna do Sudoeste, Jornal de Caçapava, Diário da Manhã de Carazinho e Folha de Palotina, entre outros. A maioria desses jornais já foi extinta, mas suas publicações foram preservadas e se encontram no acervo deixado por ele.

Os recortes de jornais, em sua grande maioria, estão em forma de *clipping*<sup>29</sup>, acondicionados em pastas, de acordo com os interesses do sacerdote, e abordam assuntos referentes ao contexto social, econômico, político, religioso, histórico e cultural de Vale Vêneto e Quarta Colônia, além de reportagens de outros autores envolvendo notícias associadas à Região Central do Estado. Na Figura 32, uma reportagem produzida pelo Padre Marcuzzo que menciona, em sua segunda parte, a formação histórica de Vale Vêneto, com a chegada das primeiras famílias ao local em 1878, lideradas por Paulo (Paulo) Bortoluzzi, e como os imigrantes se organizaram para conseguir assistência religiosa na comunidade.

Figura 32 – Reportagem produzida pelo Padre Marcuzzo para o jornal A Razão (1978)



Fonte: Acervo do MIEM.

<sup>29</sup> Atividade que consiste em organizar e fornecer recortes de jornais e revistas sobre determinado assunto.

Em suas publicações, recordava o passado, trazendo curiosidades, histórias, tradições e acontecimentos que contribuíram para o fortalecimento da cultura italiana. Ele costumava dizer que “preservar a memória era manter viva a cultura de um povo”. Na Figura 33, o sacerdote retrata como eram realizados os casamentos nos primeiros anos da colonização italiana, com a presença, muitas vezes, de bandas, como forma de demonstrar apoio e amizade aos noivos, não faltando o vinho para alegrar os encontros e a fartura dos alimentos. Essas reuniões eram uma forma de integração familiar.

Figura 33 – Reportagem produzida pelo Padre Marcuzzo para o jornal Correio do Povo (1981)



Como padre Palotino, escreveu artigos ligados à religiosidade e à Igreja Católica, abordando datas comemorativas (Páscoa, Natal etc.), santos, capelas, papas, celebrações e ritos, buscando estabelecer relações entre os costumes e tradições dos antepassados com as práticas da atualidade. Como instrumento de trabalho, utilizava a máquina de escrever para redigir suas pesquisas, as quais hoje são fontes de informação que enriquecem nossa história (Figura 34).

Figura 34 – A máquina de escrever usada pelo Padre Marcuzzo para fazer seus registros.



Fonte: Acervo do MIEM.

Outro instrumento utilizado pelo sacerdote foi a filmadora, na qual registrava os casamentos que celebrava, os encontros de família, as festas, as inaugurações, as celebrações religiosas e os eventos que participava. Juntamente com a ocupação religiosa e a pesquisa, Clementino trabalhou como professor no Instituto São José, onde ministrou aulas sobre os meios de comunicação, técnicas de rádio, jornal e televisão e auxiliar de redação (AUXILIARES..., 1981).

No ano de 1981, Padre Clementino começou a exercer a função de capelão do Hospital de Caridade Doutor Astrogildo de Azevedo em Santa Maria, onde prestou assistência religiosa durante 13 anos, levando o conforto espiritual a pacientes e familiares por meio das celebrações religiosas diárias, nas quais ministrava sacramentos como o batismo, realizava confissões, visitas aos doentes e assistia-os, muitas vezes, em sua morte. Paralelamente à função de capelão, escrevia matérias

para jornais de Santa Maria e de outras cidades do Estado, atuando em trabalhos eventuais no jornalismo, assim como nas atividades de divulgação da região, promovendo a cultura italiana.

Em fevereiro de 1994, assumiu a capelania dos Irmãos Maristas, em Santa Maria, firmando contrato com a Sociedade Meridional de Educação (SOME) para a prestação de serviços religiosos na Casa de Repouso no Cerrito e, eventualmente, no Colégio Marista, na escola São Luiz e na Associação dos ex-alunos maristas<sup>30</sup>.

## 5.2 PADRE MARCUZZO: AÇÕES CULTURAIS, FESTAS E CONDECORAÇÕES

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto deram início a uma série de ações culturais e festivas realizadas pelo Padre Clementino Marcuzzo que trouxeram a valorização e a preservação da cultura italiana, bem como visibilidade para a Quarta Colônia, principalmente a Vale Vêneto. Esse trabalho realizado pelo sacerdote é reconhecido por meio de várias homenagens que recebeu em vida e após a sua morte.

### 5.2.1 As comemorações do Centenário da Imigração Italiana: marco da valorização da cultura italiana e das festas em Vale Vêneto

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana, iniciadas no Estado em 1975, surgiram a partir do Decreto Estadual nº 22.410 de 22 de abril de 1973, que instituiu o Biênio da colonização e imigração no Rio Grande do Sul. As festividades de comemoração foram um marco para as colônias italianas da Serra Gaúcha e da Região Central do Estado, promovendo uma série de iniciativas que propiciaram uma forte retomada do interesse por temas relacionados à imigração italiana que, até então, não eram lembrados com a atenção merecida por parte de pesquisadores, economistas e autoridades políticas.

Coube, sem dúvida, aos promotores das comemorações centenárias da imigração italiana, o mérito de engajar as esferas governamentais e desencadear, entre os descendentes, um novo entusiasmo e forte interesse pelo estudo dos movimentos imigratórios, base da ocupação do solo rio-grandense, bem como, base de componentes étnicos decisivos na formação

---

<sup>30</sup> Informações do Contrato de Serviços Religiosos – assinado entre Padre Marcuzzo e a SOME, documento encontrado no Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora.

da gente rio-grandense. As solenidades foram não só honradas com a presença do poder, mas também encampadas e promovidas pelos titulares dos governos estaduais e municipais, muitos quais descendentes de italianos. (SANTIN, 1986, p. 11).

As comemorações motivaram as pesquisas, a criação de festas, de associações e museus, e deram um novo impulso às colônias italianas, que passaram a valorizar seus costumes e tradições, trazendo um novo significado para o “ser italiano”. Cabe lembrar que no período de 1937 a 1945, segundo Zanini (2006), as campanhas de nacionalização criadas pelo Estado Novo de Getúlio Vargas utilizaram-se da repressão física e psicológica para intimidar e subtrair direitos políticos, sociais e culturais dos imigrantes e descendentes de italianos, que deixaram marcas profundas, modificando o convívio com a sociedade e provocando uma varredura cultural.

Relatos demonstram o nível de humilhação a que eram submetidos os colonos, obrigados pela força policial a silenciar sua língua de origem e suas canções. Essas pessoas tinham suas casas, muitas vezes, invadidas na tentativa de apagar quaisquer vestígios que os pudessem identificar como estrangeiros, como documentos, fotografias, jornais, livros e objetos.

Nessa ocasião prenderam também em Vale Vêneto o Sr. Serafim Moro, que o apanharam na praça, falando em italiano com um amigo. As autoridades de Dona Francisca o levaram a Cachoeira e o fincaram na cadeia. No dia seguinte, amanheceu morto, provocando grande consternação em toda a colônia. (BELLINASSO, 2000, p. 89-91).

Outro fato marcante é o depoimento de um morador da Linha Três, de Silveira Martins, descrito por Antunes, Flores e Oliveira (1997) na obra “As lembranças de uma escola não muito distante”. O homem narra que o avô foi preso pela polícia ao sair da igreja porque estava falando o dialeto vênето com os amigos.

Ele ficou pouco tempo na cadeia, mas foi o suficiente para ele vir para casa, ficar triste, não querer comer mais e ficar o tempo todo na cama. Não parecia mais o nono alegre e ativo que conhecia. Ficou assim por muito tempo, até um dia todo que a minha nona achou morto. Os amigos que conheciam ele, todos diziam que ele tinha morrido era de vergonha. Vergonha de ser preso sem ter feito mal para ninguém. (ANTUNES; FLORES; OLIVEIRA, 1997, p. 84).

A repressão deixou marcas profundas na vida dos imigrantes italianos e de seus descendentes, instaurou o medo e a vergonha de cultivar os seus usos e costumes, modificando diversos aspectos culturais nas colônias. Além disso,

[...] impôs uma psicologia de inferioridade e para superá-la fez-se necessário construir uma nova identidade social. Permanecer na colônia, falar o dialeto vêneto, construir casas nos moldes da arquitetura italiana, cultivar lavouras diversificadas, entre outros elementos da cultura italiana passaram a significar atraso, estagnação e por isso, precisavam ser abandonados ou substituídos (MARIN, J. O., 1999, p. 116).

A partir do Centenário da Imigração, sentimentos anteriormente deixados de lado pela repressão tornaram-se latentes novamente e o colono, antes visto de forma depreciativa e pejorativa, ganhou *status* e passou a ser motivo de orgulho para os imigrantes italianos e seus descendentes.

Com as comemorações do Centenário, algumas cidades da Quarta Colônia começaram a se organizar para as festividades, inclusive Vale Vêneto. Padre Clementino iniciou uma série de iniciativas culturais para homenagear os 100 anos da chegada dos primeiros colonizadores italianos a Vale Vêneto, por meio do enaltecimento da figura do imigrante e de sua trajetória alicerçada na religiosidade, na família e no trabalho.

Os festejos iniciaram em 1975 e se estenderam até 1978 e foram organizados e preparados com o apoio da comunidade<sup>31</sup>, através do Conselho Paroquial e da Igreja. Padre Marcuzzo foi o coordenador e responsável pelos contatos e pela divulgação das festividades na localidade, anunciadas nos jornais de circulação da Região Central do Estado, nos programas de rádio e na distribuição de *folders* pelos estabelecimentos comerciais da região e de Santa Maria, convidando todos a participar das festas em Vale Vêneto.

O sacerdote idealizou a programação, que contou com a celebração de missas, a inauguração de monumentos, do Museu, da cancha de bocha e de luminárias de mercúrio, a preparação de um farto cardápio, a confecção de grandes pratos típicos da culinária italiana, o desfile e a escolha da rainha e princesas da imigração italiana em Vale Vêneto. Essas ações culturais propiciaram a recuperação da herança cultural italiana e a preservação do patrimônio histórico local, trazendo um novo sentido à

---

<sup>31</sup> As festas e ações culturais em Vale Vêneto promovidas pelo Padre Clementino Marcuzzo tinham o apoio da comunidade, mas também havia divergências na forma de pensar do sacerdote e dos moradores locais.

comunidade, que se sentiu reconhecida ao reviver antigas tradições, usos e costumes vivenciados por seus antepassados, que passaram a ser motivo de orgulho, fortalecendo o sentimento de identificação.

No passado, as famílias costumavam se reunir para rezar o terço ou para a celebração da missa, em devoção ao santo padroeiro, o que acontecia até mesmo em dias úteis. Com o passar do tempo, a comunidade começou a se organizar em grupo, chamado de festeiros, que passavam nas casas das famílias recolhendo ovos, galinhas, banha e outros alimentos, doados espontaneamente pelos moradores locais para os festejos. Inicialmente, como não havia um local próprio para a realização das festas, estas eram realizadas na casa de uma das famílias com mais espaço para a confraternização (ERTHAL, 2005).

As festas realizadas nas colônias italianas eram de cunho religioso e tinham o objetivo de comemorar, agradecer e pedir proteção ao santo padroeiro da paróquia e das capelas vizinhas. As festividades eram uma oportunidade de confraternização, encontro e entretenimento, em uma época que não existiam condições financeiras para o lazer. Por isso, os festejos eram aguardados com muita expectativa.

Nas comemorações do Centenário, a religiosidade se manteve presente com a celebração da missa e a benção dos alimentos, monumentos e o Museu. Na ocasião, os imigrantes italianos Cesar Pivetta e Angelo Pivetta, moradores mais antigos de Vale Vêneto, foram convidados a cortar o alimento com um cordão<sup>32</sup>, antes de ser consumido pelo público presente no Salão Paroquial (UMA POLENTA..., 1975, p. 6). A polenta recebeu a benção do bispo de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, sendo logo depois entoada a canção pelo público: “salve ó polenta, cibo do ré...” que significa “salve a polenta, alimento do rei...”. (MARCUIZZO, [s.d.]. Vale Vêneto... Manuscrito). Na Figura 35, Padre Clementino cantando junto a Dom Ivo Lorscheiter, moradores locais e o público.

---

<sup>32</sup> Costume antigo que consiste em cortar com um fio a polenta.

Figura 35 – Padre Marcuzzo entoando a canção italiana da polenta, junto ao público (1975)



Fonte: Acervo do MIEM.

Além da religiosidade, novas características surgiram com os festejos, como o caráter gastronômico e cultural, fortalecendo a italianidade e trazendo um sentimento de pertencimento aos moradores locais. Nesse sentido, Zanini (2006) sinaliza que esse fio condutor de pertencimento foi estimulado pelo mito da origem, que possui em sua travessia todo um universo simbólico que tem força e é real. A origem familiar, a Itália, e os objetos dos antepassados passam a ser vistos como coisas sagradas e carregados de sentimento e de afeto, convertendo-se em patrimônio e em bens culturais.

Um dos temas abordados nos festejos foram os jogos, uma das formas de entretenimento dos imigrantes italianos. Os jogos não serviam apenas para a diversão, era a oportunidade que os colonos italianos tinham de socializar, de trocar ideias e experiências.

Nesses encontros não só jogavam, mas falavam da própria vida, situação das plantações, das necessidades, dos empreendimentos, da doença e da vida religiosa, etc. Era um meio de libertarem-se das tristezas, das situações isoladas e a satisfação de todos poderem falar e serem ouvidos. (DOTTO, [1987?], p. 121).

Durante as festividades em Vale Vêneto, em 1978, houve a inauguração da cancha de bocha, que recebeu o nome do bispo italiano Dom Arnoldo Onisto, bispo

de Vicenza, Itália. Na Figura 36, Padre Marcuzzo conduz a inauguração da cancha em Vale Vêneto com a presença dos bispos Dom Ivo Lorscheiter (à esquerda) e Dom Arnaldo (à direita). O jogo de bocha, assim como o jogo da mora e do tresete<sup>33</sup>, representavam momentos de lazer e de encontro na comunidade.

Figura 36 – Padre Marcuzzo durante a inauguração da cancha de bocha em Vale Vêneto (1978)



Fonte: Acervo do MIEM.

Nos festejos, a frase usada para as comemorações do Centenário em Vale Vêneto – “Um século de fé, amor, e de trabalho” – simboliza três características que foram essenciais na vida dos imigrantes italianos para vencer as adversidades e prosperar. Na ocasião, houve a inauguração do calçamento em frente à Igreja Matriz, inauguração da Praça do Imigrante, de ruas e de monumentos. Para homenagear e simbolizar a história dos imigrantes italianos que colonizaram a Quarta Colônia, dois monumentos foram inaugurados: o Monumento da Polenta, na Praça do Imigrante, e

---

<sup>33</sup> Jogo de cartas praticado pelos imigrantes italianos, semelhante ao jogo da bisca.

o Monumento a Antônio Vernier<sup>34</sup>, ao lado da Casa Paroquial. (CENTENÁRIO..., 1978, p. 15).

Outra manifestação cultural idealizada pelo religioso foi o desfile típico, no qual os moradores da comunidade encenavam momentos marcantes da história dos imigrantes italianos e da presença dos padres e irmãs que contribuíram para a formação do local. Com entusiasmo, ele narrava o desfile e incentivava o público a cultivar as origens e a não esquecer as tradições e os costumes deixados pelos antepassados.

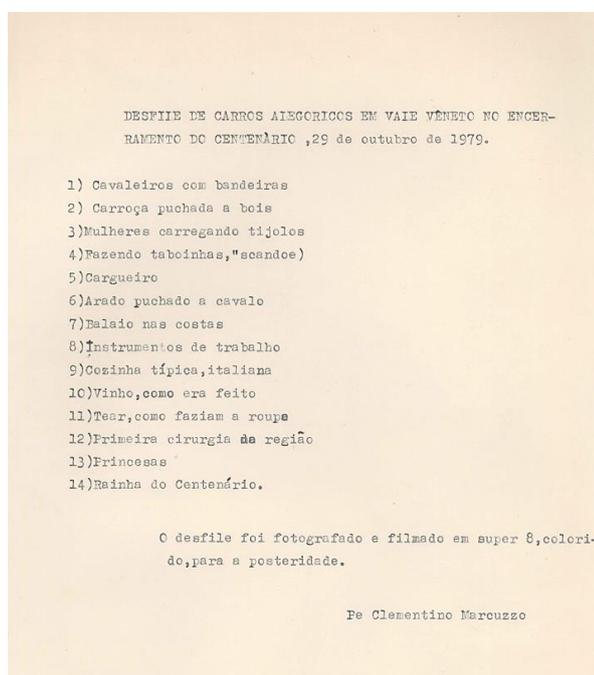
Os discursos entoavam loas aos heróis que desbravaram o mundo hostil da serra, da floresta e do mundo desconhecido [...]. As velhas calças de brim riscado, remendadas ao infinito, eram vestidas com garbo e, sem humildade ou constrangimento, desfilavam em carro aberto. Vestidos e aventais eram retirados dos depósitos de lembranças, para poses e desfiles de passarelas. Já não eram mais os símbolos da pobreza e da ignorância a que foram condenados. Hoje se tornavam os símbolos da coragem, da bravura, do orgulho e da grandeza do trabalho e do trabalhador imigrante, portadores de um idealismo heróico e construtores de riquezas e de progresso. (SANTIN, 1986, p. 19).

O desfile do Centenário contou com a participação de 14 carros alegóricos (Figura 37), demonstrando os costumes, tradições, o trabalho, a religiosidade e a chegada dos primeiros imigrantes italianos, padres e irmãs em Vale Vêneto. Nas narrativas do Padre Marcuzzo, foram enaltecidas as qualidades e a capacidade dos colonizadores italianos de se redescobrirem em terras estranhas, reconstruindo no local sua identidade cultural.

---

<sup>34</sup> Homenagem ao imigrante italiano Antônio Vernier, que intermediou a vinda dos padres seculares e dos primeiros padres Palotinos a Vale Vêneto, a pedido de Paolo (Paulo) Bortoluzzi e da comunidade.

Figura 37 – Programação do desfile típico elaborada por Padre Marcuzzo para as comemorações do Centenário<sup>35</sup>



Fonte: Acervo do MIEM.

Nesse sentido, Ramos (2014, p. 237) salienta que “o passado passa a ser ‘resgatado’ para servir de alimento aos movimentos de ‘reconstrução de identidades’ e ‘valorização étnica’”. Em consonância a isso, Zanini (2006, p. 127) argumenta que essa “virtude étnica do pioneirismo se incorpora a suas vidas e às suas autoimagens, permitindo que tenham uma autoestima renovada a cada exaltação da italianidade”.

Ao recriar o passado, o desfile típico reproduziu, por meio da memória, atos e fatos vivenciados pelos colonizadores italianos e religiosos, representados em cada detalhe – em roupas, ferramentas de trabalho e objetos religiosos que passaram a ser assimilados pela comunidade, fortalecendo o processo de identificação. O tom saudosista das encenações se refere a um passado de dificuldade e de trabalho, mas também de lutas e vitórias, que continua a ser representado nos desfiles, ainda hoje, na programação da Semana Cultural Italiana, que ocorre todos os anos paralelamente ao Festival Internacional de Inverno da UFSM. Na Figura 38, Genésio Bordignon, morador da localidade, conduzindo a carrota guiada por bois, um dos principais meios de transporte e trabalho dos imigrantes italianos (38a), e em seguida, um homem

<sup>35</sup> O encerramento do Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto ocorreu no dia 29 de outubro de 1978, quando aconteceu o desfile típico. Por isso, infere-se que o ano seja 1978 e não 1979 como consta no manuscrito do sacerdote.

demonstrando como era realizada a tosquia das ovelhas, cuja lã era utilizada para a confecção de cobertas e outros materiais, evidenciado por mulheres tecendo a lã, fazendo crochê e demais artesanatos para a casa (38b).

Figura 38 – (a) Desfile típico no Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto (1978); (b) mulheres fazem crochê, tecem roupas e demais artesanatos.



(a) Desfile típico



(b) Mulheres fazem crochê

Fonte: Acervo do MIEM.

Para Possamai (2011), buscar a reconstrução da história, por meio da memória de acontecimentos, permite o reencontro da comunidade com o seu passado, ao unir gerações, promovendo a troca de experiências. Essa aproximação da comunidade com o patrimônio cultural local permite construir uma relação de identificação e um sentimento de pertencimento, pois, muitas vezes, os moradores estão inseridos nesse contexto sem ao menos conhecer direito sua própria história.

Em novembro de 1977, durante o baile na Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva (SACE), houve a escolha da Rainha para os festejos do Centenário da Imigração. Participaram nove candidatas ao título, todas vestidas com trajes típicos. Segundo o jornal O Expresso (BISPO..., 1977), a animação da noite ficou a cargo de Clementino Marcuzzo, que já se tornou o *show-man* dos eventos e festas em Vale Vêneto.

Diante da repercussão dos festejos, Vale Vêneto passou a ganhar visibilidade. Suas festas atraíram o público, graças a sua gastronomia e animação, anunciadas com o repicar dos sinos e tiros de canhão, que iniciavam ainda na véspera das

grandes festividades, como uma forma de convidar as pessoas da comunidade e locais vizinhos a participar.

Durante anos, o canhão foi um dos atrativos nas festas de Vale Vêneto, sendo criado pelo padre João Zanella, nascido em 24 de maio de 1885, em Ivorá, na época pertencente ao município de Júlio de Castilhos (RS). A invenção disparava tiros à base de carbureto e era utilizada para animar e trazer alegria aos festejos. Diferente dos canhões de guerra, o das festividades tinha por finalidade semear a paz. “Atualmente graças aos esforços de Clementino Marcuzzo e Aldo Righi, o canhão da paz volta a abrilhantar as festas cívico-religiosas de Val Veronês e Vale Vêneto...”. O canhão original encontra-se no MIEM (BAGGIO, 1987, p. 46).

Após a celebração religiosa, era servido o tradicional almoço, com pratos típicos e vinhos. Durante a tarde, aconteciam os jogos como a mora e o tressete. Os preparativos das festas eram, e ainda hoje continuam sendo, feitos por um Conselho Paroquial, formado por moradores e escolhido pela comunidade para coordenar e executar as atividades – elaboração do cardápio, compra e preparo dos alimentos e divisão de tarefas, realizadas por moradores locais, a maior parte descendentes de italianos, que doam sua força de trabalho, investidos de um sentimento de apropriação, unindo gerações que trocam conhecimentos e experiências, assegurando a continuidade das tradições italianas locais.

Nesse cenário festivo, a culinária italiana foi um dos elementos que mais chamou a atenção do público pela abundância e pela preparação de enormes pratos típicos. Na ocasião, o jornal O Expresso (BISPO..., 1977) ressaltou que “o almoço à moda italiana se caracterizou pela fartura de alimentos, sendo consumidos 460kg de carne, 500 galinhas, 8 panelões de risoto, 1200 cucas e 10 barris de vinho rosé e tinto”. Em entrevista a Froehlich (2002), Padre Marcuzzo comentou que

[...] por ocasião do centenário, fiz uma festa que chamou a atenção de todo mundo, fizemos uma polenta de 9 metros de circunferência, com outras atrações, tinha uns corais, que cantavam, a gastronomia (...) mas depois dessa festa da polenta eu fiz outras festas, eu fiz a festa do presunto, os três maiores presuntos de 3 metros, que chamou muita atenção, sempre dentro de uma janta, fizemos a polenta, o presunto, duas cucas em forma de V, de Vale Vêneto, e um ano fizemos uma rapadura de um metro ou mais, e havia dois imigrantes vivos presentes lá em Vale Vêneto. E assim o povo sentiu que tava desencadeando esta festa italiana, tava trazendo muita gente, o pessoal gostava, basta dizer, naquela noite, se tomou sete barris de vinho, junto com a gastronomia, era polenta, *fortaia*, galeto com radiche e todas essas coisas italianas, salame, queijo. (FROEHLICH, 2002, p. 220).

Em 26 de julho de 1975, em homenagem aos colonos italianos, Clementino incentivou a comunidade a fazer uma grande polenta, de 9 metros e 45 centímetros de circunferência, servida na ocasião junto a outros pratos típicos – como o salame, a sopa de “agnolini”, a fortaia, o queijo e saladas – ao grande público no Salão Paroquial de Vale Vêneto. Para o preparo da polenta, foram consumidas duas sacas de farinha de milho, feitas em vários panelões, que, ao mesmo tempo, foram derramadas sobre o grande *fondal ou panaro*<sup>36</sup>. Na Figura 39, a fôrma que acondicionou a polenta e parte dos organizadores dos festejos, manifestando sua alegria. (MARCUIZZO, [s.d.]. Vale Vêneto... Manuscrito).

Figura 39 – Moradores locais e o *panaro* em que foi acondicionada a polenta



Fonte: Acervo do MIEM.

Nos primeiros tempos, a polenta era um dos principais alimentos na mesa dos imigrantes italianos, por isso teve um significado importante em suas vidas. Além de saciar a fome, o alimento era também a energia necessária para restabelecer as forças para o trabalho pesado que realizavam. Era a garantia que o alimento não faltaria à mesa, afastando o risco da fome. O preparo da polenta era feito com farinha de milho, tendo como complemento a caça de passarinhos que, mais tarde, com a

---

<sup>36</sup> Tabuleiro em madeira utilizado para acondicionar a polenta.

criação de animais, passou a ser substituída por frango, ovo, salame e queijo. Dessa forma, adaptavam os saberes e fazeres que tinham com o que a natureza lhes oferecia. Essa miséria foi referida por Dotto ([1987?], p. 137): “os mais velhos contam que, às vezes, com um ou dois ovos e uma polenta, a família toda comia”.

Assim, de um simples alimento de sustento, a polenta passou a ter outros significados – a superação da fome e a vitória diante das dificuldades enfrentadas ao chegar às colônias italianas. A repercussão da preparação da grande polenta em Vale Vêneto ganhou destaque em vários jornais de circulação da Região Central do Estado – foi noticiada também em outros países, como na Argentina, na região Veneta no Norte da Itália e na imprensa uruguaia como uma das “maiores polentas da história” (MARCUIZZO, 1985; MARCUIZZO, [s.d.]. Vale Vêneto... Manuscrito).

Em 23 de outubro de 1976, o sacerdote teve a ideia de promover no local a festa do presunto, quando foram produzidos três grandes presuntos – dois deles consumidos no jantar ocorrido no Salão Paroquial e o terceiro vendido ao público. Os presuntos foram produzidos por Nelson e Inês Rorato, moradores de Vale Vêneto, que manifestaram com alegria a produção, sentindo-se reconhecidos e valorizados por poder mostrar seu trabalho e participar dos festejos (Figura 40).

Figura 40 – Nelson e Inês Rorato na festa do presunto em 1976



Fonte: Acervo do MIEM.

Dando continuidade às festividades, em 1977 foram produzidas duas grandes cucas (3 metros cada) em formato da letra “V”, referenciando as iniciais de Vale Vêneto, como forma de homenagear o local. A fôrma em que foram produzidas as cucas foram expostas no MIEM, assim como o *panaro*, tabuleiro no qual a polenta foi acondicionada. Na Figura 41, da esquerda para a direita: Adélia Giacomini Dotta, Maria Dotto Marin, Vergínia Londero, Olga Iop e Romeu Iop, moradores locais que produziram as cucas para a festa do dia 17 de julho de 1977.

Figura 41 – Cucas produzidas por moradores locais no Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto (1977)



Fonte: Acervo do MIEM.

A grande variedade de pratos típicos e a preparação das comidas em grandes proporções – como a polenta, as cucas e o presunto – ou seja, a fartura dos alimentos, foram a forma encontrada pelo sacerdote de exaltar o trabalho e as conquistas dos imigrantes italianos, chamando a atenção do público para a cultura italiana e para o local. Desse modo, o alimento deixou de ser apenas um elemento de subsistência e a comunidade começou a manifestar seus saberes por meio desses alimentos, tornando-se um elemento de diferenciação cultural.

Para Antunes (2008), comer não é somente um ato biológico complexo; é, antes de tudo, um ato simbólico revelador de sinais, de reconhecimentos formais, de estéticas e ritualidades que envolvem a pessoa que se alimenta. No caso dos descendentes de italianos, a formação da identidade local está estruturada,

principalmente, nas práticas culinárias, na sociabilidade e nos significados contextualizados no ato de comer, fazendo dele um ato de memória.

Em 18 de junho de 1978, no encerramento das comemorações do Centenário, foi realizada a Festa do Galeto na comunidade, que continuou a ser realizada nos anos seguintes. Na época, Vale Vêneto era considerado o maior produtor de frangos da região, contando com 23 criadores e uma produção mensal de aproximadamente 50 mil galeto. Dessa forma, o sacerdote encontrou na festividade a oportunidade de consumir a produção de frangos e mais um motivo para festejar (MARCUIZZO, 1978; MARCUIZZO, [s.d.]. Em Vale Vêneto... Manuscrito).

Diante desse cenário, podemos perceber que a gastronomia foi um elemento bastante explorado pelo sacerdote como forma de manifestação cultural, estimulando o consumo dos produtos locais. As iniciativas favoreceram o processo de assimilação da cultura italiana, que passou a ser valorizada, tornando-se motivo de orgulho para os moradores da comunidade, fortalecendo os vínculos identitários e o desenvolvimento da economia local.

Com as comemorações do Centenário, Padre Clementino viu o entusiasmo e a procura por essas festividades crescerem. Isso o motivou ainda mais a pesquisar e a escrever sobre a imigração italiana na Quarta Colônia, bem como a criar os festivais italianos que, até então, não existiam na região, estendendo o evento para outras cidades do estado. Com o sucesso das festividades, outras cidades também começaram a realizar seus próprios festivais (MARCUIZZO, 2010).

Santin (1986) destacou a importância decisiva de Padre Marcuzzo para a Quarta Colônia, ao recuperar antigas tradições culturais dos imigrantes italianos que estavam sendo perdidas. Ao mesmo tempo, suas iniciativas impulsionaram o desenvolvimento e deram visibilidade a região.

Com muito entusiasmo, buscou comemorar e celebrar o passado, mas ao mesmo tempo, procura perspectivas que conduzam para frente, sonhando em restaurar a antiga vitalidade que existia nesta região. Suas iniciativas através de promoções festivas, recuperando canções, bandinhas, liturgias sacras, comidas típicas ou publicações de artigos publicitários têm sempre em vista transformar Vale Vêneto num ponto turístico e, conseqüentemente, retomar o caminho do Progresso. **Por isso não a exagero dizer que tirou Vale Vêneto do esquecimento e, talvez, do desaparecimento total.** (SANTIN, 1986, p. 27, grifo nosso).

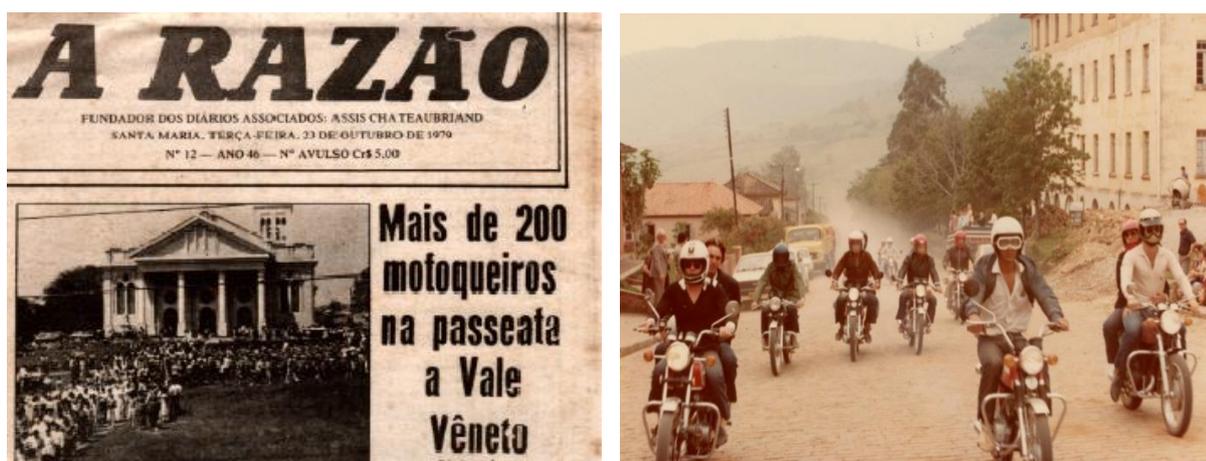
A participação do religioso na promoção e na animação das festas foi fundamental para tornar Vale Vêneto conhecida no cenário cultural e turístico. Além

das festas criadas durante as comemorações do Centenário – Festa da Polenta (1975), Festa do Presunto (1976), Festa da Cuca (1977), Festa da Rapadura (1978) e Festa do Galeto (1978) –, outras festividades idealizadas pelo sacerdote foram surgindo: a Festa dos Motoqueiros (1979), o Encontro dos ex-alunos de Vale Vêneto (1984), as Festas de Família, a Festa do Centenário do Colégio das Irmãs (1992) e a Semana Cultural Italiana (1985), que ocorre anualmente e se mantém até os dias atuais, juntamente com o Festival Internacional de Inverno da UFSM.

Em 1979, aconteceu em Vale Vêneto a primeira Festa dos Motoqueiros, que reuniu um grande número de motociclistas que se deslocaram em grupo, sobretudo de Santa Maria, para festejar na localidade. Embora a ênfase da festa não destacasse o cunho religioso e cultural das demais festividades, houve a celebração de uma missa durante o período da manhã, abençoando os motoqueiros e, após, ocorreu o tradicional almoço.

Na Figura 42a, a primeira Festa dos Motoqueiros foi noticiada no jornal *A Razão*, que destacou a presença de mais de 200 participantes e do público, que prestigiou as festividades em frente à Igreja Matriz de *Corpus Christi* de Vale Vêneto em outubro de 1979. A Figura 42b mostra o momento da chegada de um grupo de motoqueiros dos diários que partiram de Santa Maria até os festejos na localidade em 1981.

Figura 42 – (a) Festa dos Motoqueiros (1979) e (b) momento da chegada na 3ª Festa dos Motoqueiros (1981)



Fonte: Acervo do MIEM.

Por meio da divulgação em jornais, em programas de rádio e em cartazes distribuídos nos centros comerciais e instituições das cidades da Região Central do

Estado, Padre Clementino destacava os atrativos de Vale Vêneto, como as paisagens, a gastronomia e o patrimônio cultural. Tal esforço conseguia incentivar o público de outras regiões a participar das festas, principalmente de Santa Maria.

Em 1984, motivado pela participação do público e pensando no grande número de alunos que movimentaram os internatos de Vale Vêneto nas últimas décadas, o sacerdote criou a Associação dos ex-alunos de Vale Vêneto (ALVALE). A entidade se estruturou, criou seu estatuto e promoveu, a partir de então, os encontros com o objetivo de reunir ex-alunos e promover a cultura italiana, a recreação e a religiosidade.

Segundo Padre Marcuzzo, em entrevista ao Jornal A Cidade, em 24 de outubro de 2000, passaram pelos internados de Vale Vêneto – Seminário Rainha dos Apóstolos, Colégio Nossa Senhora de Lourdes e Pensionato São Luis – mais de 24 mil alunos até a década de 1960. Os pais traziam os filhos de outras cidades para estudar nos colégios, a fim de oferecer uma boa educação, baseada na doutrina cristã.

Nas lembranças dos ex-alunos da escola Nossa Senhora de Lourdes, estavam as rotinas diárias, a participação na missa e a disciplina e obediência cobrada com rigor pelas irmãs nas atividades educacionais e religiosas da época. Marcuzzo (1992, p. 61) cita o depoimento de um ex-aluno

[...] nas aulas, a Irmã Estefânia sentava sempre à frente. Usava uma vara bem comprida. Quando os alunos estavam distraídos, ela dava um varasso bem na orelha. Tinha uma certeza naquilo que era um negócio sério. Porém, eu nunca precisei de varasso. Era bem comportado e cumpridor dos meus deveres.

Assim, os encontros oportunizaram aos ex-alunos recordar a infância, as aulas e as histórias, que, compartilhadas, reavivaram a memória do grupo. A festa iniciava com a recepção dos ex-alunos, celebração de uma missa, almoço, tendo a animação do sacerdote em muitos desses festejos e a participação de bandas musicais.

Outra iniciativa do religioso consistia nas festas de família em Vale Vêneto, que tinham como objetivo reunir as pessoas com um mesmo sobrenome ou com algum grau de parentesco para fortalecer os laços parentais e reconstruir a trajetória familiar. O conhecimento de quem somos e de onde viemos nos oportuniza saber para onde vamos, dizia Padre Marcuzzo. Em sua fala também costumava citar o provérbio italiano: *“Bisogna che se cognossemo fin che semo vivi”*, que em português significa: é preciso nos conhecermos, até que estamos vivos. Assim, motivado pelo

ensinamento de seus antepassados, ele pesquisou a genealogia de muitas famílias italianas da região e, quando tinha oportunidade, fazia questão de divulgar em seus programas de rádio e de colaborar com informações para a construção da árvore genealógica das famílias.

Sempre que há a iniciativa de reunir os indivíduos que têm o mesmo sobrenome ou que mantêm algum tipo de parentesco, o padre se esmera em divulgar a festividade e de falar o que sabe, ou o que ouviu falar sobre a família. Em algumas festas que o padre divulga, ele informa seu parentesco com aquela família, levando-me a concluir sobre a sua multiplicidade italiana ou o seu todo imigrante. Nada mais verdadeiro, tratando-se do Padre Clementino. (MORTARI, 2004, p. 110).

Os descendentes foram reconstruindo suas histórias familiares com os relatos de parentes e com as informações que os padres Clementino Marcuzzo e Luizinho Sponchiado haviam levantado, iniciando dessa forma uma nova fase nas famílias, “a memória familiar era reconstruída coletivamente e fatos, representações e imagens eram mesclados, formando assim, um retrato de família compartilhado e legitimado” (ZANINI, 2006, p. 92).

Nas festas familiares, a programação geralmente iniciava com a celebração religiosa, em que eram feitas homenagens aos antepassados, agradecimentos e pedidos de proteção, simbolizando a fé que marcou a vida das famílias italianas. Após a missa, os participantes se reuniam no Salão Paroquial, onde era servido o almoço, momento de socialização, de rever os parentes, de se conhecer e de estreitar os laços familiares. Muitas vezes, o Padre Clementino participava dos encontros, auxiliando na organização, celebração da missa e na animação das festas, incentivando as pessoas a valorizar e preservar suas origens.

Cada festa familiar tinha sua comissão organizadora, que buscava informações sobre a história familiar do grupo para a reconstituição da árvore genealógica, com fotografias e objetos que traziam significado e valor para aquela família – além do testemunho dos familiares, que recordavam fatos e experiências vividas e que, ao serem compartilhadas com o grupo, geravam um sentimento de pertencimento comum. Nesse sentido, Zanini (2006, p. 96) comenta que

[...] a forma com que os descendentes se relacionam com o passado familiar e grupal gera formas de encantamento novas, num mundo já desencantado por muitos. A história dos antepassados se torna sagrada, os objetos por eles usados, as músicas, e ser italiano passa a ser ponto de referência de como se relacionar com o mundo.

Dessa forma, os encontros de família, além de fortalecerem os laços parentais, permitiram a integração e a manutenção dos vínculos sociais, afetivos e simbólicos entre as gerações, cultivaram as relações com parentes próximos ou distantes, preservando a memória e a história da família, que é a base para a compreensão de quem somos.

Em 27 de novembro de 1994, o religioso promoveu em Vale Vêneto o primeiro encontro da família Marcuzzo, reunindo gerações de várias cidades e estados. Na Figura 43, participantes desse encontro em frente à Igreja Matriz de *Corpus Christi*. A programação dos festejos contou com uma celebração religiosa realizada em italiano pelos padres José Ney Marcuzzo e Clementino Marcuzzo. Após a missa, foi servido o tradicional almoço italiano no Salão Paroquial, com exposição de fotografias, da árvore genealógica e escolha da rainha. A família Marcuzzo realizou até hoje quatro encontros, todos em Vale Vêneto (JORNAL BELO VALE, 1994, p. 3).

Figura 43 – Primeiro Encontro da Família Marcuzzo em Vale Vêneto, em 1994



Fonte: Acervo do MIEM.

Do mesmo modo que a família Marcuzzo, muitas outras famílias têm se reunido em Vale Vêneto motivadas pelo desejo de conhecer melhor a sua história e preservar suas raízes. Com os encontros, surgiram as pesquisas em torno dos sobrenomes, originando a produção de livros e folhetos que trazem em suas narrativas muito do

cotidiano das famílias, como usos, costumes, práticas religiosas, saberes e fazeres do grupo, que atestados pela escrita reforçaram o vínculo familiar.

Segundo Zanini (2006, p. 380), a publicação desses livros tem o “poder de expressar, de permitir aos descendentes serem sujeitos de suas narrativas, de serem personagens com sentido e trajetórias autovalorizadas e, também, valorizadas pelos coletivos em que se inserem”. Essa ideia é reforçada por Mortari (2004, p. 157), ao mencionar que,

Hoje, o passado e suas adversidades reaparecem nos textos dos descendentes, que procuram em todos os lugares, de todas as maneiras, os diálogos, as cartas, as memórias e os esquecimentos que articularam seus futuros. Os descendentes da Quarta Colônia são mobilizadores de uma memória narrada que funda o imaginário de pertencimento, de território e de identidade.

Assim, as festas de família incentivaram a reconstrução do passado, através da história familiar, fundamentada em pesquisas e na memória parental, que é recordada, celebrada e compartilhada entre seus membros, promovendo a união e fortalecendo o sentimento de identificação entre eles.

Em 27 de setembro de 1992, Padre Marcuzzo motivou os festejos dos centenários vocacionais realizados em Vale Vêneto para comemorar os 100 anos da chegada das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, a fundação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, a fundação do primeiro Seminário Palotino no Brasil e na América com suas primeiras vocações.

Vale Vêneto era considerada a capital estudantil no interior do estado, com aproximadamente mil estudantes nos três maiores estabelecimentos de ensino, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Pensionato N. Sra. Conquistadora e Seminário Rainha dos Apóstolos. (MARCUIZZO, 1992a, p. 46-47).

As comemorações iniciaram dias antes com a pregação em várias paróquias e capelas da Quarta Colônia, para agradecer e destacar a importância do trabalho educacional e religioso realizado por padres e freiras nos dois colégios religiosos, considerados, na época, os maiores da região. Com o tema central “a pequena semente, lançada há cem anos, cresceu e produziu frutos” (MARCUIZZO, 1992a, p. 91), um grupo de irmãs e um padre percorreram os lugares por onde os religiosos lançaram as primeiras sementes do seu apostolado.

O acontecimento histórico de grande significado para Vale Vêneto e Quarta Colônia foi reproduzido com vários tiros de canhão e repicar dos sinos. Padre Marcuzzo foi o coordenador geral dos festejos. A festa iniciou com a recepção das caravanas das paróquias da região, da réplica simbolizando a chegada das primeiras irmãs a Vale Vêneto. Em seguida, realizou-se a celebração religiosa na Igreja Matriz com a presença do Bispo diocesano Dom Ivo Lorscheiter, demais religiosos, ex-alunos e comunidade em geral. Na missa, durante o ritual do ofertório, foram oferecidos símbolos importantes da caminhada vocacional, como forma de agradecimento ao trabalho educacional e religioso desenvolvido pelas irmãs na região da Quarta Colônia.

Na ocasião foi inaugurado, ao lado do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o monumento em homenagem a Irmã Jacinta Susin (Figura 44), que exerceu suas atividades educacionais e apostólicas durante anos em Vale Vêneto.

Figura 44 – Monumento em homenagem à irmã Jacinta Susin, inaugurado em 1992



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2019).

A seguir, o monumento alusivo à fundação da primeira Casa Palotina do Brasil e da América Latina, que recebeu os primeiros jovens para a formação de padres em Vale Vêneto. Na Figura 45, Padre Marcuzzo conduzindo a solenidade, na presença de religiosos e do público que prestigiou a inauguração.

Figura 45 – Padre Marcuzzo na inauguração do monumento em frente à Casa Paroquial de Vale Vêneto que abrigou as primeiras vocações palotinas (1992).



Fonte: Acervo do MIEM.

Após, no Salão Paroquial e no Ginásio da Sociedade Agrícola Cultural e Desportiva – SACE, foi servido o tradicional almoço italiano, seguido à tarde com a apresentação de grupos de dança de Porto Alegre. A festa foi um dia de reencontros, de lembrar o passado, de agradecimentos e de homenagens àqueles que impulsionaram a educação e o desenvolvimento de Vale Vêneto.

Diante desse contexto, percebemos que as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto impulsionaram a criação de novas festas na região, trazendo um significado cultural e social para toda a Quarta Colônia. Além disso, a celebração propiciou a divulgação da região e, conseqüentemente, o turismo, com a promoção de sucessivas festas, atraindo muitos descendentes de outras cidades e estados que buscavam recordar as origens e os costumes deixados por seus antepassados. Segundo Santin (1986, p. 27), “hoje, graças ao sacerdote, Vale Vêneto representa o grito vivo e o coração palpitante da presença italiana de toda região, buscando manter o entusiasmo das comemorações centenárias”.

Em 1986, Clementino idealizou um das maiores eventos festivos da Quarta Colônia, a Semana Cultural Italiana, que ocorre paralelamente ao Festival Internacional de Inverno da Universidade Federal de Santa Maria. O evento tornou Vale Vêneto conhecida no cenário nacional e internacional. A iniciativa surgiu de uma

parceria firmada entre o Departamento de Música do Centro de Artes e Letras da UFSM, o Departamento de Música da *University of Georgia* (Estados Unidos) e a comunidade de Vale Vêneto, com o apoio da Prefeitura Municipal de Faxinal do Soturno, município ao qual a localidade pertencia na época.

Além das festas, pode-se constatar, com base no depoimento de Padre Marcuzzo, que a tranquilidade, as paisagens e o espaço dos colégios para acolher os alunos foram alguns dos atrativos que despertaram o interesse em realizar o evento no local. Ao ser procurado para conversar sobre a possibilidade de realizar o Festival na localidade, o sacerdote viu a oportunidade de divulgar a cultura italiana através da criação da Semana.

[...] isso (as festas grifo meu) sempre chamou a atenção da Universidade Federal de Santa Maria, sobretudo o setor da música, da arte, assim sentindo, a Z. com a M. do C. vieram me procurar, me propor prá fazer o festival de música, aí eu disse que sim. Eu disse: como seria esse festival? Não, elas disseram, nós vamos trazer alunos para Vale Vêneto, os estudantes musicais de percussão, isso seria pela parte da manhã, elas me disseram. E a noite? eu perguntei. A noite não tem nada... então eu propus que aceitava e ajudava a fazer o Festival, mas eu queria a noite para fazer uma atração italiana, para preservar, enfim, já havíamos feito o museu na época, da cultura italiana, e à noite faríamos janta e faríamos jogo de baralho, faríamos o filó, toda aquela cantoria, toda essas tradições italianas que foram aquelas que acompanharam os colonos até essa data praticamente; então eles fariam a parte da manhã e eu faria a parte da noite, e assim que elas aceitando, começamos a entrar em contato com Vale Vêneto, a igreja, a diretoria, já prá poder fazer essa festa, e começou pequena, com o filó, fez o jogo do baralho, a cantoria, e aquilo foi subindo sempre mais no começo, claro, eram poucos alunos por parte da Universidade, mas veio sempre subindo [...] e assim foi que começou o primeiro Festival em 1985. Primeiro porque já tinha os colégios, o colégio das irmãs, inclusive estava desativado, o colégio dos padres, sobretudo por causa dos colégios, que lá havia lugar, e também por causa da beleza de Vale Vêneto que era considerado ponto turístico dali. (FROEHLICH, 2002, p. 220).

O objetivo do evento foi pensado pelo sacerdote no sentido de recuperar antigos usos, costumes e tradições praticados pelos imigrantes italianos que estavam se perdendo. Ao serem lembrados por meio de canções, jogos, culinária e desfiles, trouxeram uma nova postura em relação à cultura italiana e fortaleceram a autoestima e o processo de identificação dos moradores locais.

Na Figura 46, Padre Clementino Marcuzzo agradece a homenagem recebida no XVIII Festival Internacional de Inverno e XVIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto no Salão Paroquial em 2003. Da esquerda para a direita, Paulo Jorge Sarkis

(Reitor da UFSM), a esposa Lucy Martins Sarkis, Alzira Guaraldi Severo<sup>37</sup>, Valserina Maria Bulegon Gassen (Prefeita do município de São João do Polêsine) e Jairo Nicoloso (Prefeito de Silveira Martins).

Figura 46 – Homenagem a Padre Marcuzzo na XVIII Festival Internacional de Inverno e XVIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto (2003)



Fonte: Acervo do MIEM.

Assim, em 1986, aconteceu o I Festival Internacional de Inverno da UFSM e a I Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto<sup>38</sup> – eventos que a cada ano ganham proporções maiores. Essa parceria dura até hoje, levando a música e a cultura italiana a vários locais da região, do país e do mundo.

[...] o Festival já extrapolou, saiu daqui do RS, do Brasil, porque ele se integra com pessoas, americanos, italianos, vieram lá, de todos os países, cantores, mestres estiveram ali. Então, com essa integração, o povo sente que lá é um ponto turístico de grande atração, então tem muitos municípios que gostariam de levar eles o festival para outros lugares, Silveira Martins, também outros ali, mas sempre insistiram que Vale Vêneto seria o ponto central para esse evento, por causa da cultura e dos colégios que tinha ainda hoje lá, que podem abrigar esses alunos lá, e lá tem muita coisa, tem o Museu, tem tanta coisa enfim lá para ver, e é um lugar bonito, turístico, eu conversei com os americanos, por exemplo, e eles acham que não tem lugar melhor que Vale

<sup>37</sup> Na ocasião, prestou-se também homenagem a Alzira Severo, uma das idealizadoras do Festival Internacional de Inverno da UFSM, criado em 1986.

<sup>38</sup> Atualmente, a mestranda Ana Lúcia Faccin Pivetta está realizando uma pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da UFSM sobre o Festival Internacional de Inverno e a Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

Vêneto, eles acham que é um lugar propício para isso, porque é um lugar que não tem muito barulho, é um lugar pequeno, é muito acolhedor para esses professores, entende? Eles de noite ficam tocando lá ninguém incomoda, que eles podem praticar essa arte da música, tocavam flauta, e não havia barulho, não havia tanto carro, é um lugar silencioso e à noite sobretudo também, então eu acho que a atração principal, além dos colégios, foi a própria natureza. (FROEHLICH, 2002, p. 220).

Desde então, o sacerdote começou a promover diversas atividades para resgatar e reproduzir a cultura italiana, com torneios da mora, apresentações de corais, filós<sup>39</sup> e desfiles típicos. Além disso, buscou a integração com outras culturas, com a apresentação de grupos de danças da Bélgica, Alemanha, França, Áustria, Polônia, México, Espanha, Argentina e de grupos gaúchos. Nesse sentido, a semana se constituiu em um momento de trocas culturais, uma interação com os grupos da arte, da música e de grupos de dança. A Figura 47 mostra algumas manifestações culturais realizadas durante as festividades: Padre Clementino regendo o Coral “Triveneto” com canções italianas apresentadas na Igreja Matriz de *Corpus Christi* em Vale Vêneto no Festival de Internacional de Inverno da UFSM e Semana Cultural Italiana no ano de 1992 (Figura 47a); a apresentação do Grupo de Danças da Bélgica no Ginásio de Esportes da SACE no Festival Internacional de Inverno e Semana Cultural Italiana em 1992 (Figura 47b); outra atividade cultural organizada pelo sacerdote nas noites da Semana Cultural Italiana de 1995 foi o tradicional jogo da mora, praticado pelos pioneiros italianos como forma de diversão e lazer (Figura 47c); Padre Marcuzzo no desfile típico, em meados do ano 2000, narrando como a madeira era serrada e fraquejada pelos imigrantes italianos para ser utilizada na construção das casas e galpões na época (Figura 47d).

---

<sup>39</sup> A palavra filó deriva de fio, linha. Nas noites longas, os imigrantes italianos costumavam se reunir com amigos e vizinhos em suas casas para conversar, comer, jogar, cantar, contar histórias e tecer suas próprias roupas, utilizando-se de instrumentos trazidos da Itália. Os encontros oportunizavam o namoro, sendo que muitos casamentos surgiram neles (MARCUIZZO, [s.d.]. Manuscrito).

Figura 47 – Registros de manifestações culturais realizadas na Semana Cultural Italiana em Vale Vêneto



(a) Padre Marcuzzo regendo o Coral Trivêneto (1992)



(b) Apresentação do grupo de danças da Bélgica (1992)



(c) Apresentação do Tradicional Jogo da Mora (1995)



(d) Padre Marcuzzo em meados do ano 2000 narrando o desfile típico

Fonte: Acervo do MIEM.

Dessa forma, incentivada pelo sacerdote, a comunidade, organizou-se para a realização de uma semana inteira de festa e a preparação dos alimentos se tornou uma oportunidade de ganho por meio do emprego da mão de obra e da comercialização dos produtos coloniais produzidos pelos moradores locais. Nesse sentido, Dias (2006) comenta que o patrimônio, além de seu valor simbólico, também ganha um valor de uso e troca, tornando-se um produto que pode ser comercializado no mercado turístico.

Esse novo formato de festa configurou uma ruptura com o modo de vivenciá-la no passado, que era voltado para a religiosidade, modificando o modo tradicional de

festejar. Em algumas comunidades do interior, as festas têm se tornado um sinônimo de trabalho e renda, uma vez que pessoas de outras cidades e estados passam a frequentá-las e a consumir seus produtos. Portanto, segundo Savoldi (2001), as festas têm se constituído em bens simbólicos e comerciais, em que a cultura se tornou uma oportunidade de comercialização. Em entrevista, Padre Marcuzzo refere o envolvimento da comunidade:

Tem uma comissão hoje, a igreja instituiu ali, esta comissão permanente que se reveza, que se envolve toda a semana, tem uma equipe de cozinheiras que trabalha todos os dia lá, são pagas prá isso, elas ficam todo o dia lá prá preparar as refeições, preparar a janta, para preparar as refeições dos alunos, eles comem lá na SACE – Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva – que os acolhe também lá, então toda a comunidade praticamente se envolve, os que podem ajudar a trabalhar na limpeza, enfim tudo, mas tem um grupo permanente que é o que faz as refeições, faz a limpeza, envolve muita gente, a comunidade praticamente toda está toda envolvida durante este tempo. (FROEHLICH, 2002, p. 220).

A cada ano a Semana Cultural Italiana vem aumentando o número de participantes e turistas. Em 2019, de acordo com dados da comissão organizadora, foram servidas, aproximadamente, 15 mil refeições, entre almoços e jantas, o que comprova o sucesso do evento nessa pequena localidade. Para atender a esse público, há o envolvimento de muitas pessoas, inclusive de comunidades vizinhas. Com isso, podemos perceber que as festas em Vale Vêneto mantêm muitas características herdadas dos antepassados, porém, elas têm se transformado com o passar dos anos, adaptando-se às mudanças e às necessidades para melhor atender as expectativas do público e gerar lucro.

Durante anos, a animação das festas coube ao Padre Marcuzzo. Com um copo de vinho na mão, ele costumava brindar no dialeto vênето junto ao público, utilizando os seguintes dizeres: “*In sú, in do, al centro e a dentro*”, que na tradução para o português significa “acima, abaixo, ao centro e para dentro” (Figura 48). Com a expressão, imprimiu sua marca, sendo lembrando constantemente nas festividades e eventos da comunidade por sua alegria, entusiasmo e trabalho em prol da cultura italiana e da divulgação da Quarta Colônia.

Figura 48 – Padre Marcuzzo no Salão Paroquial de Vale Vêneto em uma das edições do Festival Internacional de Inverno da UFSM e Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto



Fonte: Acervo do MIEM.

O sacerdote confessava que gostava de um bom vinho, assim como muitos dos imigrantes italianos e seus descendentes. A bebida estava associada ao bem-estar, ao prazer e a alegria e, assim como a polenta, era portadora de tradições e de uma identidade cultural que tinha suas raízes na Itália. O vinho esteve presente nos encontros em família, nos espaços sociais e nas celebrações religiosas da igreja católica que marcaram a vida dos colonos italianos. Nos ritos eucarísticos católicos, o vinho representa o sangue de Cristo, o sacrifício que ele fez para nos salvar, tendo um significado importante para os imigrantes italianos que viviam do cultivo da terra e eram cristãos católicos fervorosos. Nesse sentido, Santin e Isaia (1990, p. 18) afirmam que “há na liturgia uma identificação muito profunda entre a ação ritual e o trabalho do agricultor”. A produção do vinho acontecia de forma artesanal e era a bebida que acompanhava os colonos italianos nos momentos de descontração, animados por canções e provérbios que refletiam o seu espírito alegre e otimista – um dos provérbios dizia: *“acqua fa mal e vino fa cantar”*<sup>40</sup>.

Com seu entusiasmo, Padre Marcuzzo movimentou Vale Vêneto, reascendendo valores e costumes dos colonizadores italianos, motivando a comunidade a participar e a reviver essas tradições. O sacerdote dizia que

---

<sup>40</sup> Provérbio italiano: “Água faz mal e o vinho faz cantar” (Tradução nossa).

Povo sem festas é povo sem tradição. Povo sem tradição é povo sem alma. Povo sem alma é uma comunidade morta e inerte. O homem se sente bem sempre festejando. Por isso vivam as nossas festas e que elas permaneçam na memória e na vida do povo. Até que existir o Padre Marcuzzo, Vale Vêneto não pára de fazer festas. (MARCUIZZO, 1986, manuscrito).

Junto ao palco, promovia a animação e a integração entre os participantes, incentivando as pessoas a falar o dialeto vênето, com a apresentação de canções italianas e atrações musicais. Assim como os usos e costumes, as bandas musicais também foram uma forma de manifestação cultural presentes nas festas e eventos locais, que alegravam a comunidade em tempos difíceis e com poucas oportunidades de entretenimento.

No final dos anos de 1980, Clementino fundou a Banda Umberto Primo, em Santa Maria, composta por descendentes italianos, cujo objetivo era divulgar as músicas italianas e animar as festas que aconteciam nas localidades próximas<sup>41</sup>. No passado, as bandas eram formadas pelos moradores locais e alegravam os encontros, as celebrações religiosas e as festas. Muitas vezes, percorriam as ruas do povoado tocando diversos instrumentos musicais, como trompa, baixo, pandeiro, acordeão, clarinete e outros. Na Figura 49, Padre Clementino tocando pandeiro, junto com a Banda Umberto Primo no ano de 1991.

Figura 49 – Banda Umberto Primo criada pelo Padre Marcuzzo (1991)



Fonte: Acervo do MIEM.

---

<sup>41</sup> Informações coletadas no Curriculum vitae do Padre Clementino Marcuzzo (Acervo do MIEM).

Além das festas e dos encontros, o sacerdote promoveu outros eventos – como o Natal Feliz, com apresentações de corais da região, da Orquestra Sinfônica da UFSM e encenações natalinas, que animavam as noites do mês de dezembro, atraindo a comunidade e moradores de cidades vizinhas.

As ações culturais pensadas pelo religioso – realização de festas, desfiles típicos, criação de monumentos e publicações sobre a cultura italiana – promoveram as tradições italianas e iniciaram um processo de valorização do patrimônio cultural local, que impulsionou o turismo e deu visibilidade à Quarta Colônia, especialmente Vale Vêneto.

### **5.2.2 Padre Marcuzzo: “O Repórter da Quarta Colônia”**

Com sua comunicação singular, Padre Marcuzzo utilizou o rádio como um instrumento para divulgar a cultura italiana e a região, especialmente sua terra natal, Vale Vêneto. Ele costumava anunciar em seus programas de rádio: “Aqui está o repórter da Quarta Colônia que vai dar as notícias pra você de todos os eventos culturais, religiosos, festas, turismo, tudo o que vocês desejam saber da Quarta Colônia” (MORTARI, 2004, p. 96).

O sacerdote gostava de pesquisar sobre a história dos imigrantes italianos e através das ondas do rádio compartilhava seu conhecimento com os ouvintes da região, divulgando o passado e o presente por meio de canções, provérbios e frótoles, que fizeram parte da vida dos imigrantes. Ainda comentava sobre livros que envolviam a temática, atendia a solicitação dos ouvintes, anunciava os aniversariantes, os patrocinadores, as atrações turísticas, como as trilhas e cascatas, as festas e os eventos que aconteciam na região, convidando todos a participar. Na Figura 50, a correspondência demonstra o carinho dos ouvintes com o sacerdote, bem como o gosto que tinham em ouvir o seu programa.

Figura 50 – Carta recebida pelo Padre Marcuzzo de ouvintes do Programa Nostri Taliani (1997)

FORMIGUEIRO, ADS 03108197

PREZADO ANIMADOR, SÁBIO  
DIVULGADOR, P. CLEMENTINO MARCUZZO

BOM DIA AO "INDUSTRI ITALIANI", CUSTOSO PRO-  
GRAMA QUE NÃO PERDEMOS AOS DOMINGOS.  
TEMAS AO SENHOR, QUERIDO PADRE, UM GRANDE PAI! POR ISSO,  
ANTES DE MAIS NADA, OS NOSSOS PARABÉNS PELO DIA DOS  
PAIS! CONTINUE SEMPRE REFLETINDO NOSSO PAI DOS CEUS, ASSIM  
CHEIO DE LUZES, DE PAZ, ESPERANÇA E AMOR, TRANSMITINDO  
VIDA NOVA E ALEGRIA AOS MAIS LONGÍQUOS RECANTOS PARA  
INÚMEROS OUVINTES E ADMIRADORES SEUS. ABRAÇOS OUVI-VOS.

BEM, MAS O MOTIVO DESSA É PEDIR-LHE PARA  
ATRAVÉS DO SEU PROGRAMA HOMENAGEAR UM BOM VENTINHO  
E GRANDE PAI, PELO DIA DOS PAIS (EM 10/05/1977) deste doming  
ELE É PAI DE 17 FILHOS  
É AVÔ DE 41 NETOS *Avelino José Cassol - Italia*  
É BISAVÔ DE 13 BISNETOS.

TRATA-SE DO <sup>querido</sup> (querido) E MUITO AMADO <sup>paipai</sup> CARLOS FIORENTINO  
CASSOL QUE ADORA O DIALETO ITALIANO (É BRINCO NATO!)  
FALTA-LHE, ÀS VEZES, A FORÇA E A MEMÓRIA, MAS CONSEGUE  
AINDA ANIMAR A TURMA CONTANDO CASOS, ARTES QUE FAZIA  
E OS SONHOS ENGRAÇADOS QUE LEMBRA AO ACORDAR.

PARA ESSE NOSSO PAI, OS DESEJOS DE MUITA SAÚDE, FÉ,  
ESPERANÇA, ALEGRIA E AMOR. QUE TENHA SEMPRE MUITA  
VONTADE DE VIVER E QUE VIVA ENTRE NÓS POR LONGOS ANOS  
AINDA. PARA ELE, UMA MÚSICA EM ITALIANO (VERGINELLA, PARECE...)  
EM NOME DE TODOS OS FILHOS, MUITO OBRIGADA  
CRISTINA E MARIA DA GLÓRIA <sup>(filhas)</sup> Cassol  
*La Verginella - Canzonetta Poemina Lodo* <sup>disco dos</sup>  
*PROVESAN*

Fonte: Acervo do MIEM.

A partir da correspondência recebida pelo Padre Marcuzzo, podemos perceber que muitos ouvintes tinham na sua figura uma referência. Ao recordarem o passado com histórias, canções, provérbios, usos e costumes, esses ouvintes se identificavam e fortaleciam o sentimento de pertencimento ao grupo. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 108) afirma que cada grupo tem sua história, seus acontecimentos e personagens, entretanto, são as semelhanças que adquirem o primeiro plano na memória das pessoas: “No momento em que examina seu passado, o grupo nota que

continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo”. No entendimento de Mortari (2004, p. 100),

A prática radiofônica redescobriu seu potencial informativo quando se aliou à persistência da tradição italiana na região: há o desejo de se identificar coletivamente, de reconhecer características comuns a outros, de ligar o presente e o passado no mesmo instante comunicativo.

O programa *I Nostri Taliani*, criado por Clementino, foi ao ar em três rádios da Região Central do Estado: Rádio Integração de Restinga Seca (RS) aos domingos, no horário das 11h30min às 12h30min.; Rádio Guarathan, aos sábados, das 10hs às 11h30 min. e; Rádio Universidade<sup>42</sup> nas sextas-feiras às 14hs, ambas de Santa Maria (ZANINI, 2006). Na Figura 51, o gravador utilizado por Padre Marcuzzo para gravar as entrevistas, depoimentos e os programas que apresentava nas rádios locais.

Figura 51 – Gravador utilizado por Padre Marcuzzo para os programas de rádio que apresentava



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2019).

O religioso produzia e apresentava os programas levando informação, cultura e entretenimento para a Região Central do Estado, abordando temas relacionados à

---

<sup>42</sup> Rádio pertencente à Universidade Federal de Santa Maria.

genealogia e sobre as histórias das famílias italianas locais, buscando manter viva a memória dos antepassados.

Na Quarta Colônia, o rádio dissemina biografias e relatos de experiências que se legitimam como fatos históricos da região. E são esses interdiscursos que fazem da região a “Quarta Colônia”. A sobrevivência do lugar depende dessas marcas históricas e de seus guardiões que as espalham pelas ondas do rádio... (MORTARI, 2004, p. 108).

Parte do programa era apresentado em português, outra parte no dialeto vênето – língua nascida da fusão de diferentes dialetos trazidos pelos primeiros imigrantes italianos, que foram ganhando novas palavras, incorporadas do cotidiano. Nesse sentido, Tonial (2013) assegura que, para salvarmos nossas origens, é preciso começarmos pelo resgate, pela vivência e pela difusão da língua, que se tornou a base e o testemunho de nossa cultura.

Padre Marcuzzo incentivou as pessoas a falarem a língua de seus antepassados, asseverando que era preciso falá-la, para que não se perdesse. Nesse sentido, a valorização da língua talian começou a ser motivo de orgulho entre seus descendentes, tornando-se um elemento de identificação.

A presença mediadora do rádio, os documentos históricos que compravam a chegada dos imigrantes italianos e as lembranças individuais que se somam a outras vozes, articulam pelo menos dois ambientes culturais na região estudada. Estamos diante de uma comunidade dividida nela própria: entre o ser italiano e o ser brasileiro. Portanto, não se tratam de identidades culturais em oposição, mas de negociações identitárias que se articulam de acordo com a heterogeneidade da população. As narrativas radiofônicas rompem as fronteiras do território geográfico brasileiro e do espaço simbólico italiano quando, em seus discursos, utilizam a língua italiana e, logo em seguida, repetem o mesmo texto em português. (MORTARI, 2004, p. 147).

Desse modo, as práticas culturais e sociais nas colônias italianas foram adquirindo um novo sentido através das narrativas de Padre Clementino, indo além do entretenimento e das informações em dialeto vênето. O sacerdote costumava dizer que a língua não era somente um meio de comunicação, mas um instrumento através do qual era possível preservar a história de um povo.

Manfroi (2001) menciona a principal diferença de falar o dialeto vênето hoje e no passado. Nos primeiros tempos, os imigrantes italianos falavam os seus dialetos por necessidade de comunicação e pelo isolamento geográfico que existiu durante anos, por isso não sentiam a necessidade e nem tinham a oportunidade de falar o

português. Hoje, os descendentes de italianos falam porque querem e gostam, falam pelo prazer da autoafirmação, sem vergonha e sem a real necessidade do passado.

Em entrevista, o sacerdote mencionou que o interesse pela cultura italiana aumentou, porém há a preocupação em manter a língua vêneta, assim como outros costumes que vêm desaparecendo com a modernização e os novos meios de comunicação. Comentou ainda a importância de preservar as tradições de nossos antepassados, afirmando que é na diversidade das culturas que está a riqueza de um povo e de uma nação (MARCUIZZO, 2010).

Padre Clementino costumava citar muitos provérbios italianos em seus programas, como *“l’omo che no gá religiòn, ze na béstia senza paròn”*, que significa dizer que um homem sem religião é um animal sem padrão, ou seja, é um homem que não sabe seu caminho, porque não tem Deus para guiá-lo. Assim, ele transmitia o pensamento dos imigrantes italianos naquele tempo e o valor que a religião tinha na vida deles. Dessa forma, sua voz propagou a religião e a italianidade, duas características marcantes na vida dos imigrantes italianos, assim como de seus descendentes, tendo o sacerdote

[...] um papel socializador entre a função doutrinária da Igreja e a atividade social dos ouvintes. A liturgia religiosa que se repete nas ondas do rádio e propaga o sentimento solidário de italianidade. O indivíduo isolado na sua teia cultural encontra no programa de Padre Marcuzzo alimento para abastecer sua memória e sua história de vida social e coletiva. (MORTARI, 2004, p. 96).

Nesse sentido, as práticas religiosas e culturais eram difundidas por meio dos programas de rádio aos ouvintes, que tinham a oportunidade de conhecer e recordar a história dos antepassados, bem como acompanhar o que estava acontecendo na agenda da igreja, as festas e eventos na região da Quarta Colônia.

Com seu modo, muitas vezes, engraçado de ser, sacerdote se tornou uma figura fundamental para a sobrevivência da italianidade, assumindo a função de porta-voz do grupo, tendo o direito/legitimidade de falar pela Quarta Colônia, que lhe foi delegado pela comunidade. (MORTARI, 2004, p. 98).

Com sua atuação no campo cultural, o sacerdote passou a representar a comunidade italiana, dando voz à Quarta Colônia, tornando-se uma referência, especialmente para Vale Vêneto, que é hoje um dos principais destinos turísticos da região. Tal fato se deve, em grande parte, ao trabalho de divulgação realizado por Padre Marcuzzo.

### 5.2.3 Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM): lugar de memória da Imigração Italiana

Eduardo Albino Marcuzzo desenvolveu desde jovem a curiosidade pelo passado, recolhendo pedras indígenas nas proximidades de Vale Vêneto – que, antes de ser colonizado pelos imigrantes italianos, já era habitado por indígenas. Mais tarde, passou a colecionar também objetos utilizados pelas famílias italianas, com o sonho de um dia fundar um museu. A ideia ganhou força com a campanha de doação de objetos antigos para as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, quando ele e seu irmão, Clementino, incentivaram os moradores a doar peças, documentos e fotografias pertencentes aos pioneiros italianos para compor o Museu.

Muitas dessas peças foram arrecadadas pelos irmãos Marcuzzo nas casas das famílias, abandonadas nos porões e galpões, sem uso. Na época, Padre Marcuzzo chegou a ser chamado de louco por pessoas da comunidade, que não tinham a consciência da importância desses objetos para a construção da memória e afirmação da identidade do grupo.

Recuperar objetos inúteis, jogados no porão ou abandonados no tempo. Salvar das traças e dos ratos os restos de velhas cartas de antigos passaportes, ou papéis rabiscados, recortes de jornais, que as "nonas" ainda mantinham apenas por ser um sentimento de fidelidade e de recordação de seus mortos queridos, mas que, tão logo elas morressem, tudo seria queimado como coisas sem serventia e valor. Para que tudo isso? Seria algum golpe de esperteza? Tudo parecia tão estranho e incompreensível. Aos poucos o valor cultural foi compreendido. Assim, consciente ou inconscientemente, o sentido da tarefa foi assimilado. O objetivo comum foi juntando as mãos. Cada um sentia que proteger o passado era revivê-lo; reviver o passado significava renovar a si mesmo e preservar sua própria identidade. (SANTIN, 1986, p. 20).

Dessa forma, boa parte da comunidade começou a doar os objetos ao Museu ou preservá-los em suas casas, percebendo tais peças como portadores de significados e de memória. A partir dessa percepção, passaram a preservar e zelar pelo seu patrimônio cultural, aflorando o sentimento de pertencimento.

Em 26 de julho de 1975, o Museu foi fundado sob a denominação de “Museu do Imigrante Italiano Padre João Iop”, em homenagem ao primeiro padre Palotino nascido no Barracão de Val de Buia, em Silveira Martins. Durante 33 anos, o sacerdote exerceu seu apostolado na comunidade de Vale Vêneto, onde colaborou para a formação de padres e realizou benfeitorias na igreja, impulsionando a vida religiosa

da localidade. Na ocasião, autoridades, religiosos, comunidade e público em geral participaram da solenidade. Segurando a fita, Angelo Marin (à esquerda) e Cesar Pivetta (à direita), moradores mais velhos de Vale Vêneto. Padre Jorge Albino Zanchi fez o descerramento. Ao fundo, Eduardo e Clementino Marcuzzo conduzindo a cerimônia (Figura 52).

Figura 52 – Fundação do Museu Padre João Iop, em 1975, atualmente denominado MIEM



Fonte: Acervo do MIEM.

Mais tarde, em 29 de outubro de 1978, houve a inauguração do Museu, com a formação de sua primeira diretoria, composta por Eduardo Albino Marcuzzo (Diretor), Padre Clementino Marcuzzo (Tesoureiro) e demais membros da comunidade. Por anos, com o apoio de Padre Clementino, Eduardo Marcuzzo dirigiu o Museu – espaço no qual cultivou a memória de seus antepassados, recolhendo fotografias, documentos, móveis, utensílios domésticos, objetos religiosos, ferramentas de trabalho e roupas usadas pelos colonizadores italianos.

Anos depois, o fundador se afastou por motivos de saúde e Padre Marcuzzo assumiu a direção do Museu, buscando manter as atividades e vínculos com pessoas e instituições. Dedicado a conhecer a história dos seus antepassados, pesquisou a genealogia das famílias italianas que povoaram a região, recebendo solicitações por

cartas ou sendo procurado pelas pessoas que buscavam informações sobre suas origens.

Em 30 de Julho de 2012, o Regimento Interno do Museu foi constituído pela Associação Vêneta de Vale Vêneta (AVE), à qual pertence, alterando seu nome para Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM)<sup>43</sup>, em homenagem ao seu fundador. Depois de um período fechado para reforma das instalações e reestruturação do acervo, o Museu foi reaberto no dia 8 de julho de 2017, com espaços que simbolizam a religiosidade, a família, a música, a culinária, o trabalho e a cultura trazida pelos colonizadores italianos. O acervo é constituído atualmente por mais de 10.000 peças e é considerado o maior acervo da região com a temática imigração italiana.

O MIEM guarda a memória dos imigrantes italianos e é motivo de orgulho para a comunidade, graças à iniciativa dos irmãos Marcuzzo, que perceberam na preservação desses objetos, a possibilidade de manter viva a memória e a história de seus antepassados. Para Ramos (2010, p. 100), são objetos que “passam a ter valor de peça única e, como portadores de memória, se tornam atestados ‘vivos’ das origens desses grupos”.

Diante da importância do trabalho deixado pelo sacerdote, o MIEM dedicou um de seus espaços à sua memória, com informações que ajudam a contar a sua história (Figura 53). A sala é composta por objetos pessoais – o acordeão, o pandeiro; a filmadora e a máquina fotográfica que o acompanhavam em seus registros; o gravador usado nas entrevistas e nos programas que apresentava nas rádios; os livros que escreveu, uma amostra dos textos e pesquisas publicadas em jornais; vestes sacerdotais, terços e missais; fotografias da família, de sua vida sacerdotal e homenagens recebidas durante a vida.

---

<sup>43</sup> Em 2019, foi apresentada no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da UFSM a Dissertação de Mestrado intitulada “O Museu do Imigrante Italiano ‘Eduardo Marcuzzo’: história e identidade, Vale Vêneta/RS” de autoria de Célia Terezinha Foletto. A pesquisa teve como objetivo elaborar o site do MIEM, a fim de divulgar a história da imigração italiana a partir dos bens culturais disponíveis no Museu que, atualmente, possui um acervo com mais de dez mil artefatos.

Figura 53 – Espaço no MIEM dedicado à memória do Padre Clementino Marcuzzo



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2018).

O espaço expõe parte do acervo produzido e adquirido pelo sacerdote, constituído de informações sobre a vida pessoal, a cultura italiana, a história de Vale Vêneto e da Quarta Colônia, que são fontes de pesquisa para o entendimento da sua trajetória e da história local.

Além da sala de exposição em sua memória, há, no MIEM, um expressivo acervo constituído de diferentes tipos de suporte como fotografias, fitas cassete e VHS, *slides*, negativos de fotografias e documentos que aguardam tratamento arquivístico adequado para, posteriormente, serem disponibilizados à comunidade, pesquisadores e público em geral.

Entretanto, o Museu conta apenas com a ajuda de voluntários para o tratamento dessa documentação, o que torna o trabalho muito demorado. Assim, a Associação Veneta de Vale Vêneto, da qual o museu faz parte, tem buscado parcerias com outras entidades locais, a fim de dar continuidade a esse trabalho arquivístico.

#### **5.2.4 Contribuições de Padre Marcuzzo para a preservação da memória de Vale Vêneto**

Colonizado por imigrantes italianos, Vale Vêneto possui um patrimônio cultural significativo composto de monumentos, igrejas, capitéis e capelas, que simbolizam e perpetuam a memória dos antepassados. Os monumentos podem ser entendidos

como representações simbólicas do passado, criados pela humanidade para eternizar, comemorar e homenagear pessoas ou acontecimentos que foram importantes dentro de um contexto histórico de determinada comunidade ou sociedade. Dessa forma, cada grupo escolhe o que tem significado para sua história e o que deseja preservar, atribuindo-lhes valores ao longo do tempo, não só históricos como também afetivos.

Silva et al. (2015) comentam que os monumentos históricos exercem papel essencial na construção da memória, no sentido de conservar lembranças do que o homem produziu e reproduziu, contribuindo para manter viva a história e a memória da humanidade. Assim, ao serem edificados, os monumentos despertam memórias, instigam a imaginação e afloram sentimentos e lembranças que são utilizados para o aprendizado no presente e para a construção do conhecimento no futuro.

Nesse sentido, Choay (2006) comenta que, os monumentos, além de serem capazes de ativar a memória, também tocam os sentimentos e as emoções das pessoas, trazendo à tona lembranças que, muitas vezes, estavam esquecidas. Tornam-se um elo entre passado e presente, dando continuidade à herança cultural deixada pelos colonizadores italianos.

Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. [...] O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. (CHOAY, 2006, p. 18).

Os monumentos também podem ser, segundo Zanini (2006, p. 180), “símbolos colonizadores, pontos de referência e identidade. Tornam-se sagrados pela força agregadora que possuem e pela mística que exalam”. Nesse sentido, compreende-se os monumentos que compõem o cenário de Vale Vêneto e que ajudam a contar a história desse pequeno povoado, com símbolos e elementos que foram fundamentais para a reconstrução da vida dos imigrantes italianos, como a religiosidade, o trabalho, a culinária e a união familiar.

Em 2011, uma pesquisa realizada por Vizzotto identificou os bens culturais que são parte do patrimônio histórico e cultural de Vale Vêneto, bem como a importância e o significado desses bens para a comunidade. Dentro desse contexto, estão os

monumentos, muitos deles, sugeridos por Padre Marcuzzo para homenagear e lembrar os acontecimentos da história local, os imigrantes italianos e religiosos que trabalharam para a formação do povoado, constituindo-se também em um atrativo turístico. Em depoimento Padre Marcuzzo diz:

Eu senti pelas festas que vinha muita gente da cidade, então foi lá que eu me dediquei a fazer também mais coisas pra atrair, que é esses monumentos, esse monumento da polenta, monumento da primeira missa, diversos monumentos que se fez lá, eu senti que o local poderia ser turístico, entende? Mesmo não conhecendo ainda o que poderia desencadear, me entusiasmei. (FROEHLICH, 2002, p. 121).

Em 29 de outubro de 1978, durante os festejos do Centenário, foi erguido o Monumento da Polenta (Figura 54a) na Praça do Imigrante, composto de um painelão e “mescola”, suspensos por um tripé. Esses utensílios eram utilizados para a preparação da polenta e simbolizam a superação da fome e da miséria vivida pelos colonizadores italianos nos primeiros tempos. Segundo Zanini (2006, p. 122), o alimento se tornou um dos símbolos mais fortes dos imigrantes e de seus descendentes, porque “demarcou a distância que havia entre ser italiano em míseras condições de sobrevivência e ser colono no Brasil com alimento disponível e farto”.

Profundamente religiosos, os imigrantes italianos estavam acostumados com a assistência religiosa dos padres na Itália e não se conformavam com a falta deles, empenhando-se em trazê-los a Vale Vêneto. Para que isso acontecesse, a participação de Antônio Vernier foi decisiva, pois foi ele que intermediou a vinda dos padres seculares e, posteriormente, a chegada dos primeiros padres Palotinos à localidade. A fim de homenageá-lo, em 30 de julho de 1978, nas comemorações do Centenário, foi erguido o monumento dedicado a Antônio Vernier na praça em frente ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM) (Figura 54b).

Figura 54 – (a) Monumento da Polenta (1978) e (b) Monumento em homenagem a Antônio Vernier (1978)



(a) Monumento da Polenta



(b) Monumento a A. Vernier

Fonte: (a) Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2019) e (b) Vizzotto (2011).

Outra característica marcante na vida dos imigrantes italianos foi a religiosidade. Com o intuito de simbolizar a fé, construiu-se um monumento onde foi celebrada a primeira missa em Vale Vêneto, no dia 18 de maio de 1879, pelo padre Marcelino de Souza Bittencourt, vigário de Santa Maria (Figura 55a). A celebração foi realizada no descascador de arroz de propriedade de Paolo (Paulo) Bortoluzzi, onde havia uma venda de secos e molhados. A mesa utilizada para a missa está preservada no MIEM. Próximo ao monumento, encontra-se uma placa com o nome dos imigrantes italianos que participaram da celebração religiosa, inaugurada em 21 de outubro de 1979 nas comemorações do seu Centenário (VIZZOTTO, 2011).

A presença do sacerdote na vida dos imigrantes italianos era considerada indispensável, o que se nota pelas manifestações de alegria que marcavam sua chegada ou passagem na comunidade e pela autoridade que tinha perante eles. Segundo Bonfada (1981), em 24 de julho de 1886, chegaram a Vale Vêneto: Guilherme Whitmee, José Bannin, Francisco Shuster (alemão) e Jacó Pfaender (suíço), recebidos pelos imigrantes italianos com euforia. Os últimos dois sacerdotes permaneceram no local para prestar assistência religiosa à comunidade. O monumento com a imagem dos dois padres é obra do escultor peruano Juan Torres Amoretti e está localizado ao lado da Igreja Matriz de *Corpus Christi* em Vale Vêneto (Figura 55b) (CENTENÁRIO PALOTINO, 1986, [folder]).

Figura 55 – (a) Monumento simboliza a primeira celebrada em Vale Vêneto em 1879  
(b) e primeiros padres Palotinos que chegaram a Vale Vêneto em 1886



(a) Monumento Primeira Missa



(b) Monumento Primeiros Padres

Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2019).

Em 15 de novembro de 1998, para homenagear o fundador de Vale Vêneto, Paolo (Paulo) Bortoluzzi, um monumento (busto em bronze e placa) foi construído em frente à praça da Igreja Matriz e transferido, em 2018, para a Praça do Imigrante, próximo ao Monumento da Polenta (Figura 56).

Figura 56 – Monumento em homenagem a Paolo (Paulo) Bortoluzzi (1998)



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2019).

Além dos monumentos, o religioso motivou a nomeação das ruas de Vale Vêneto (Quadro 1). O objetivo era homenagear os imigrantes italianos, seus descendentes e sacerdotes que prestaram assistência religiosa e trabalharam para o progresso do local, tendo suas iniciativas contribuído para a manutenção da memória local, que continua sendo transmitida de geração a geração.

Quadro 1 – Nome de ruas sugeridas pelo Padre Clementino Marcuzzo

<b>NOME DA RUA</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>MOTIVO</b>
Padre Rafael Iop	Rua principal que passa ao lado do Seminário Rainha dos Apóstolos.	Primeiro padre provincial dos Palotinos do RS. Foi o primeiro aluno do Colégio N. Senhora de Lourdes a se tornar sacerdote.
Padre João Iop	Rua que passa em frente à Casa Paroquial.	Primeiro padre Palotino nascido no Barracão de Val de Buia, em Silveira Martins. Foi vigário na Paróquia de Vale Vêneto por 33 anos.
Alexandre Rorato	Rua que passa em frente ao antigo Hotel Pousada Vêneta, hoje desativado.	Homenagem ao primeiro hotel e primeira ferraria de Vale Vêneto. Posteriormente, o hotel foi de propriedade de Padre Clementino Marcuzzo e familiares.
Irmã Jacinta Susin	Rua que passa em frente ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes.	Dedicou a vida a ensinar crianças e jovens e a pregar o evangelho na comunidade, onde permaneceu por 55 anos.
Paolo (Paulo) Bortoluzzi	Rua que sai do Colégio N. Senhora de Lourdes, passa em frente ao monumento onde foi celebrada a primeira missa na casa comercial de Paolo (Paulo) Bortoluzzi. A rua dá acesso à saída de Vale Vêneto, em direção a São João do Polêsine.	Fundador de Vale Vêneto, empenhou-se em conseguir padres fixos para o local e lutou pelo desenvolvimento de Vale Vêneto.
Emiliano Cielo	Rua que desce da casa onde morava Emiliano Cielo até a Igreja Matriz de <i>Corpus Christi</i> .	Morador de Vale Vêneto. Tocou o sino da igreja durante 40 anos ininterruptos. Gostava de cantar nas missas de falecidos.

Fonte: Elaborado pela autora com base em manuscrito do Padre Clementino Marcuzzo (MARCUIZZO, [s.d.], Nomes das ruas... Manuscrito).

Em 1988, Padre Marcuzzo criou a Associação Cultural dos Imigrantes Italianos de Vale Vêneto, atualmente Associação Vêneta de Vale Vêneto, cujo objetivo era reunir descendentes para compartilhar lembranças e preservar as tradições, usos e costumes deixados pelos antepassados, fortalecendo, assim, o vínculo identitário. Além dessa associação, no ano de 1985, o sacerdote colaborou para a fundação da Sociedade Cultura Italiana Dante Alighieri de Santa Maria, juntamente com um grupo de pessoas, descendentes de imigrantes italianos. Segundo Barichello (2010, p. 10), “em 1985, após retorno da Itália, fundamos a Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira Dante Alighieri, especialmente com o apoio do Padre Luciano Gallinaro e do Padre Clementino Marcuzzo”.

Reconhecido por sua atuação e esforço, foi eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria em 1988. Em 1991, entrou para a Academia de Letras Municipais do Brasil, seccional do Rio Grande do Sul, ocupando a cadeira de nº. 115. No ano de 1995, foi eleito sócio adjunto do Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro. Exerceu também a função de diretor do Museu do Patronato Agrícola Antônio Alves Ramos, em Santa Maria, hoje Museu Histórico e Cultural Vicente Pallotti, e do Museu Padre João Iop, atualmente denominado MIEM.

Apesar de residir e exercer suas atividades em Santa Maria, Padre Marcuzzo era presença constante em sua terra natal, promovendo eventos que deram visibilidade à região. Ele dizia que seu grande sonho era “tornar Vale Vêneto, além de ser a Capital Espiritual da Quarta Colônia, a Capital do Turismo da Quarta Colônia Imperial” (MARCUIZZO, 2004, [orelha do livro]).

O sacerdote percebeu que o local poderia oferecer outros atrativos aos visitantes, com a exploração das belezas naturais, a tranquilidade, a culinária e o patrimônio cultural pouco conhecido, pois acreditava que o turismo seria a oportunidade de ver sua terra natal retornar o progresso. Em 1992, por solicitação do religioso, na época presidente da Associação Cultural dos Imigrantes Italianos de Vale Vêneto, o local passou a ser considerado Distrito Turístico através do Projeto de Lei nº. 047 de 24 de junho de 1992, de autoria do vereador Eusébio Roque Busanello de Faxinal do Soturno. Na ocasião, o sacerdote agradeceu e ressaltou a importância do fato histórico para Vale Vêneto, dizendo que o local nasceu turístico por obra de Deus, mas que o turismo começou a surgir como uma oportunidade de desenvolvimento local a partir de 1975 com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto (MARCUIZZO, 1992c).

A repercussão dos festejos do Centenário começou a atrair o público e a chamar a atenção das autoridades políticas municipais e estaduais, que compareciam, muitas vezes, a convite de Padre Marcuzzo. Ele aproveitava a ocasião para reivindicar melhorias, argumentando as potencialidades turísticas e culturais do local. Uma das solicitações cobradas pelo sacerdote junto às autoridades era o asfaltamento da estrada que liga Vale Vêneto a RS149, facilitando o acesso a Santa Maria e outras cidades.

Na Figura 57, Padre Marcuzzo, no dia 10 de março de 1994, em frente à Igreja Matriz de *Corpus Christi*, discursando na presença do governador Alceu Collares, autoridades, comunidade e público em geral, durante a assinatura do contrato para a pavimentação do percurso de aproximadamente 6 km. Apesar do empenho e das reivindicações do sacerdote, infelizmente, o pedido não se concretizou e a comunidade ainda hoje aguarda o asfaltamento.

Quem vai a Vale Vêneto percebe porém que tudo fica na promessa, e não fosse a persistência de seus moradores, e de algumas lideranças, como o padre Clementino Marcuzzo, quem sabe sequer o patrolamento da péssima estrada, teria aquela comunidade. (VALE VÊNETO..., 1996, p. 3).

Figura 57 – Padre Marcuzzo discursando na visita do governador Alceu Collares a Vale Vêneto (1994)



Fonte: Acervo do MIEM.

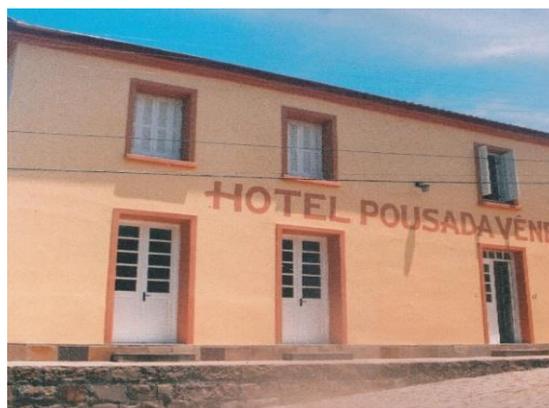
Em seus discursos e em suas publicações, Padre Marcuzzo argumentava que Vale Vêneto tinha condições de se tornar um lugar turístico, considerando atrativos como suas paisagens, seu patrimônio cultural, suas festas e sua gastronomia. Era necessário, todavia, investir na melhoria das estradas, construir restaurantes e hotéis para oferecer uma infraestrutura adequada aos turistas. Pensando nisso, Padre Marcuzzo comprou, na década de 1990, o primeiro hotel de Vale Vêneto (1875-1970), chamado de Hotel Rorato (Figura 58a), pertencente ao casal Alexandre Rorato e Amábile Dotto (CESCA, 1973).

A hospedaria, que estava fechada há anos, foi toda reformada, iniciando novamente suas atividades em julho de 1999, com a denominação de Pousada Vêneta (Figura 58b), sob a administração de um sobrinho de Padre Marcuzzo. A pousada possuía uma padaria e um restaurante, onde eram servidos café, almoços e jantas aos turistas e comunidade em geral, com pratos típicos da culinária italiana. Junto ao local funcionou também a Agência de Viagens Nacionais e Internacionais, denominada Turisveneto, que o sacerdote criou para oferecer viagens ao público, principalmente para a Itália, em parceria com a sociedade italiana Massolin de Fiori de Porto Alegre (RS).

Figura 58 – (a) Antigo Hotel Rorato em Vale Vêneto e (b) Hotel Pousada Vêneta (reformado), em meados de 1990



(a) Hotel Rorato



(b) Hotel Pousada Vêneta

Fonte: Acervo do MIEM.

O Hotel permaneceu em funcionamento durante anos e hoje é destinado a outras finalidades, preservando em sua arquitetura elementos da cultura trazida pelos colonizadores italianos.

### 5.2.5 Homenagens

*O tempo e as futuras gerações se encarregarão de avaliar teu trabalho a geração presente te agradece.*  
(Homenagem da Prefeitura Municipal de São João do Polêsine/RS e comunidade de Vale Vêneto em 1 de agosto de 1993)

O Padre Marcuzzo é constantemente lembrado em eventos e festas pelo trabalho realizado em prol da cultura italiana, pelo incentivo do turismo e do desenvolvimento da região. As homenagens demonstram o sentimento de gratidão e a importância do legado deixado por ele, pois suas ações culturais e as festas promovidas despertaram a autoestima dos moradores, sobretudo de Vale Vêneto, fortalecendo a italianidade, que hoje é ainda muito forte no local.

Em 1999, o religioso recebeu uma homenagem durante o XIV Festival Internacional de Inverno da UFSM e XIV Semana Cultural de Vale Vêneto por contribuir para o acontecimento do evento, que resgatou muitas das tradições italianas. Na Figura 59, Padre Marcuzzo mostrando com alegria a homenagem recebida da comunidade na XIV Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto. Na ocasião também foram homenageados Alzira Guaraldi Severo, Milton Masciadri e José Francisco Flores Goulart. No ano de 2008, Padre Marcuzzo recebeu o reconhecimento da comunidade, sendo o patrono da Semana Cultural Italiana XXIII.

Figura 59 – Homenagem recebida no XIV Festival Internacional de Inverno da UFSM e XIV Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto (1999)



Fonte: Acervo do MIEM.

Dentre as homenagens, consta no currículo do sacerdote que, em 2001, recebeu da Câmara de Vereadores de Santa Maria o reconhecimento aos serviços prestados para o desenvolvimento do turismo na Quarta Colônia. Em 26 de novembro de 2004, Clementino recebeu também o Prêmio de Distinção das Comunidades Italianas, concedido pelo consulado Italiano de Porto Alegre, pelo trabalho desenvolvido em prol da cultura italiana (A RAZÃO, 2004, p. 6).

Em 2007, em comemoração aos seus 80 anos, recebeu várias homenagens da comunidade, autoridades, empresas, instituições e familiares, destacando a importância do seu trabalho para a região da Quarta Colônia. Tarcizo Bolzan, à época prefeito do município de Restinga Seca, afirmou em depoimento

Nós temos na pessoa do Pe. Clementino Marcuzzo, um respeito muito grande e, acima de tudo, uma admiração pelo seu pioneirismo e trabalho, que começaram a muitos anos, destacando a Quarta Colônia, a imigração italiana, a culinária e mais precisamente, com a Universidade Federal de Santa Maria a criação do Festival de Inverno em Vale Vêneto, aproveitando aquele local maravilhoso, com uma paisagem muito bonita. No programa na Rádio Integração, há muitos anos, ele destaca tudo isso. Foi o pioneiro do turismo e hoje a Quarta Colônia é referência no centro do estado, sendo copiada por outras regiões. Não podemos tirar a sementinha que ele plantou. Nós vamos ficar com essa dívida de gratidão, respeito e carinho pelo seu trabalho. Consideramos o Pe. Clementino um visionário, uma pessoa que está a frente de seu tempo. O nosso carinho e que ele continue sempre assim, com muita alegria. Ele é um dos baluartes da Quarta Colônia. Parabéns por sua luta, garra e disposição. (BOLZAN, 2007, p. 9).

Padre Marcuzzo passou seus últimos anos de vida na Casa de Repouso dos padres e irmãos Palotinos, localizada na Avenida Presidente Vargas, nº 115 no Bairro Patronato em Santa Maria (RS). Já se encontrava bastante debilitado e com problemas de saúde quando veio a falecer, no dia 15 de junho de 2009, em decorrência de falência múltipla de órgãos. Após o velório na cidade, o corpo foi trasladado para Vale Vêneto, sua terra natal, onde, na Igreja Matriz de *Corpus Christi*, ocorreu a celebração da missa com a presença de religiosos, familiares, amigos e comunidade. Em seguida, ocorreu o sepultamento no Cemitério dos padres e irmãos Palotinos na mesma localidade. Na Figura 60a, a lembrança distribuída a parentes, amigos e comunidade, por ocasião da missa de 7º dia de falecimento do sacerdote, realizada na Igreja Matriz de *Corpus Christi* em Vale Vêneto.

Figura 60 – (a) Lembrança de falecimento de Padre Marcuzzo e (b) sepultura do Padre Marcuzzo no cemitério dos padres e irmãos Palotinos em Vale Vêneto



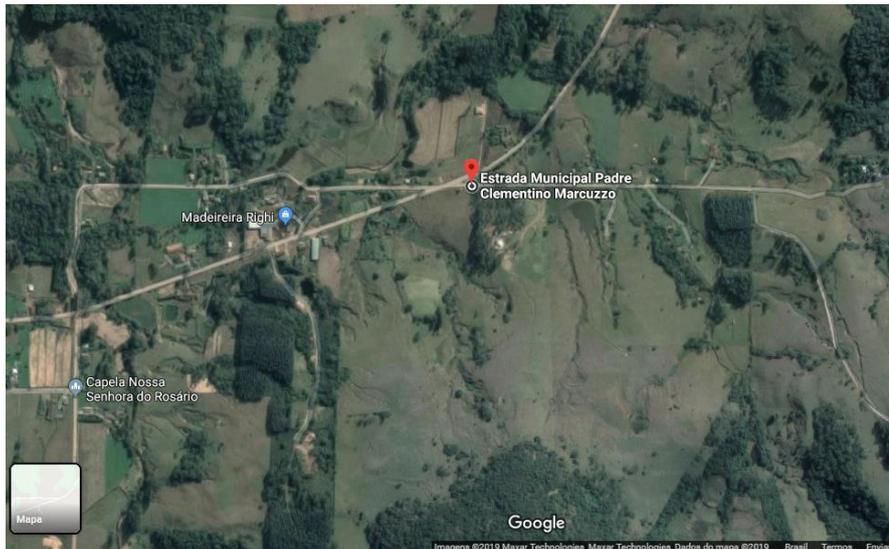
Fonte: Acervo do MIEM.



Fonte: Acervo pessoal (BORDIGNON, 2018).

Mesmo após a morte, ele continua sendo lembrado nas festas, eventos e nos discursos dos organizadores, autoridades e comunidade, por sua significativa atuação no campo cultural e no desenvolvimento turístico da Quarta Colônia. No mesmo ano do seu falecimento, como forma de homenagear o religioso, foi criada a Lei n.º 592 de 15 de setembro de 2009, que passou a denominar a estrada da Linha Duas, local onde nasceu o sacerdote, de “Estrada Municipal Padre Clementino Marcuzzo” (Figura 61).

Figura 61 – Estrada Municipal Padre Clementino Marcuzzo



Fonte: *Google Maps* (2019).

No dia 27 de julho de 2015, na mesma estrada que recebeu seu nome, foi inaugurado um busto do sacerdote esculpido em pedra, tendo em uma de suas mãos o microfone, simbolizando uma das suas características mais marcantes, a comunicação (Figura 62).

Figura 62 – Busto em homenagem ao Padre Clementino Marcuzzo



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2018).

Assim, a exemplo de Padre Marcuzzo – que idealizou vários monumentos, placas comemorativas e nomes de ruas para lembrar acontecimentos relevantes e pessoas que contribuíram para a formação do contexto histórico de Vale Vêneto –, familiares, comunidade local, município de São João do Polêsine e Quarta Colônia ergueram uma estátua em sua homenagem. A ocasião ocorreu em 17 de outubro de 2010, durante o encontro dos ex-alunos de Vale Vêneto. A estátua de 1m 80cm de altura foi posta na Praça do Imigrante (Figura 63).

Figura 63 – Monumento em homenagem ao Padre Clementino Marcuzzo, situado na Praça do Imigrante em Vale Vêneto



Fonte: Acervo pessoal da autora (BORDIGNON, 2018).

Na placa, logo abaixo do monumento, os dizeres resumem o sentimento da comunidade: “Padre, jornalista, radialista, historiador e incentivador da cultura italiana e do turismo na Quarta Colônia, criador do Museu do Imigrante, da Semana Cultural Italiana e idealizador de diversas entidades e eventos de resgate e preservação da história dos imigrantes na região”.

Dessa forma, a memória do Padre Marcuzzo permanece viva e passa a fazer parte da história de Vale Vêneto, representada por monumentos, nome de estradas, homenagens e pelo espaço dedicado a ele no MIEM. É o reconhecimento por seu esforço e dedicação em preservar a cultura italiana e divulgar a região, sobretudo o local onde nasceu e se tornou uma liderança, uma referência para a comunidade, que hoje tem um grande carinho por ele.

## 6 PRODUTO DA PESQUISA: A EXPOSIÇÃO

Neste capítulo, apresenta-se o produto final da pesquisa: a exposição. Para tanto, são abordados conceitos e definições para uma melhor compreensão, bem como elucidam-se os processos de elaboração, planejamento e divulgação da exposição.

### 6.1 CONCEPÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO

Uma exposição é o resultado de um longo processo de planejamento, que necessita ter como base uma pesquisa bem fundamentada. Para isso, buscou-se em referências bibliográficas e na pesquisa documental o conhecimento teórico necessário para a sua compreensão e construção. O primeiro passo para a elaboração de uma exposição é conceituar e definir o que se entende por exposição, ou seja, ter em mente a ideia central, para que, a partir dela, o trabalho seja executado.

Segundo Werneck, Costa e Pereira (2010, p. 8), “a concepção de uma exposição é fruto de um trabalho de pesquisa consistente, uma seleção de acervo e uma conceituação de seus objetivos e metodologias”. Nesse sentido, Cury (2015, p. 112) menciona que “o pesquisador é a figura que avalia cada momento do processo, cada decisão e/ou realização no sentido do seu conteúdo. Atua passo a passo para garantir coerência das informações que estarão sendo comunicadas por meio de diversos recursos”.

Dessa forma, o Instituto Brasileiro de Museus (2007) orienta que a pesquisa pode ser feita de acordo com as necessidades da exposição e das decisões dos profissionais envolvidos, a partir de fontes documentais, objetos, fotografias, entrevistas, história oral, entre outros. Essas fontes devem trazer informações confiáveis para ajudar a detalhar e compreender o tema exposto, levando em consideração os aspectos culturais do público que visa atender.

As exposições são concebidas com vistas as experiências do público. Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual) associados as outras estratégias

que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais. (CURY, 2015, p. 42).

Assim, pode-se perceber que o processo de concepção e montagem de exposição, conforme Cury (2015, p. 101), “configura-se como um grande conjunto de atividades sequencias e interdependentes, associadas de maneira harmônica com vistas a um único objetivo: criar o produto final exposição [...]”. Portanto, a exposição precisa ter uma intenção e ser uma escolha consciente, capaz de atingir o resultado desejado, ou seja, “é preciso saber o que se quer dizer, para então desenvolver a maneira mais adequada possível para dizê-lo” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017, p. 21).

Após estar clara a concepção de uma exposição, inicia-se a fase de planejamento da exposição, na qual estão envolvidas várias etapas: tema escolhido, tipo de exposição a ser realizada, objetivos, público-alvo, pesquisa, local, duração, data, montagem, acervo escolhido, curadoria, recursos financeiros e formas de divulgação, entre outros.

Quando o museu define em planejamento o que quer fazer, qual é o objeto simbólico que está criando, ele cria um produto - um produto cultural que se chama exposição. Este novo objeto deve ser cercado de todas as certezas técnicas e de todos os apuros estéticos e perceptuais, como qualquer outro objeto que venha ser criado pela tecnologia ou pela arte. (GRANATO; SANTOS, 2006, p. 11).

Para Werneck, Costa e Pereira (2010), ao planejar e gerir uma exposição, é essencial ter em mente que a mesma é elaborada com um extenso projeto de pesquisa, resultando no produto final: a exposição, que se configura em um discurso tridimensional da pesquisa realizada.

Na etapa do planejamento ocorre a construção da exposição como objeto simbólico, enquanto na fase da programação acontece o detalhamento do projeto e das ideias que foram pensadas no planejamento. Na programação é desenvolvido, minuciosamente, o roteiro da exposição, produzindo a estrutura narrativa compatível com os conceitos estudados e os diferentes elementos físicos do projeto, que, articulados, deverão representar nitidamente os conteúdos e os tempos especificados na proposta. Portanto, é necessário ter claro o que, exatamente, estamos buscando constituir, para assim poder detalhar (GRANATO; SANTOS, 2006).

Ainda segundo os autores, outra fase é a produção e montagem da exposição, que inclui a adequação dos espaços, a preparação do acervo, a confecção dos

materiais, acessórios necessários para a instalação e finalização de todo o conjunto. Posteriormente, acontece a montagem. Concluída essa etapa, a exposição é inaugurada, devendo ser observada a manutenção da exposição pelo período em que estiver aberta ao público (GRANATO; SANTOS, 2006).

Com o término da exposição, deve-se ter cuidado com a desmontagem, ou seja, com o manuseio dos objetos, a retirada dos elementos das paredes, a armazenagem e o acondicionamento do material utilizado. O local deve ser entregue limpo e em boas condições (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017).

Ao encerrar as atividades, muitas instituições utilizam a avaliação como um instrumento para aprofundar e compreender o trabalho desenvolvido na exposição. A avaliação é feita pelos responsáveis da exposição em relação ao resultado do seu trabalho e pelo público visitante, que deve ter a oportunidade de expressar qual foi a sua experiência, sua percepção em relação ao tema abordado, como interagiu com a exposição e o que aprendeu (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017).

## 6.2 PLANEJAMENTO, ELABORAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

O primeiro passo para a elaboração de uma exposição é a escolha do tema que, preferencialmente, deve ser de interesse da comunidade. Seu título deve abranger o conceito do projeto e apresentar de forma direta o que o público irá encontrar. Nomes e datas facilitam a localização e a compreensão geral do conceito e dos objetivos da exposição (WERNECK; COSTA; PEREIRA, 2010). Seguindo esse entendimento, o produto final desta pesquisa tem como propósito a elaboração de uma exposição com o título: “Um brinde ao Padre Clementino Marcuzzo, incentivador e divulgador da cultura italiana em Vale Vêneto-RS”.

O próximo passo é estabelecer claramente o que se pretende com a exposição, com a definição dos objetivos que nortearão as decisões, como elaboração do texto e disposição dos objetos, por exemplo. Para Werneck, Costa e Pereira (2010, p. 7), o objetivo principal de uma exposição “é o de apresentar o produto de uma pesquisa, que tenha em seu percurso uma narrativa que estabeleça a fruição entre público visitante, acervo e instituição”. No caso, a exposição proposta visa contar e divulgar a história e as ações culturais do Padre Clementino Marcuzzo no Distrito de Vale Vêneto, município de São João do Polêsine (RS).

Outra fase importante da exposição é a definição do público-alvo, ou seja, quais são as pessoas que visitarão a exposição, saber suas preferências e interesses. Nesse caso, a exposição visa atingir o público formado pela comunidade de Vale Vêneto, região da Quarta Colônia e visitantes do MIEM. O público-alvo é formado por pessoas de diferentes níveis de escolaridade – agricultores, donas de casa, estudantes, idosos, entre outros. Pensando nesse público, optou-se por criar uma exposição com textos de fácil compreensão, seguindo as orientações do Museums and Galleries Commission (2010), que recomenda o tamanho e design dos conteúdos de acordo com o público-alvo.

Dessa forma, os textos têm o papel de levar as informações aos visitantes, o que, muitas vezes, as imagens e os objetos não permitem. Portanto, devem ser diretos, com informações relevantes, que reflitam uma pesquisa cuidadosa, auxiliando a narrativa da exposição (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017).

Seguindo as recomendações do Instituto Brasileiro de Museus, os textos foram produzidos a partir da pesquisa realizada, em grande maioria, no acervo do Padre Marcuzzo e em outras fontes do MIEM, no Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora e em bibliografias sobre a temática, que contribuíram para contar e compreender a sua história de vida, que originou o quinto capítulo desta dissertação.

Para a construção da narrativa, foram respeitados dois princípios básicos sugeridos por Werneck, Costa e Pereira (2010): os títulos devem ser maiores e mais curtos, de rápida e fácil leitura; os textos devem ser mais longos, apresentando as letras com tamanho menor que o título, observando que não seja comprometida a sua legibilidade. O Instituto Brasileiro de Museus (2017) salienta ainda que a exposição traz uma narrativa, conta uma história, que é definida por uma equipe que escolhe os elementos visuais, sonoros, tecnologias e linguagens que deverão ter começo, meio e fim. Nesse sentido, os textos podem ser desenvolvidos em vários módulos, facilitando o destaque de determinadas partes que se deseja destacar, além de permitir um melhor aproveitamento e divisão do espaço.

As exposições, em geral, podem ser classificadas de acordo com sua duração e mobilidade. Segundo Werneck, Costa e Pereira (2010), a exposição pode ser de caráter temporário ou permanente, itinerante ou fixa. As exposições são permanentes, quando permanecem em um lugar e são abertas ao público por tempo indeterminado; e temporárias, quando tem duração definida e limitada. Quanto ao tempo de duração, podem ser de curto prazo, apresentando duração de apenas alguns dias ou semanas;

de médio prazo, cujo tempo varia de três a seis meses; ou ainda de longo prazo, sem uma duração determinada. As exposições ainda podem ser definidas como itinerantes, se deslocadas para outros lugares por período determinado (BARBOSA, 1994; VIEIRA, 2009).

A exposição proposta é de caráter temporário, sendo de média duração, ou seja, de aproximadamente seis meses. Para a definição das datas de abertura e encerramento, consultou-se previamente a Direção do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), que concordou com as datas e o período.

A abertura ocorrerá no mês de maio de 2020, dentro da programação das atividades do MIEM para a Semana Nacional de Museus, estendendo-se até a 14ª Primavera dos Museus, que ocorre no mês de setembro do mesmo ano. Durante esse período, também acontece o Festival Internacional de Inverno da UFSM e a Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto. A ideia é inserir a exposição na programação do evento, que tem ampla divulgação.

O Instituto Brasileiro de Museus (2017) aconselha que a exposição tenha uma equipe multidisciplinar trabalhando em harmonia para a execução da exposição, tendo um curador como responsável. Werneck, Costa e Pereira (2010, p. 9) definem, de forma genérica, curadoria como “um processo de concepção, organização e montagem da exposição pública”. Portanto, cabe ao curador gerenciar as ações para a montagem da exposição, a seleção dos objetos e imagens que integram a narrativa, bem como a conceituação, elaboração dos textos e demais peças gráficas do evento.

A referida exposição tem como curadora a autora deste trabalho, sob a orientação da profa. Dra. Gláucia Vieira Ramos Konrad. O projeto gráfico foi elaborado pelo designer Anderson Machado. A exposição conta apenas com recursos próprios da autora, sendo o MIEM uma entidade sem fins lucrativos, não possuindo recursos financeiros para custear o evento. Entretanto, a exposição contará com o espaço físico do Museu e a colaboração dos voluntários no atendimento nos dias de visitaçãõ.

Durante a fase de planejamento, deve-se considerar a escolha do espaço onde será realizada a exposição. De acordo com Werneck, Costa e Ferreira (2010, p. 10), “não existe uma definição de tamanho ideal de um lugar para exposição. Tudo depende, naturalmente, do que se vai expor, conjugando, acervo, recursos gráficos e pesquisa”.

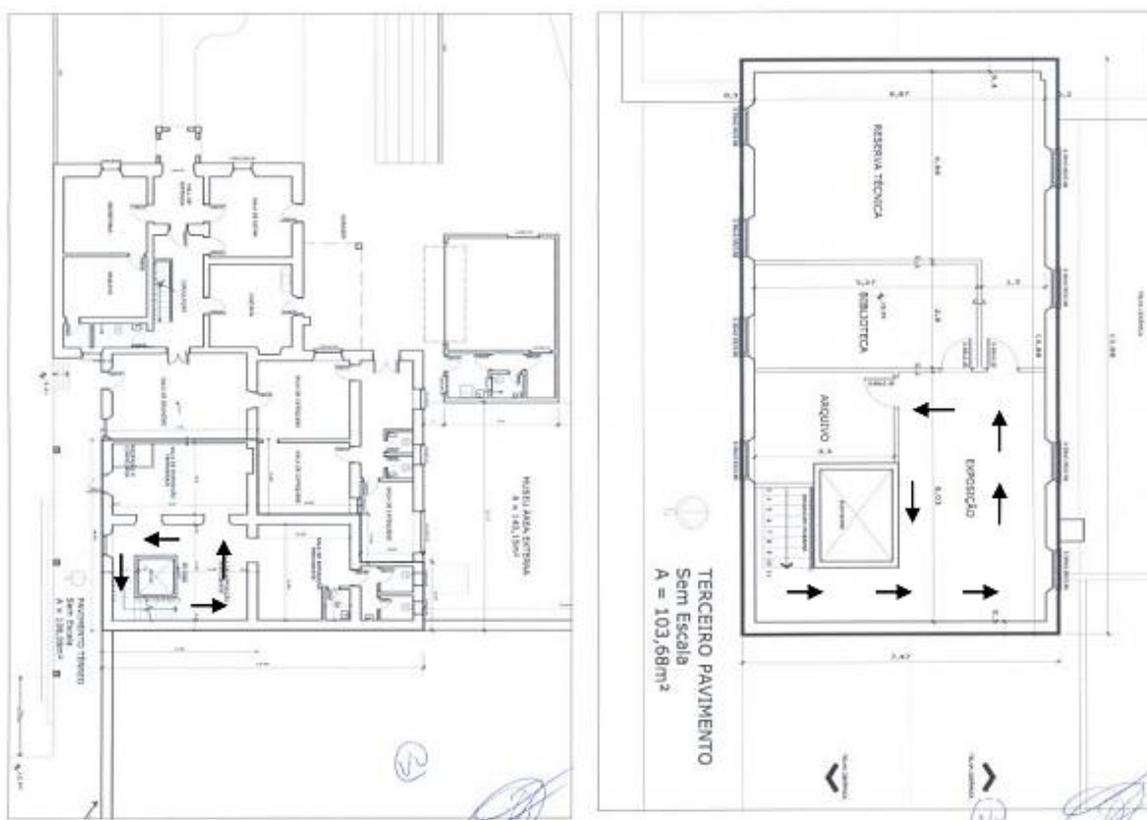
O Instituto Brasileiro de Museus (2017) indica que, ao escolher o espaço, deve-se observar as possibilidades e as limitações existentes e, a partir dessas

informações, criar um esboço com as medidas, pontos de luz, tomadas, área, infraestrutura, iluminação, suportes, sinalização, segurança, entre outros. Optou-se em realizar a exposição no MIEM, porque há no local um espaço destinado à memória do Padre Marcuzzo e ao acervo deixado por ele. De tal modo, a exposição contribuirá para contextualizar os objetos, fotografias e documentos que estão expostos, colaborando para a compreensão de sua história. Outro fator que motivou a escolha do local é a exposição servir de atrativo para a visita no museu.

Cabe salientar, todavia, algumas limitações existentes no Museu, como a falta de elevador para pessoas com necessidades especiais. Há uma porta lateral que dá acesso ao terceiro piso, onde é possível receber as pessoas que possuem dificuldade de locomoção. O projeto prevê a instalação de um elevador, mas devido à falta de recursos ainda não foi possível sua aquisição. Por isso, conhecer o desenho da planta é uma informação essencial, pois facilita a criação, distribuição do espaço e posterior montagem da exposição. Esse cuidado garante as condições adequadas para os visitantes apreciarem o que se pretende expor e, simultaneamente, propiciar uma disposição dos objetos de forma harmoniosa (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017).

O MIEM possui três andares; o 2º piso é destinado a exposições e o 3º é dedicado à memória e ao acervo do Padre Clementino Marcuzzo. (Figura 64).

Figura 64 –Planta baixa do 2º andar (à esquerda) e planta baixa do 3º andar do prédio (à direita), onde está situado o MIEM



Fonte: Acervo do MIEM.

Outra fase do planejamento da exposição é a montagem. Conforme Cury (2015), essa fase consiste na produção dos diversos recursos expográficos (iluminação, suportes, cores, por exemplo) utilizados para a concretização, instalação e montagem no espaço físico. As pessoas envolvidas na montagem da exposição devem ter cuidado com o material exposto. Cabe ao curador orientar e acompanhar todo esse processo (WERNECK; COSTA; FERREIRA, 2010).

A montagem da exposição proposta será realizada pela curadora, com o auxílio da diretora técnica do MIEM, Jacinta Pivetta Vizzotto. Para a exposição, serão utilizados os painéis produzidos e alguns objetos do Padre Marcuzzo expostos no Museu, a fim de compor e contextualizar a sua história. Após o término da exposição, os painéis serão doados ao MIEM para serem utilizados em outros momentos e eventos que considerarem oportunos.

Durante o planejamento de uma exposição, outra fase importante é a sua divulgação, que inicia com a concepção da exposição, quando é trabalhada a

identidade visual do evento. Segundo Baldin (2019), esses conceitos são gerados a partir do patrimônio intelectual e material produzido nas exposições, que podem ser divulgadas em diferentes suportes e meios de comunicação, como *folders*, cartazes, painéis, sites, redes sociais e jornais, por exemplo. O autor salienta ainda que os materiais utilizados devem seguir uma mesma padronização, diferenciando-se apenas pelo formato, tamanho e tipo de papel.

Cada material gráfico utilizado na divulgação da exposição tem uma função específica. O cartaz, por exemplo, é utilizado para divulgar o evento em locais estratégicos que atinjam o público da exposição, sendo que o formato e tamanho podem variar, conforme o conceito proposto pela curadoria. Outros materiais utilizados na divulgação das exposições são o folder e o folheto, contendo informações detalhadas sobre a exposição, como conceito, programação, data e horário de funcionamento do local, título da exposição, nome do autor que está expondo, telefone de contato, marca das instituições participantes, dos patrocinadores e apoiadores do evento e conteúdo exposto, sendo geralmente distribuído na abertura da exposição e depois utilizado como material informativo (WERNECK; COSTA; FERREIRA, 2010). A partir desse entendimento, serão elaborados cartazes de divulgação da exposição, observando-se o mesmo modelo da apresentação dos painéis, que serão fixados nos estabelecimentos locais e divulgados no site do MIEM.

O projeto gráfico da exposição foi produzido pelo designer Anderson Machado, utilizando como suporte painéis no formato 0.90 X 1.20 metros, contendo títulos, textos, reprodução de imagens e fotografias – material autorizado pela Direção do MIEM para uso e cópia na exposição e na dissertação. Optou-se em realizar a exposição com painéis, a fim de preservar documentos, jornais e fotografias originais, evitando manuseá-los e, por consequência, possíveis danos.

Para a exposição, foram elaborados 10 painéis, organizados da seguinte forma:

1º PAINEL: apresenta a abertura da exposição, com o título – “Um brinde ao Padre Clementino Marcuzzo, incentivador e divulgador da cultura italiana em Vale Vêneto/RS” –, o tipo de exposição e a ficha técnica das pessoas que produziram a exposição (autora, orientadora, designer gráfico, colaboradores e apoiadores).

2º PAINEL: aborda a origem da família do Padre Clementino Marcuzzo, o início da sua alfabetização na Capela Sant’Ana, que servia de escola para as crianças.

3º PAINEL: mostra o caminho percorrido pelo Padre Marcuzzo até a ordenação sacerdotal, a celebração da primeira missa e os locais onde ele atuou, exercendo seu apostolado.

4º PAINEL: apresenta o trabalho de Padre Clementino com a imprensa, iniciados com a divulgação da Revista Rainha, pertencente à Congregação Palotina, a escrita em periódicos locais, a formação no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSM e os programas de rádio que apresentava nas cidades da Região Central do Estado.

5º PAINEL: destaca as ações culturais e festivas idealizadas pelo Padre Marcuzzo nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, que ocorreram de 1975 até 1978. Dentre as ações apresentadas estão as festas, as inaugurações de monumentos, a cancha de bocha, o Museu, o desfile típico e os grandes pratos da culinária italiana preparados pelos moradores locais.

6º PAINEL: com o entusiasmo e a curiosidade pela história dos seus antepassados, Padre Marcuzzo começou a pesquisar e a escrever sobre a cultura italiana, a religiosidade e a história local. Este painel mostra os livros, folhetos e alguns textos publicados pelo sacerdote.

7º PAINEL: apresenta algumas das festas criadas pelo Padre Clementino, como a Festa dos Motoqueiros, a Festa dos ex-alunos de Vale Vêneto e a Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto – essa última acontece todos os anos, desde 1986, paralelamente ao Festival Internacional de Inverno da UFSM, resgatando muitas tradições culturais italianas.

8º PAINEL: destaca ações significativas do Padre Marcuzzo que contribuíram para a preservação da memória e da história de Vale Vêneto, bem como sua participação em associações e instituições culturais.

9º PAINEL: ilustra uma amostra dos materiais encontrados no acervo pessoal do Padre Clementino, doado ao MIEM pelo seu sobrinho, Luiz Marcuzzo. A documentação constitui uma rica fonte de pesquisa que aguarda tratamento arquivístico para ser disponibilizado à comunidade e ao público.

10º PAINEL: apresenta as homenagens e condecorações recebidas pelo Padre Marcuzzo de familiares, autoridades, entidades e comunidade, em função do trabalho realizado em prol da cultura italiana e divulgação da Quarta Colônia.

No intuito de servir como material informativo será disponibilizado ao público no espaço dedicado à memória do Padre Clementino Marcuzzo o folheto da exposição para consulta local.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou contar e registrar a trajetória do Padre Clementino Marcuzzo como incentivador e divulgador da cultura italiana na Quarta Colônia, sobretudo no Distrito de Vale Vêneto. Com vistas a cumprir o objetivo proposto, estudou-se o percurso de vida do sacerdote, desde suas origens até a sua morte, com base na literatura consultada e nas informações coletadas e analisadas, em sua grande maioria, do acervo pessoal deixado pelo sacerdote, situado no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM) e no Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora (acervo dos padres Palotinos).

De família humilde e religiosa, Clementino seguiu o caminho do sacerdócio, mas sua vida não se limitou às atividades religiosas, envolvendo-se, na década de 1970, com o trabalho na imprensa e com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto. Durante essa pesquisa, foi possível constatar, por meio da documentação encontrada em seu acervo, o entusiasmo do sacerdote pela história dos seus antepassados. Evidencia-se a construção de uma narrativa que exalta o trabalho, a fé e a união familiar dos imigrantes italianos como elementos essenciais para a superação das dificuldades encontradas ao chegarem na Quarta Colônia.

Ainda nos festejos, observou-se que uma das iniciativas do Padre Marcuzzo que mais chamou a atenção do público foi a gastronomia. A preparação dos grandes pratos consumidos pelos imigrantes italianos e seus descendentes foram reproduzidos pelos moradores locais, o que oportunizou a demonstração dos seus saberes e fazeres, destacando a sua cultura, história e identidade. As tradições, usos e costumes praticados pelos antepassados também foram representados por meio de atividades culturais como a realização do desfile típico, inauguração de monumentos e do Museu, tornando-se um elo de ligação entre a comunidade e o seu passado histórico. Essa valorização cultural, voltada a seus antepassados, trouxe um novo significado à comunidade, fortalecendo o sentimento de identidade e pertencimento.

Nos primeiros anos, as festas em Vale Vêneto eram apenas de cunho religioso. Com o decorrer do tempo, passaram a abranger também o caráter cultural, gastronômico e econômico e o local tornou-se um atrativo turístico pela culinária, paisagens e por seu patrimônio cultural, o que tem movimentado Vale Vêneto,

gerando trabalho e renda para a comunidade, por meio do emprego da mão de obra e da comercialização dos produtos locais.

Ao pesquisar sobre a imigração italiana na Quarta Colônia, evidenciou-se que Padre Marcuzzo é citado em obras e estudos científicos, os quais destacam a importância do trabalho cultural que ele realizou. Seus registros e sua atuação impediram que muitas tradições italianas fossem perdidas e deram visibilidade à cultura italiana e à Quarta Colônia, por meio das suas publicações em livros e jornais de circulação da Região Central do Estado, em programas de rádio que apresentou e na promoção e condução das festas.

Assim, no intuito de divulgar a história do Padre Clementino Marcuzzo, foi criada uma exposição, produto resultante desta dissertação. Além de deixar registrada sua história, a exposição visa ser um atrativo para a visitação ao MIEM, estimulando o desenvolvimento e o turismo na Quarta Colônia. Além disso, este estudo buscou contribuir para a compreensão e a preservação da história local e regional, reconhecendo nas ações do Padre Marcuzzo o início da preservação e valorização de boa parte do patrimônio cultural material e imaterial existente em Vale Vêneto.

Este trabalho limitou o estudo ao Distrito de Vale Vêneto, por ser o local onde o sacerdote atuou mais expressivamente nas ações festivas e culturais. Entretanto, foi possível evidenciar que suas ações não se limitaram a essa localidade, promovendo também a cultura italiana e as festas em outras cidades da Quarta Colônia e Região Central do Estado. Nesse sentido, espera-se que o trabalho sirva de incentivo para o aprofundamento e a continuidade de futuras pesquisas sobre a atuação do sacerdote em outras localidades.

Ao longo dos anos, Padre Marcuzzo reuniu um acervo documental expressivo, resultante das várias atividades que exerceu durante sua vida. Com a abertura desse material, verificou-se que as informações foram armazenadas em diferentes tipos de suporte e que o acervo é uma importante fonte de pesquisa, principalmente, sobre a imigração italiana, a história local, a religiosidade e a cultura italiana. Esse legado cultural deixado por nossos antepassados, que o Padre Marcuzzo empenhou-se em registrar e preservar, é rico em informações que, ao serem estudadas, podem contribuir para a construção do conhecimento e para a reflexão das gerações presentes e futuras. Contudo, esse material ainda não está disponível para consulta, pois não está higienizado, organizado e nem referenciado, tornando-se necessário o

tratamento técnico adequado para, após, disponibilizá-lo a pesquisadores e ao público.

O MIEM conta apenas com o trabalho de pessoas voluntárias e tem buscado, junto a órgãos e instituições públicas, parcerias para a organização desse acervo. Cabe salientar que um dos objetivos específicos deste estudo foi realizar o levantamento e a análise das informações para o desenvolvimento deste trabalho, cabendo ainda todo o tratamento arquivístico deste acervo. Nesse sentido, espera-se que essa pesquisa possa servir de apoio para a compreensão e classificação dessa documentação, despertando o interesse para que novos trabalhos possam ser realizados na área.

Ao finalizar este trabalho, esperamos ter contribuído para preservar e divulgar a história local, na qual Padre Clementino Marcuzzo esteve inserido e que, hoje, está representado em monumentos, nomes de estradas, no museu que dedicou um de seus espaços a ele e nesta pesquisa. Sem pretensão de esgotar o assunto, objetivou-se deixar registrada sua trajetória pessoal e profissional, bem como suas principais ações culturais e festivas. Suas iniciativas impulsionaram o turismo na Quarta Colônia, em especial Vale Vêneto, elevando a autoestima dos moradores locais, a maioria deles descendentes de imigrantes italianos. Muitas tradições italianas resgatadas pelo sacerdote continuam sendo mantidas na localidade como forma de preservar a memória e a identidade cultural da comunidade.







## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.
- ANTUNES, H. S.; FLORES, J. R. A.; OLIVEIRA, V. F. **As lembranças de uma escola não muito distante**. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, Programa de Ação Regional da UFSM, Gestão 94/97, 1997.
- ANTUNES, M. H. D. A Culinária da Quarta Colônia: resgate do saber-fazer individual como imagem de uma identidade coletiva. In: MONTEIRO, M. de F. M. C.; ANTUNES, V. O.; MOESCH, N. M. (Org.). **Turismo no meio rural: teorias, conceitos e a arte do saber-fazer**. Santa Maria: UNIFRA, 2008, p. 73-92.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. **Vale Vêneto: Um Pedacoço da Itália no Brasil**. [19--].
- AZEVEDO, F. L. M. de. Biografia e gênero. IN: GUAZZELLI, C. A. B. et al. (Org.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 131-146.
- BALDIN, R. **Montagem de exposição: da curadoria à expografia**. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6787735-Montagem-de-exposicao-da-curadoria-a-expografia-renato-baldin.html>>. Acesso em: 15 maio 2019.
- BARBOSA, F. L. **Manual de montaje de exposiciones**. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura; Museo Nacional de Colombia, 1994. Disponível em: <[https://www.academia.edu/578804/Manual\\_de\\_Montaje\\_de\\_Exposiciones](https://www.academia.edu/578804/Manual_de_Montaje_de_Exposiciones)>. Acesso em: 20 maio 2019.
- BARICHELLO, C. A. **Patrimônio cultural religioso e negociação da identidade do imigrante italiano da Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins e região central do Rio Grande do Sul**. 2010. 114 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.
- BATTISTEL, A. **Colônia italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: EST, 1981.
- BELLINASSO, S. **Os Heróis de Val de Buia: a história dos imigrantes italianos que construíram a Quarta Colônia de Imigração Italiana de Silveira Martins**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2000.
- BELLOTTO, H. L. Arquivos Pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Estudos históricos**, v. 21, p. 201-207. 1998. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063/1202>>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOLZAN, M. **Quarta Colônia: da fragmentação à integração**. 2011. 348 p. Tese (Doutorado em História)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011.

BONFADA, G. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1981.

BORDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, A. de M.; FERREIRA, M. de M. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BORN, C. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n5/n5a11>>. Acesso em: 22.out.2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988: íntegra das emendas constitucionais: textos originais dos artigos alterados (Adendo especial): novas notas remissivas: índice sistemático, cronológico e alfabético-remissivo: súmulas vinculantes. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BRASIL. **Decreto-lei n. 25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, RJ, 30 nov. 1937. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 8.159**, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília, DF, 8 jan. 1991. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8159.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8159.htm)>. Acesso em: 10 out. 2019.

BUSANELLO, Pe. P. J. **A história de nossa gente**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1952.

CARDELIN, M. Apresentação. In: CORRADIN, G. et al. **E cantavam: à nova pátria brasileira**. Porto Alegre, RS: Ed. Meridional EMMA, 1972, p. 5.

CESCA, O. **Faxinal do Soturno**: sua história e sua gente. Santa Maria: Gráfica e Editora Rainha, 1973.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

CONTRATO DE SERVIÇOS RELIGIOSOS. [Contrato firmado entre Clementino Marcuzo e Sociedade Meridional de Educação (SOME)], Santa Maria, fev. 1994. Acervo do Padre Clementino Marcuzo [caixa] do Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora.

COSTA, M. L. da; CASTRO, R. V. de. Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias ou construindo histórias? **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, 2008.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/04.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

COSTA, R. et al. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST/Sulina, 1974.

COSTA, R. Apresentação. In: MARCUZZO, Pe. Clementino. **100 cento canti taliani: cantar e beber ze el meio viver: as mais belas canções italianas da 4ª colonização no centro do estado do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: [s.n.], 1989, p. 9-11.

CRIVELLI, R.; BIZELLO, M. L. Arquivos pessoais e patrimônio documental: análise dos critérios de seleção dos registros memória do mundo Brasil – UNESCO. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ENANCIB, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/32YubYj>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CURY, M. X. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/33TZSI2>>. Acesso em: 20 maio 2019.

DALMOLIN, A. R. **A Rainha de Lauro Trevisan: modernização e religiosidade**. 2007. 153 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

DE BONI, L. A.; COSTA R. **Far La Mérica: a presença italiana no Rio Grande do Sul**. v. III. Porto Alegre: RIOCELL, 1991.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o desenvolvimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DOTTO, C. G. **Silveira Martins: tutti bonna gente**. Santa Maria, RS: Imprensa Universitária UFSM, [1987?].

ERTHAL, D. **A influência palotina no ethos cultural das populações de imigrantes e descendentes de italianos em Vale Vêneto**. 2015. 100 p. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

FROEHLICH, J. M. **Rural e natureza: a construção social e rural contemporânea na região central do Rio Grande do Sul**. 2002. 220 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GALIOTO, Pe. A. O significado das capelas nas colônias italianas do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. (Org.). **Presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIRARDI, L. L. **Memórias e vivências**. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1995.
- GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições EST, 2007.
- GIRON, L. S. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: LANDO, A. M. (Org.). **RS: imigração e colonização**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Livre, 1996.
- GOOGLE MAPS**. Estr. Mun. Padre Clementino Marcuzzo. Disponível em: <<https://bit.ly/2IROeMV>>. Acesso em: 10 maio 2019.
- GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos. (Org.). **Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST M: discutindo exposições: conceito, construção e avaliação**. Rio de Janeiro: MAST, 2006. Disponível em: <[http://site.mast.br/hotsite\\_mast\\_colloquia/pdf/mast\\_colloquia\\_8.pdf](http://site.mast.br/hotsite_mast_colloquia/pdf/mast_colloquia_8.pdf)>. Acesso em 20 maio 2019.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- HORTA, M. L.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Série caminhos da memória, 1. Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/35d1r4c>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. 3. ed. Brasília, DF: IPHAN, 2012. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha\\_1\\_\\_parasabermis\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermis_web.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- IOTTI, L. H. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares**. (Apres. Núncia Santoro de Constantino). Caxias do Sul: EDUCS, 1996.
- LAGE, M. O. P. **Abordar o patrimônio documental: territórios, práticas e desafios**. Guimarães: Éden Gráfico, 2002. (Coleção Cadernos NEPS 4). Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/792/1/caderno04.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2010.
- LEDUR, F. A. P. **A educação patrimonial formal como elemento reconhecedor do patrimônio cultural em São Mateus do Sul – PR**. 2012. 128 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)–Universidade do Contestado, Canoinhas, SC, 2012.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, A. de M.; FERREIRA, M. de M. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

LOPEZ, I. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e de desenvolvimento local. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2QpENkQ>>. Acesso em: 03 set. 2018.

LORENZONI, J. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LUTHER, A. **Reconfiguração do território: transformações socioambientais em Arroio Grande/Santa Maria-RS**. 2005. 93 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MAGRO, C. Os Palotinos em Silveira Martins e nas colônias italianas. In: DE BONI, L. A. et al. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. v. III. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Fondazione Giovanni Agnelli, Ed. EST, 1996, p. 463-470.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre, Grafosul–Gráfica Editora Fotogravura do Sul Ltda. Instituto Estadual do Livro, 1975.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre, Grafosul–Gráfica Editora Fotogravura do Sul Ltda. Instituto Estadual do Livro, 2001.

MARCUZZO, Pe. C. [S.l, s.d.]. Manuscrito. Acervo do Padre Clementino Marcuzzo [caixa] do Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora.

MARCUZZO, Pe. C. **Centenário de Val Veronês**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1982.

MARCUZZO, Pe. C. **100 cento canti taliani**: cantar e beber ze el meio viver: as mais belas canções italianas da 4ª colonização no centro do estado do Rio Grande do Sul. Santa Maria: [s.n.], 1989.

MARCUZZO, Pe. C. **Centenário da Chegada das Irmãs e fundação do Colégio Vale Vêneto** (1892-1992). Santa Maria: Editora Pallotti, 1992a.

MARCUZZO, Pe. C. **Cinquentenário da Gruta de Vale Vêneto (1942-1992)**. Santa Maria: Editora Pallotti, 1992b.

MARCUZZO, Pe. C. **Cossíta Préga La Santa Messa I Nostri Taliani (1992)**. Folheto. Santa Maria, [19--].

MARCUZZO, Pe. C. **Na s-ciopetada de frótole**. Folheto. Santa Maria, 2004.

MARCUZZO, Pe. C. **Proverbi taliani a sapienza dei secoli**: Quarta Colônia Imperial, centro do estado. Santa Maria, 1996.

MARCUZZO, Pe. C. Arquivo n. 005. [**Entrevista disponibilizada em 25 de agosto de 2010, a Internet**]. Disponível em:

<<https://sites.google.com/site/culturaegruposociais/laboratorio-de-historia-lahis>>. Entrevista concedida a Neusa Tavani.

MARIN, J. O integralismo na ex-Colônia italiana de Silveira Martins. In: MARIN, J. (Org.) **Quarta colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999, p. 110-117.

MARIN, J. R. Combatendo nos exércitos de Deus. In: MARIN, J. (Org.) **Quarta colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999, p. 74-94.

MARIN, E. C. **O lúdico na vida: colonas de Vale Vêneto**. 1996. 148 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

MENESES, J. N. C. **História & turismo cultural**. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

MOCELLIN, A. *Relazione técnico-linguistica sul “talian”, ossia Il “Veneto brazilian”: peculiarità, identità, contaminazioni*. In: DALMOLIN, C. (Org.). **Ti tazi sempre te parli mai**. Bassano del Grappa: Editora Artística Bassano, 2018, p. 113-131.

MORAES, S. M. Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 18., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAP, 2009. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya\\_mattar\\_moraes.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2019.

MORTARI, E. C. M. **Identidades negociadas: o rádio e a construção simbólica da Quarta Colônia/RS**. 2004. 216 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

MUNIZ, E. F. **Imigração e religião: a influência do catolicismo na Quarta Colônia Imperial Silveira Martins**. 1999. p. 48. Monografia (Especialização em História do Brasil)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 1999.

MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL VICENTI PALLOTTI. Folder. Acervo do Padre Clementino Marcuzzo [caixa] do Arquivo Provincial dos Padres Palotinos.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. **Planejamento de exposições**. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Vitae, 2002. (Série Museologia, 2). Disponível em: <[http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download\\_arquivo/roteiro2.pdf](http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro2.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2019.

ORSOLIN, A. **Os congressos educacionais Palotinos como um instrumento político-pedagógico de integração (1994-2007)**. 2009. 82 p. Dissertação

(Mestrado em Integração Latino Americana)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

PELEGRINI, S. C. A.; NAGABE, F.; PINHEIRO, Á. P. (Org.). **Turismo & patrimônio em tempos de globalização**. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2010.

PERTILE, M. T. **O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. 2009. 251 p. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

PINSKY, C. P. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, E. M.; JUVÊNCIO, C. H. Seleção de arquivos pessoais pelas instituições nacionais que conservam a memória do Brasil: Arquivo, Biblioteca e Museu Histórico. In: GARCÍA, N.; SILVA, C. S DE. M. (Coord.). **Arquivos pessoais: experiências de organização e gestão**. 1. ed. Córdoba: Redes, 2017, p. 86-97. Disponível em: <<http://redarchiveroscordoba.com/wp-content/uploads/2017/10/Archivos-personales-experiencias-de-organizaci%C3%B3n-y-gesti%C3%B3n.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2018.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/37aOp9b>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

POSENATO, J. **Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

POSSAMAI, A. M. P. As festas comunitárias como fator de preservação da cultura local: região, gastronomia e turismo. In: POSSAMAI, A. M. P; PECCINI, R. (Org.). **Turismo, história e gastronomia: uma viagem pelos sabores**. Caxias do Sul, RS: EducS, 2011, p. 31-43.

POSSAMAI, P. C. **“Dall’Itália siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Museologia social**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

RAMOS, E. H. C. L. Os museus da imigração como espaços de memória. In: MARTINS, I. L.; HECKER, A. (Org.). **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias**. 1 ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010, p. 99-112.

RAMOS, F. R. L. O passado (re)conhecido: a dúvida da história e o dever da memória. In: SOARES, I. M.; SILVA, Í. B. M. (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**, v. I. Fortaleza: IPHAN-CE, 2014.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2006, p.76-97.

RIGHI, V., BISOGNIN, E. L., TORRI, V. **Povoadores da Quarta Colônia: contribuições do imigrante italiano na Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins**. 1 ed. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

RIO GRANDE DO SUL. Projeto de Lei de n. 133, de 25 de junho de 2009. Denomina "Rodovia Padre Clementino Marcuzzo", a VRS 823, que liga o Distrito de Vale Vêneto à RS 149, no município de São João do Polêsine. **Diário Oficial da Assembleia Legislativa**, Poder Legislativo, Porto Alegre, RS, 1 jul. 2009.

ROSSETTO, V. **Memória e cultura étnica: a Festivália de Serafina Corrêa-RS**. Passo Fundo: UFP, 2005.

RUBERT, A. **Quarta colônia: assistência religiosa (1877-1900)**. Porto Alegre: EST edições, 2003.

SANTIN, S. **A imigração esquecida**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul – EDUCS, 1986.

SANTIN, S.; ISAIA, A. **Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre, Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul – EDUCS, 1990.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: Edições EST, 2003.

SAVOLDI, A. A reconstrução da italianidade no Sul do estado de Santa Catarina. In: BANDUCCI JR., Á.; BARRETO, M. (Org.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SCHMIDT, B. B. A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção do "contexto". In: GUAZZELLI, C. A.B. et al. (Org.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, 121-129p.

SCHMIDT, B. B. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: RAGO, M.; GIMENES, R. A. de O. (Org.). **Narrar o passado, repensar a história**. 2. ed., Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Estadual de Campinas, 2014, p. 191-201.

SCHMIDT, B.B. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos*, 90, v. 4, n. 6, 165-192, dez. 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6178/41475>>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA, M. C. S. de M. e. Reflexões sobre os arquivos pessoais e os desafios para os arquivistas. In: GARCÍA, N.; SILVA, C. S DE. M. (Coord.). **Arquivos pessoais: experiências de organização e gestão**. 1. ed. Córdoba: Redes, 2017, p. 7-12.

Disponível em: <<http://redarchiveroscordoba.com/wp-content/uploads/2017/10/Archivos-personales-experiencias-de-organizaci%C3%B3n-y-gesti%C3%B3n.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2018.

SILVA, M. C. S. M.; SANTOS, P. R. E. (Org.). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012.

SILVA, J. N.; SILVA, R.; DUARTE, R.; H.; DORREGÃO, V. V. A contribuição dos monumentos históricos para a constituição da memória. **Ciência & Cidadania**, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unibave.net/index.php/cienciaecidadania/article/view/37>>. Acesso em 20 jun. 2019.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

TONIAL, H. (Org.). **Talian la nostra lingua**. Erechim, RS: EdiFAPES, 2001.

TONIAL, H. Cosa zelo sto talian Vêneto..!? In: DON GIUSEPPE Santin: resgatando a história da família Santin. 14 ago. 2013. Disponível em: <<http://dongiuseppesantin.blogspot.com/2013/08/cosa-zelo-sto-talian-veneto.html>>. Acesso em: 23 maio 2019.

VALE VÊNETO: depois de uma penitência na estrada, a visita ao Paraíso Ecológico. **Folha de Santa Maria**, 22 a 23 jun. 1996, p. 3. Acervo pessoal de Jacinta Pivetta Vizzotto.

VENDRAME, M. I. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914)**. 2007. 236 p. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

VIDAL, L. Acervos pessoais e memória coletiva: alguns elementos de reflexão. **Patrimônio e memória**, UNESP-FCLAs-CEDAP, v. 3, n.1, p. 3-13, 2007. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1/452>>. Acesso em: 21 set. 2018.

VIEIRA, H. I. A. **Exposições: formas de comunicar e educar em museus**. 2009. 99 p. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade do Porto, Porto, POR, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/32OXFMV>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

VIZZOTTO, J. M. P. **História de trabalho e fé: bens culturais de Vale Vêneto**. 2014. 239 p. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

WERNECK, A. M. A. F.; COSTA, T.C.; FERREIRA, A.G. de F. **Planejamento e gestão de exposições em museus: (caderno 3)**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/32PZSHW>>. Acesso em: 15 maio 2019.

XAVIER, R. C. L. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZZELLI, C. A.B. et al. (Org.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 161-173.

ZANINI, M. C. C. **Italianidade no Brasil meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

## REFERÊNCIAS (ACERVO DO MIEM)

### Jornais

A RAZÃO. Santa Maria, RS, ano 52, n. 244, número avulso. 23 set. 1986.

A RAZÃO. Santa Maria, RS, 30 nov. 2004, p. 6.

AUXILIARES de redação visitam o jornal. **A Razão**, Santa Maria, RS, ano 47, n. 217, 19 ago. 1981.

BISPO de Vicenza nos Festejos do Centenário de Vale Vêneto. **O Expresso**, Santa Maria, RS, 20 jul. 1977.

BOLZAN, T. [Entrevista disponibilizada entre 6 e 13 de novembro de 2007].  
Jornal Integração Regional, 6-13 nov. 2007. Caderno Especial, p. 9.

CENTENÁRIO do distrito de Vale Vêneto: “Um século de fé, de amor e de trabalho”.  
**Correio do Povo**, 29 out. 1978, p. 15.

JORNAL BELO VALE. Faxinal do Soturno, RS, 25 nov. 1994, p. 3.

JORNAL INTEGRAÇÃO REGIONAL. Restinga Seca, RS, 6-13 set. 2007. Edição Especial. *Buona Salute* Pe. Clementino, p. 9.

MARCUZZO, Pe. C. Vale Vêneto promove festa do galetto. **A Razão**, Santa Maria, 14 jun. 1978, p. 9.

MARCUZZO, Pe. C. Rondon encerra atividades em Poço Redondo. **O Expresso**, 13 fev. 1980, p. 5.

MARCUZZO, Pe. C. Polenta. **Zero Hora**, Porto Alegre, ano 22, n. 7378, 26 nov. 1985.

MARCUZZO, Pe. C. Vale Vêneto já é Distrito Turístico. **A Razão**. Santa Maria, 11 ago. 1992c.

UMA POLENTA gigante para festejar a imigração. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 jul. 1975, p. 6.

VALE VÊNETO é destaque social. **Jornal o Expresso**. Santa Maria-RS, Ano II, n. 303, 22.nov.1977.

ZERO HORA, Porto Alegre, RS, 1992, p. 5.

### Periódicos

BAGGIO, A. O canhão da paz e seu artilheiro. **Revista Rainha**. Porto Alegre, RS, jan. 1987, n. 665, p. 46.

INFORMATIVO PALOTINO. Santa Maria, RS, n. 04, 1971, p. 31.

### Manuscritos do Padre Clementino Marcuzzo

MARCUZZO, Pe. C. [Discurso realizado na posse como sócio-efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria]. Santa Maria, 18 ago. 1988. Manuscrito. Acervo do MIEM.

MARCUZZO, Pe. C. Vale Vêneto – a maior polenta da história. Manuscrito. [S.l., s.d.]. Acervo do MIEM.

MARCUZZO, Pe. C. Em Vale Vêneto: a primeira Festa do Galeto. Manuscrito. [S.l., s.d.]. Acervo do MIEM.

MARCUZZO, Pe. C. Monumentos de Vale Vêneto. Manuscrito. [S.l., s.d.]. Acervo do MIEM.

MARCUZZO, Pe. C. Nomes das ruas de Vale Vêneto foram dadas pelo Pe. Clementino Marcuzzo. Manuscrito. [S.l., s.d.]. Acervo do MIEM.

MARCUZZO, Pe. C. Povo sem festas é povo sem tradições. Vale Vêneto, 23 jul. 1986. Manuscrito. Acervo do MIEM.

### Livros

BORTOLUZZI, F. **Nossos ancestrais**: Família Bortoluzzi. Vale Vêneto, RS: [s.n.], 20--].

### Outros documentos

25 ANOS: lembrança do Jubileu Sacerdotal do Padre Clementino Marcuzzo. Folder. Vale Vêneto, 21 dez. 1958.

CENTENÁRIO PALOTINO. Folder. [S.l.]. 1986.

MARCUZZO, Pe. C. Curriculum vitae. [S.l. s.d.]

MARCUZZO, Pe. C. Certificado de reservista, dez. 1945.

MARCUZZO, Pe. C. Planilha de aula. [S.l. s.d.].

## APÊNDICE A – PAINEL 1: ABERTURA

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

# UM BRINDE AO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO

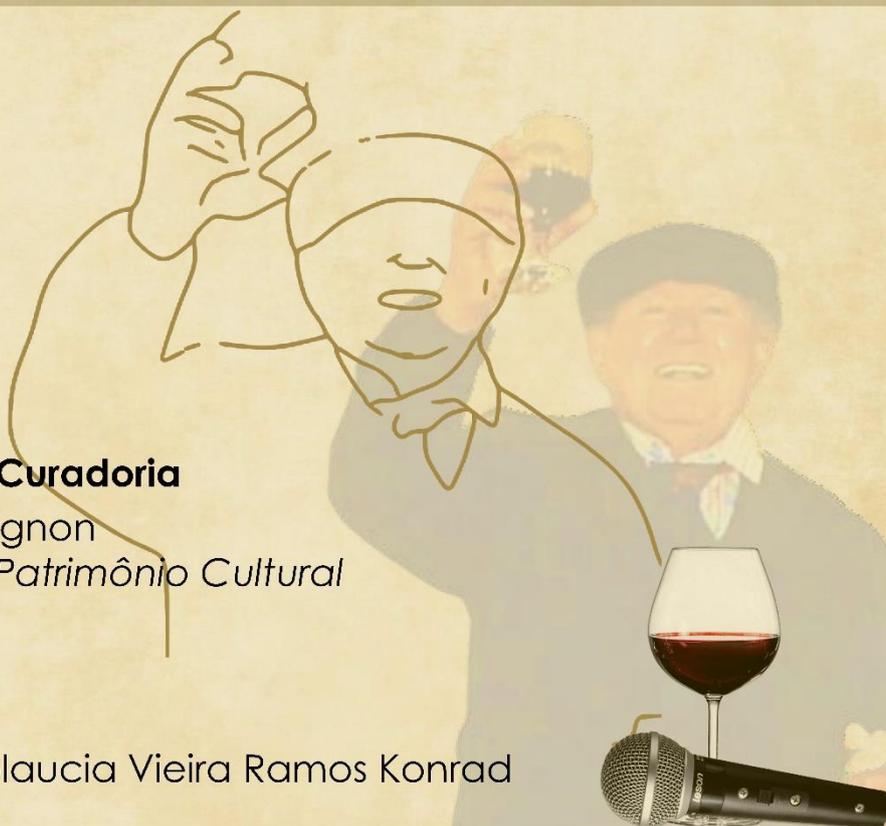
INCENTIVADOR E DIVULGADOR DA  
CULTURA ITALIANA EM VALE VÊNETO - RS

## Pesquisa e Curadoria

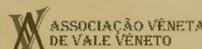
Analiz Bordignon  
Mestre em Patrimônio Cultural

## Orientação

Prof.ª Dr.ª Glauca Vieira Ramos Konrad



APOIO E REALIZAÇÃO



**Design**  
Anderson Machado

**Colaboração**  
Jacinta Pivetta Vizzotto

APÊNDICE B – PAINEL 2: A ORIGEM DA FAMÍLIA

# A ORIGEM DA FAMÍLIA



Ao centro, José Marcuzzo e Luiza Giroto, avós paternos do Padre Marcuzzo, com familiares.



Primeira casa dos avós paternos, José Marcuzzo e Luiza Giroto, na localidade de Linha Duas em Vale Vêneto. Hoje a moradia pertence à família de Virgílio Bortoluzzi.



Na primeira fila da esquerda para a direita: Eduardo, Elídio, Jandira, Amábile (mãe), Luiz (pai) e Clementino; na segunda fila na mesma ordem: Rafael, Olinda, Elisa, Amélia, Virgílio e Santo.

Em 1878, os avós paternos e maternos de Clementino Marcuzzo partiram da Província de Treviso no Norte da Itália em direção ao Brasil, tendo como destino a Quarta Colônia.

Giussepe (José) Marcuzzo ficou viúvo durante a viagem, e ao chegar a Vale Vêneto, casou no ano seguinte com Luígia (Luiza) Giroto. Dessa união nasceram 10 filhos, entre eles, Luiz, pai de Clementino.

Domênico (Domingos) Bortoluzzi era militar do exército italiano e, temendo ser enviado para combater nas guerras pela Unificação da Itália, decidiu partir com a esposa Santa Puppín e os filhos para o Brasil, estabelecendo-se em Vale Vêneto, onde construiu sua moradia.



Sobrado de pedra basalto, construído em 1916, onde nasceu o Padre Clementino Marcuzzo. O casarão foi restaurado e, hoje, pertence ao sobrinho do padre, Luis Marcuzzo.



Domingos Bortoluzzi e Santa Puppín, avós maternos de Padre Marcuzzo.

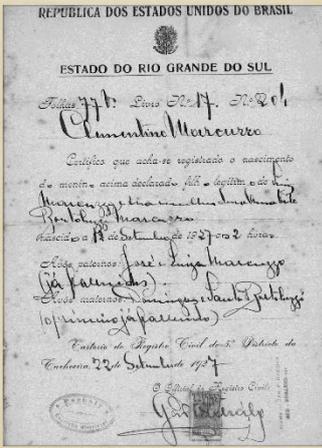


Capitel construído em honra a Nossa Senhora do Rosário.

Mais tarde, a família Marcuzzo adquiriu novas terras próximo de onde moravam, construindo no local sua moradia.

Clementino era filho de Luiz Marcuzzo e Amábile Maria Bortoluzzi. O casal teve 10 filhos, sendo Clementino o penúltimo.

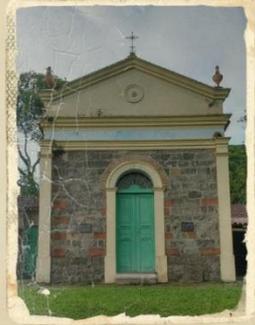
# A INFÂNCIA E OS ESTUDOS PRIMÁRIOS



Certidão de nascimento do Padre Marcuzzo.

Clementino Marcuzzo nasceu no dia 12 de setembro de 1927 em Vale Vêneto, onde viveu sua infância, ajudando nos trabalhos da casa e no cultivo das plantações, sendo o fumo uma das principais rendas da família.

Aos 6 anos de idade, iniciou seus estudos primários em Vale Vêneto, na Capela que servia de escola para as crianças.

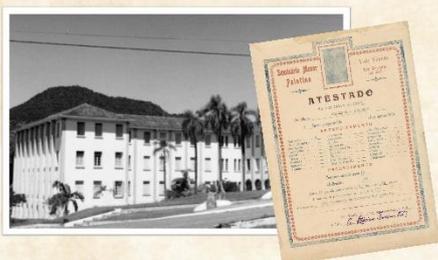
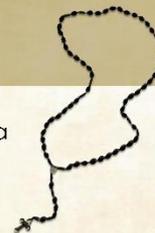


Capela Sant'Ana, onde Padre Marcuzzo iniciou seus estudos primários.

## APÊNDICE C – PAINEL 3: VOCAÇÃO SACERDOTAL

# VOCAÇÃO SACERDOTAL

Um dos primeiros sinais da vocação sacerdotal surgiu quando Clementino começou a confeccionar terços com as sementes de uma flor chamada gaité.



Atestado do primeiro ano de ensino no Seminário.

Em 1944, Clementino ingressou no Seminário Rainha dos Apóstolos em Vale Vêneto, iniciando seus estudos para a formação de padre.

Clementino também estudou nos Seminários de Augusto Pestana, São João do Polêsine e no Colégio Máximo de Santa Maria. Kursou Filosofia e Teologia concluídos em 1964 e 1972, respectivamente.



Lembrança da ordenação sacerdotal do Padre Marcuzzo e demais colegas em 1958.

Durante a ordenação sacerdotal na Cripta do Santuário da Medianeira em Santa Maria em 1958. Padre Marcuzzo (ao centro), João Sartor (à esquerda) e Osvaldo Cremonese (à direita).



Primeira missa celebrada.

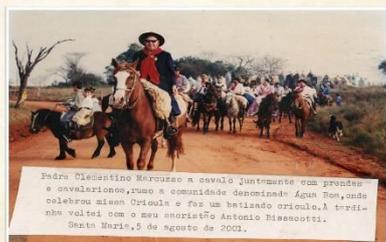


Presentes na celebração da primeira missa na Igreja Matriz de Corpus Christi em Vale Vêneto, em 1958.



Padre Marcuzzo e a família na celebração de sua primeira missa.

Padre Clementino trabalhou em cidades do Rio Grande do Sul e dos estados do Paraná e Rio de Janeiro.



Padre Clementino Marcuzzo a cavalo juntamente com prêtres e cavalheiros, rumo a comunidade Beneditina Agua Doce, onde celebrou missa Crisole e fez um batizado crisole. A trezê-ano voltei com o meu sacerdote Antonio Biascotti. Santa Maria, 5 de agosto de 2003.



Junto com a vocação sacerdotal, nutria o gosto pela música.



Comemoração de 50 anos de vida sacerdotal do Padre Clementino e demais religiosos, em 2008.

# APÊNDICE D – PAINEL 4: PADRE CLEMENTINO E A IMPRENSA



## PADRE CLEMENTINO E A IMPRENSA



Padre Clementino divulgando a Revista Rainha.

No início da década de 1970, Padre Marcuzzo começou a trabalhar na divulgação da Revista Rainha e junto com outros colegas percorreu cidades e estados, contribuindo com o aumento significativo do número de assinaturas. Além de divulgar, o sacerdote também passou a escrever para os periódicos dos padres Palotinos e revistas locais.

Com o envolvimento na imprensa e nas comemorações do Centenário da Imigração em Vale Vêneto, Padre Clementino buscou se qualificar, cursando Comunicação Social, habilitação em Jornalismo na UFSM.



Em 1975, Padre Clementino criou o Jornal O Radar de Faxinal do Soturno.



Formatura no Curso de Comunicação Social – Jornalismo na UFSM (1979).



Diploma do Curso de Comunicação Social- Jornalismo (1979).

## “O REPÓRTER DA QUARTA COLÔNIA”

Além das publicações, pesquisas e promoção das festas, Padre Marcuzzo deu voz à Quarta Colônia, através das ondas do rádio, levando cultura, religiosidade, entretenimento e informação. Criou e apresentou o Programa *I Nostrì Taliani* nas rádios Integração Regional de Restinga Seca e Guarathan de Santa Maria, com participações, também, na Rádio Universidade da UFSM.

*“Com seu modo, muitas vezes, engraçado de ser, o sacerdote se tornou uma figura fundamental para a sobrevivência da italianidade, assumindo a função de porta-voz do grupo, tendo o direito/legitimidade de falar pela Quarta Colônia, que lhe foi delegado pela comunidade” (MORTARI, 2004, p. 98).*



Gravador utilizado pelo Padre Marcuzzo para os programas de rádio que apresentava.



Carta recebida pelo Padre Marcuzzo de um ouvinte do Programa *I Nostrì Taliani*, em 1997.

## APÊNDICE E – PAINEL 5: CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VALE VÊNETO



### CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VALE VÊNETO (1975 – 1978)



Programação elaborada por Padre Marcuzzo para o Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto.

Com as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no RS, o Padre Clementino iniciou, com o apoio da comunidade, uma série de ações culturais e gastronômicas em Vale Vêneto para homenagear os imigrantes italianos. Essas iniciativas promoveram a cultura italiana e deram visibilidade à Quarta Colônia, sobretudo, para Vale Vêneto.

#### INAUGURAÇÕES

Durante as comemorações foram inaugurados o museu, os monumentos e a cancha de bocha.



Em 26 de julho de 1975 foi fundado o Museu Padre João Iop, sendo a cerimônia conduzida pelo Padre Marcuzzo. Mais tarde, o Museu ampliou seu espaço, sendo inaugurado oficialmente no dia 29 de outubro de 1978. Hoje o Museu leva o nome do fundador, Eduardo Marcuzzo, irmão do Padre Clementino.



Monumento da polenta erguido na Praça do Imigrante em Vale Vêneto para homenagear os primeiros colonizadores italianos.



Monumento inaugurado em homenagem ao imigrante italiano Antônio Vernier, que intermediou a vinda dos padres a Vale Vêneto.



Padre Marcuzzo conduzindo a solenidade de inauguração da cancha de bocha na Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva (SACE) de Vale Vêneto.

#### FESTEJOS

Na ocasião, Padre Marcuzzo incentivou a comunidade a fazer uma grande polenta, medindo 9 metros e 45 centímetros de circunferência, que foi notícia em jornais da Região Central do Estado e até em outros países como na Argentina, Uruguai e na região Veneta no Norte da Itália



O "Fondal", "Panaro" utilizado para acondicionar a polenta.



Padre Marcuzzo entoando a canção da polenta junto ao bispo Dom Ivo Lorscheiter, comunidade e público no Salão Paroquial de Vale Vêneto.

Os presuntos foram produzidos pelos maradores Nelson e Inês Rorato nos festejos, em 1976.



Durante o desfile típico, Genésio Bordinon, morador local, conduzindo os bois e a carreta, um dos principais meios de transporte e trabalho dos imigrantes italianos.



Cucas produzidas em formato da letra "V" para homenagear o nome do local nos festejos do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto no ano de 1977. Da esquerda para a direita: Adélia Dotta, Maria Marin, Vergínia Londero, Olga Iop e Romeu Iop, produtores das cucas no Salão Paroquial.



Levantamento realizado pelo Padre Marcuzzo dos principais produtores de frango da época em Vale Vêneto para a Festa do Gaíto em 1978.



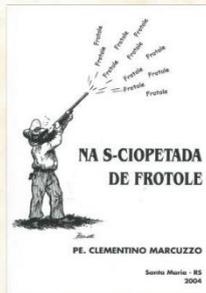
# APÊNDICE F – PAINEL 6: PUBLICAÇÕES

## PUBLICAÇÕES



Padre Marcuzzo na sessão de autógrafos do livro "Vale Vêneto: um pedaço da Itália no Brasil" em 1985. Ao lado o deputado Renan Kurtz e a irmã Jandira Marcuzzo Pivetta no Salão Paroquial da comunidade.

Com a repercussão dos festejos do Centenário da Imigração em Vale Vêneto, Padre Marcuzzo percebeu que havia o interesse pela história dos antepassados, o que o motivou a pesquisar sobre a cultura italiana, religiosidade e cultura local, resultando na publicação de livros, folhetos e artigos na Região Central do Estado.



### A História de Vale Vêneto (II)

Clementino Marcuzzo

De 1878 a 1888 numa área compreendida entre duas quadras povoadas Vale Vêneto as seguintes famílias: Bâcon, Bâdnara, Basso, Bevilacqua, Biongini, Bolras, Boidade, Borago, Borigon, Bortolazo, Bortolazzi, Bordini, Cagliari, Canazza, Carloto, Cassola, Cerrera, Chiapponio, Ciliano, Coppetti, Creazzo, Dalmazo, Dal Santo, Danad, Datta, Tullio, Ursiani, Perigolo, Filippone, Foleto, Foggerini, Forzin, Giacomini, Grigolotto, Isp, Londero, Lenaro, Marchesan, Marcuzzo, Marin, Marzi, Melotto, Mengolli, Missan, Moro, Marian, Nogar, Pasquatin, Pavarolo, Puceta, Pizzolati, Pozzobon, Righi, Rozato, Rossi, Russo, Sartori, Sbatto, Stefanel, Stron, Tondo, Triviso, Raravetto, Vendricolo, Venetiero, Verzer, Vigotto, Vizzotto, Weber, Zago e Zanini.

Destas, 31 famílias, ainda permanecem com os seus

mos de três lugares diferentes: Udine, Veneza e Treviso, mas todos da mesma região vêneta e aqui é um bonito vale, profeta muito bem chamado: «VAL VÊNETA». Todos concordam.

E assim conservou este nome até que em 1909, quando Dom Cláudio Ponce de Leão, então bispo de Porto Alegre, esteve em visita pastoral e convenceu os imigrantes que o nome certo seria Vale Vêneto e não Val Vêneto.

Prímela Nina

Logo que Paulo Bortoluz entrou em Vale Vêneto, chegando 30 famílias, instalado pelos imigrantes, traçou de erguer uma Capela de madeira, em honra a São Francisco, devoção que traziam da velha Itália. A Capela foi construída a um custo...

Os fundadores de Vale Vêneto, Paulo e Stella F. Bortoluz, foram grandes benfeitores dos pais vêneta. Em sua homenagem, Vale Vêneto está erguendo um monumento que será inaugurado no próximo dia 29, quando do centenário da centésima...

Reportagem produzida para o jornal A Razão.



Texto produzido para o jornal Correio Riograndense em 29 de julho de 1981.

## APÊNDICE G – PAINEL 7: FESTAS



### FESTAS

Com o entusiasmo e a repercussão das comemorações do Centenário da Imigração Italiana em Vale Vêneto, novas festas foram criadas pelo Padre Clementino Marcuzzo atraindo o público.

Em 1984, Padre Marcuzzo criou a Associação dos ex-alunos de Vale Vêneto, que deu início aos Encontros.



Notícia sobre a primeira Festa dos Motoqueiros, em 1979.



Festa dos Motoqueiros realizada em Vale Vêneto no ano de 1981.



Participantes do XX Encontro dos ex-alunos de Vale Vêneto em outubro de 2003 em frente a Igreja Matriz de Corpus Christi.

### SEMANA CULTURAL ITALIANA

Em 1986, paralelamente ao Festival Internacional de Inverno da UFSM, Padre Marcuzzo criou a Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto. O objetivo era preservar as antigas tradições italianas deixadas pelos antepassados, que estavam sendo perdidas. Para isso, promoveu e organizou várias atrações culturais.



Padre Clementino regendo o Coral "Triveneto" com canções italianas apresentadas na Igreja Matriz de Corpus Christi de Vale Vêneto, em 1992.



Apresentação do Grupo de Danças da Bélgica no Ginásio de Esportes da Sociedade Agrícola, Cultural e Esportiva (SACE) no ano de 1992.



Tradicional jogo da Mora praticado pelos imigrantes italianos e apresentado na Semana Cultural Italiana, em 1995.



Padre Marcuzzo narrando o desfile típico no qual moradores locais encenam como a madeira era serrada e fraquejada pelos imigrantes italianos para a construção das casas e galpões na época.



Padre Marcuzzo em meio ao público no Salão Paroquial de Vale Vêneto durante uma das edições da Semana Cultural Italiana em Vale Vêneto.



Padre Clementino Marcuzzo agradecendo a homenagem recebida no XVIII Festival Internacional de Inverno e XVIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto no Salão Paroquial em 2003. Da esquerda para a direita: Paulo Jorge Sarkis (Reitor da UFSM), a esposa Lucy Martins Sarkis, Alzira Guaraldi Severo (Coordenadora do FIUFSM), Valserina Mana Bulegon Gassen (Prefeita do município de São João do Polêsine) e Jairo Nicoloso, prefeito de Silveira Martins.



Pe. Clementino Marcuzzo  
Fundador e Patrono da  
Semana Cultural Italiana  
de Vale Vêneto

Em 2008, Padre Marcuzzo foi homenageado como patrono da 23ª Semana Cultural de Vale Vêneto, pela criação do evento.

# APÊNDICE H – PAINEL 8: PADRE MARCUZZO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VALE VÊNETO



## PADRE MARCUZZO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE VALE VÊNETO

O Padre Marcuzzo criou vários monumentos para homenagear os imigrantes italianos e religiosos que contribuíram para a formação histórica de Vale Vêneto.



Monumento que simboliza a primeira missa celebrada em Vale Vêneto, em 1879.



Padre Marcuzzo, em 1992, conduzindo a inauguração do monumento em frente a Casa Paroquial de Vale Vêneto que abrigou as primeiras vocações palotinas.

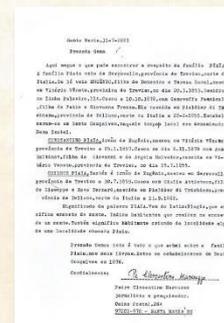


Acervo do MIEM.

Pesquisou a história local e a genealogia de famílias italianas e através de documentos e objetos preservou essa memória no Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo, fundado juntamente com seu irmão Eduardo Marcuzzo, em 1975.



Padre Clementino e sua máquina de datilografia.

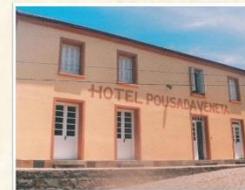


**“Meu sonho é tornar Vale Vêneto, além de ser a Capital Espiritual da Quarta Colônia, a Capital do Turismo da Quarta Colônia Imperial” (MARCUZZO, 2004).**



Padre Marcuzzo discursando na visita do governador Aloeu Collares a Vale Vêneto em março de 1994.

Pensando em oferecer aos turistas uma melhor infraestrutura, Padre Clementino reabriu o antigo Hotel de Vale Vêneto, em meados dos anos 1990, com o nome de Hotel Pousada Veneta.



Criou em 1988, a Associação Cultural dos Imigrantes Italianos de Vale Vêneto, hoje denominada Associação Vêneta de Vale Vêneto (AVE), foi membro de instituições culturais e diretor do Museu Histórico e Cultural Vicente Palotti em Santa Maria e do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM).



Padre Marcuzzo discursando na posse como sócio efetivo da Academia de Letras Municipais do Brasil, seccional do Rio Grande do Sul, em 1991.

## APÊNDICE I – PAINEL 9: O ACERVO



# O ACERVO

Padre Marcuzzo reuniu, ao longo de sua vida, um expressivo acervo composto de diferentes tipos de suporte, com informações sobre a imigração italiana, história local, religiosidade e a cultura italiana, entre outros assuntos. Os materiais constituem-se em fotografias, negativos de filmes, slides, recortes de jornais, manuscritos, cadernos de anotações, livros, revistas, fitas cassete, fitas VHS e objetos.



*Pesquisas.*



*Livros.*



*Fitas cassete e CDs.*



*Jornais e recortes.*

Uma das preocupações do Padre Marcuzzo foi deixar registradas as informações para a posteridade, pois dizia ser consciente da grande importância de guardá-las para a futuro e que preservá-las era uma forma de manter viva a cultura de um povo.



*Fitas VHS.*



*Negativos de filmes.*



*Fotografias.*



*Em 2018 foi realizada uma exposição no MIEM com as fotografias dos casarões da Quarta Colônia registrados pelo Padre Marcuzzo.*

O acervo foi doado ao MIEM em 2017 pelo sobrinho do sacerdote Luiz Marcuzzo, sendo uma rica fonte de pesquisa para a compreensão do contexto histórico e cultural da Quarta Colônia.

Todo esse acervo aguarda tratamento técnico para, após, ser disponibilizado à pesquisa e ao público. Esse trabalho deve servir de inspiração para que novos estudos sejam realizados nessa área, trazendo conhecimento, reflexão e retorno para a comunidade.

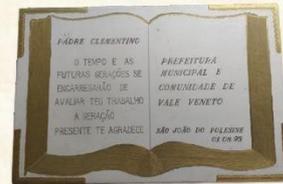
# APÊNDICE J – PAINEL 10: HOMENAGENS, CONDECORAÇÕES E RECONHECIMENTOS

## HOMENAGENS, CONDECORAÇÕES E RECONHECIMENTOS



Homenagem recebida no XIV Festival Internacional de Inverno da Universidade Federal de Santa Maria e XIV Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto, em 1999.

O reconhecimento pelo trabalho realizado pelo Padre Marcuzzo em prol da cultura italiana e divulgação da Quarta Colônia, em especial Vale Vêneto, é demonstrado nas diversas homenagens que o sacerdote recebeu da comunidade, autoridades e entidades ao longo de sua vida e após a sua morte, em 15 de junho de 2009.



Relato do Sr. Tarcizio Bolzan, prefeito de Restinga Seca no ano de 2007..



Estrada Municipal Padre Clementino Marcuzzo.

Conforme a Lei nº 592 de 15 de setembro de 2009, a estrada que dá acesso a casa onde Padre Marcuzzo nasceu passou a chamar-se "Estrada Municipal Padre Clementino Marcuzzo".



Em 17 de outubro de 2010, durante o Encontro dos ex-alunos de Vale Vêneto, familiares, comunidade local, município de São João do Polêsine e Quarta Colônia ergueram na Praça do Imigrante uma estátua medindo 1m80cm de altura em homenagem ao sacerdote.

Estátua do Padre Clementino Marcuzzo erguida na Praça do Imigrante ao lado da Igreja Matriz de Corpus Christi.



Espaço no MIEM dedicado à memória do Padre Clementino Marcuzzo.



Reconhecimento da comunidade de Vale Vêneto ao Padre Clementino Marcuzzo como incentivador e comunicador das tradições e cultura italiana, em ocasião do seu 60º aniversário.

Padre Marcuzzo tornou-se uma referência para a comunidade, elevou a autoestima dos moradores locais com suas ações culturais e divulgou a Quarta Colônia, principalmente Vale Vêneto, sendo lembrado com carinho e gratidão pela comunidade que dedicou um dos espaços do seu museu à memória do sacerdote, que é hoje parte da história local.



Homenagem dos familiares do Padre Clementino Marcuzzo por ocasião de seu Jubileu de Prate Sacerdotal e homenagem do Bispo da Diocese de Santa Maria, D. Hélio Rupert, pelo pioneirismo de Padre Clementino na edição da Revista da Romaria da Medianeira.



Citação sobre o Padre Clementino de Silvino Santin no livro a Imigração Esquecida (1986, p.27).

## ANEXO A – TERMO DE DOAÇÃO DO ACERVO DO PADRE CLEMENTINO MARCUZZO



### TERMO DE DOAÇÃO

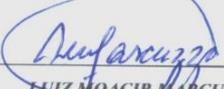
Doador LUIZ MOACIR MARCUZZO Estado civil CASADO nacionalidade BRASILEIRO Nascido 21 / 11 / 1944 profissão APOSENTADO RG 3005477017 CPF 132.3403560 – 72, residente e domiciliado na Rua GUILHERME CASSEL, 23 na cidade de SANTA MARIA - RS, proprietário dos bens abaixo descritos, e tendo autoridade legal para deles me desfazer, expresso por meio deste o meu desejo de doar-los incondicionalmente ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo.

#### DESCRIÇÃO DOS BENS DOADOS:

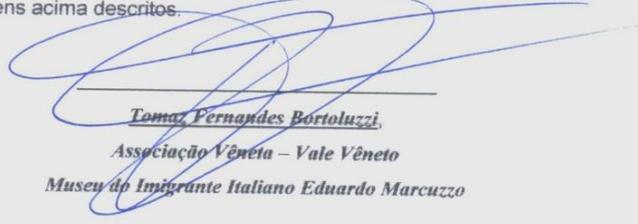
*Batinas, Santinhos, Estolas, Medalhas, Terços, Estojo Santos Olhos, Estojo de Barba, Moedas Antigas, Casaco, Gravador, Rádio, Telefones, Gaita, Escaleta, Monóculos, Slides, Negativos de Fotos, Fitas Cassetes, CDs, DVDs, Discos Antigos, Pedestal Máquina de Fotografia, Missal Romano, Memorial do Festival, Bussola, Boné, Tênis, Gravatas, Fotos de Casarões, Negativos de Filmes, Cartões de Prata de Mérito, Diplomas, Boletins Escolares, Pastas de Música, Pastas diversas, Quadros, Alguns Volumes de Obras, Diversas caixas de Papelão contendo Livros, Coleções, Musicas, Breviários, Castanholas, Malas Velhas, Agendas de Viagens, Certidão de Batismo, Caixas com muitas Fotografias de Famílias e das mais diversas. Todo esse material acima descrito perfazem um total de 102 caixas de Papelão.*

Para levar a cabo este meu desejo, por este instrumento, dou, transfiro e destino a dita propriedade, livre de qualquer ônus, ao Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo renunciando a toda propriedade, direitos, títulos e posse, tudo de conformidade com o Código Civil Brasileiro. Declaro, também, que a doação das citadas propriedades não obriga o doado a conceder, ao doador e seus herdeiros, qualquer privilégio e que a transferência de propriedade dos bens aqui descritos é feita em benefício do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo.

Vale Vêneto, 20 de Abril de 2017.

  
LUIZ MOACIR MARCUZZO  
 RG 3005477017

Eu, Tomaz Fernandes Bortoluzzi, (presidente Interino da Associação Veneta de Vale Vêneto) como representante no momento de um dos departamentos de nossa associação, “Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo” aceito, em nome da Associação Vêneta, a doação incondicional dos bens acima descritos.

  
Tomaz Fernandes Bortoluzzi  
 Associação Vêneta – Vale Vêneto  
 Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo